

teatro da juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Ano 3 - Número 17 - Abril de 1998

Teatro da Juventude



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria da Cultura



Secretaria de Estado da Cultura

Governo do Estado de São Paulo

Mário Covas

Secretário de Estado da Cultura: Marcos Mendonça

Assessoria de Artes Cênicas: Analy Alvarez

Esta revista foi recriada em agosto de 1995, por iniciativa de **Carlos Mecen**i e apoio dos demais membros da **Comissão de Teatro do Conselho Estadual de Artes e Ciências Humanas**, composta na época por:

Afonso Gentil
Analy Alvarez
Efrén Colombani
Luiz Amorim
Vera Nunes
Zecarlos de Andrade

Teatro da Juventude

Ano 3 - número 17 - Abril de 1998

Editora: Erné Vaz Fregni

Revisão: Jônatas Junqueira de Mello

Produção: Glória Inês Barbosa dos Santos

Editoração eletrônica: Peter Kompier

Impressão: Imprensa Oficial do Estado S. A. - Imesp

Tiragem: 10 mil exemplares

Distribuição: gratuita a estabelecimentos de ensino e entidades culturais, da capital e do interior, mediante solicitação por escrito à Comissão de Teatro.

A revista **Teatro da Juventude** é uma publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas destinada a jovens atores e encenadores. As matérias assinadas não refletem, necessariamente, a opinião da revista.

Capa: Flávio Império (in memoriam)

Comissão de Teatro

Rua Mauá, 51, 3º andar

Praça Júlio Prestes São Paulo - SP

CEP 01028-907

EDITORIAL

“Não se pode ensinar coisa alguma a alguém; pode-se auxiliar a descobrir por si mesmo”, dizia Galileu. Acredito, portanto, ser esta a função da cultura e da educação, e é nesse caminho que trilha a **TEATRO DA JUVENTUDE**.

Nesta edição, a revista traz quatro textos, dois dos quais voltados para momentos históricos. São eles *Pedro e Domitila*, de Ênio Gonçalves; e *Uma Rosa para Hitler*, de Roberto Vignati e Greggi Filho. Embora os contextos, como não poderia deixar de ser, sejam até opostos, ambos tratam dos amores de líderes políticos. Com isto, os autores conseguiram atenuar e imprimir uma agradável leveza às temáticas sérias, frutos de extensas pesquisas. *Pedro e Domitila* é uma comédia, e *Uma Rosa para Hitler*, um drama. Em comum, o induzir a reflexão e “auxiliar o jovem a descobrir por si mesmo”.

Quanto ao terceiro texto, *namoro*, de Ílder Miranda Costa, apresenta o cotidiano de três adolescentes e, como tal, garante a empatia do público. Divertida, fez enorme sucesso quando montada em diversas capitais brasileiras.

O texto para crianças, *Uma viagem ao faz de conta*, é de autoria do conteituado e premiado autor de peças infanto-juvenis Walter Quaglia, que dispensa comentários. A seção “Depoimentos” desta vez tem endereço certo. Está dirigida aos grupos, entidades, associações etc., e ensina como fazer leituras dramatizadas de textos teatrais. Quem assina o depoimento é Annita Malufe, presidente da Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro, fundada em 1992 e que notabilizou-se pelas leituras públicas de peças que vêm realizando deste então. Reconhecida pelo serviço prestado à dramaturgia brasileira, a Sociedade mereceu os prêmios Shell, APCA e Aplauso.

A seção “Livros” traz a “Breve História do Teatro Ocidental”, de Marcelo Staionof. Editada pela Livraria Cena Brasileira, uma apostila de linguagem simples voltada para alunos de primeiro e segundo grau e, em especial, a estudantes de artes cênicas. Até a próxima.

Erné Vaz Fregni

PARABÉNS À TEATRO DA JUVENTUDE



Venho por meio desta, cumprimentar toda a equipe de produção da revista Teatro da Juventude, parabenizando-a pelo ótimo desempenho na publicação bimestral de peças e textos sobre artes cênicas. Quero agradecer o apoio que a revista tem nos dado, pois a grande dificuldade que tínhamos em pesquisa foi superada, desde o momento em que tivemos contato com a revista. Ela tem nos ajudado muito na montagem de nossas peças teatrais. Em junho de 1966 fomos à Biblioteca Tobias Rodrigues de nossa cidade, à procura de livros que continham peças teatrais e a bibliotecária nos mostrou suas revistas. No mesmo ano, participamos do Mapa Cultural Paulista, de 5 a 8 de agosto, na Casa de Cultura "Altino Matinez". Foi um sucesso. Na fase regional ganhamos o prêmio de melhor figurino, fomos indicados para o melhor cenário e Christiane da Silva ficou com o prêmio de melhor atriz (...). Ficamos em segundo lugar na classificação geral (...). Baseado nesse sucesso, resolvi escrever à produção, para solicitar exemplares de sua revista, porque as que se encontram

em nossa biblioteca não podem permanecer com uma pessoa por mais de uma semana. Espero a compreensão (...), somos um grupo em uma cidade onde não se tem local adequado para apresentação (...), faltam-nos recursos, patrocínio e apoio da Prefeitura Municipal (...). Mesmo assim, nos restam forças e, se Deus quiser, vamos superar esses conflitos e ganhar o prêmio de primeiro lugar no Mapa Cultural Paulista (...)

*Luis Fernando P. Tavares
Grupo Caleidoscópio
Tupã - SP*

SOLICITAÇÃO DE REVISTAS



Vimos solicitar a especial gentileza de enviar-nos exemplares dos livros TEATRO DA JUVENTUDE, que serão de grande valia para nossos cursos (livres) de dramaturgia. Outrossim, informamos que estamos patrocinando a instalação de uma escola de teatro (ensino profissionalizante), cujo processo está em fase adiantada na Delegacia Regional de Ensino; tal escola

funcionará nos moldes das atuais escolas de formação de atores (EAD, Macunaima, Célia Helena etc.) e contaremos no ensino com professores gabaritados e portadores das especificações legais. Atenciosamente,

*Aristides de O. Campos - presidente
Piracena Soc. Piracicabana
de Cultura e Lazer
Piracicaba - SP*

 *Venho por meio desta solicitar o recebimento da TEATRO DA JUVENTUDE, uma maravilhosa publicação de grande importância para o trabalho da Companhia de Teatro da qual faço parte. A Cia Aturarte é composta por um grupo de jovens atores que está montando a peça "A História de Tião Bolero", de Hugo Possolo (...), um dos textos apresentados por essa revista (outubro/97). Gostaria de aproveitar a oportunidade para pedir as edições passadas. (...) Irei buscar as edições. Grata pela atenção.*

*Renata Bernardis
Cia. Aturarte
São Paulo - SP*

 *O grupo de teatro "Cai Fora Que é Hora da Bóia" vem desenvolvendo o trabalho "O Teatro e a Educação", direcionado às escolas da rede pública e privada, com o objetivo de proporcionar aos alunos o contato com esta forma de manifestação artística, única e efêmera, que contém elementos de, praticamente, todas as outras artes e, sem dúvida,*

constitui, desde a antiguidade clássica grega, meio importante de formação e informação cultural. Entendemos ser de grande importância para este trabalho a coleção TEATRO DA JUVENTUDE que traz, além de informações teóricas, textos de literatura dramática para todas as idades de forma simples e objetiva, facilitando assim a compreensão de um público não muito experimentado na área teatral e, a montagem por grupos amadores. Vimos, por meio desta, solicitar a doação das publicações que integram esta coleção.

*Clayton Edson Campos - diretor do
grupo Cai Fora Que é Hora da Bóia
Jales - SP*

 *Sou professora da rede de ensino particular na cidade de São Paulo, em Taboão da Serra, e venho mui respeitosamente fazer o pedido dos livros TEATRO DA JUVENTUDE que muito servirão para uso em artes cênicas na escola onde leciono.*

*Deise Rodrigues da Silva - professora
São Paulo - SP*

 *Sou professora de português e inglês de 5ª. a 8ª. série e de 2º. grau. Trabalho na FUNDHAS - Fundação de atendimento à Criança e ao Adolescente Prof. Hélio Augusto de Souza - Unidade Dom Bosco, com jovens de 14 a 17 anos, no bairro Campo dos Alemães, em São José dos Campos. Apesar da faixa etária, alguns alunos estão bastante defasados na escola e muitas vezes preciso retornar aos conteúdos de 1ª. a 4ª. série. Gostaria de receber alguns exemplares da revista*

TEATRO DA JUVENTUDE para trabalhar com os alunos durante esse ano letivo.

*Vanya arinho Conrado - professora
São José dos Campos - SP*

✉ *Tive meu trabalho publicado na revista TEATRO DA JUVENTUDE, na edição 14, mas o exemplar fica na minha escola. Gostaria de ter um exemplar para mim. Por favor, envie um exemplar da TEATRO DA JUVENTUDE No. 14. Obrigada!*

Rita Marta Mozetti - autora

✉ *Em primeiro lugar, gostaria de parabenizar a todos por essa maravilhosa revista que, com certeza, ajuda muito a todos nós que nos interessamos por teatro. Faço parte de um grupo teatral e estamos com 15 pessoas. (...) Gostaríamos muito de receber a revista TEATRO DA JUVENTUDE, que nos seria muito útil (...). Abraço a todos.*

*Jaldir Santos Fagundes
Grupo Teatral Santa Clara
Ermelino Matarazzo - SP*

✉ *Gostaria de saber como adquirir a revista TEATRO DA JUVENTUDE. Na nossa escola ministramos aulas de teatro e temos a necessidade de adquirir a revista como material de apoio e consulta para nossos professores.*

*Maria Cristina Fernandes Costa -
Orientadora Educacional
Objetivo Júnior
Jacareí - SP*

Resp. : Veja indicação no final da revista e nos envie as informações necessárias.

AUTORIZAÇÃO PARA MONTAGEM

✉ *Sirvo-me da presente para solicitar a obtenção da autorização do texto de João Falcão "O pequenino Grão de Areia". Em 1988 conheci a montagem de um grupo de Rio Branco, no Acre. Na ocasião estava Waldir Ramos que em 89/90 fez a montagem em São Paulo da qual participei. Hoje moro em Ilha Comprida, localizada no Vale do Ribeira, região mais pobre do Estado de São Paulo. Desenvolvo um trabalho teatral com crianças de 7 a 14 anos no "Projeto Brasil Criança Cidadã", que atende 100 crianças carentes. Este Projeto é do Governo Federal em parceria com o Município, representado pela Secretaria da Criança, Família e Bem-Estar Social. o Projeto não tem condições de pagar ônus, mas terá a maior honra de poder montar este texto lúdico, o que engrandecerá nossas crianças. E como tenho a referência das duas montagens, acredito poder fazer um trabalho digno. Informo ainda que as apresentações não serão comerciais, serão apresentadas nas cidades vizinhas, que também participam do Projeto Brasil Criança Cidadã. (...)*

*Katita Robattini
Ilha Comprida - SP*

Resp. : Katita, leia o "Aviso Importante", publicado na última página da TEATRO DA

*JUVENTUDE, sobre encenação das
peças publicadas.*

*Sidônia Rossa
Creche Padre Dino Agostini
São Manoel - SP*

FLORES E ESPINHOS



*Nem tudo foram flores no ano que
passou. Mas se espinhos houve, foi como
incentivo que os recebemos. E ao nosso
saldo positivo de alegrias, se junta a
satisfação maior de havermos contado,
como sempre, com a colaboração
incondicional dos prezados amigos. Para
você, nossa grata retribuição e um
proveitoso ano novo.*

*Grupos Teatrais Atos & Cenas/
Faz & Conta
Casa da Cultura Prof. "Maria Bove
Coneglian"*

*Ronivaldo Moura
Prefeitura M. de Pontalinda
Pontalinda - SP*

*Souzani Angelo Carli
Pastoral da Juventude
Dois Vizinhos - PR*

*Lázaro Constant Minguzzi
EEPG Leopoldo Paviotti
Monte Mor - SP*

*Francisco Cesar Cestari
Centro Cultural "Nilson Prado Telles"
Dois Córregos - SP*

*Waldir Silva
Colégio "Mater Amabilis"
Guarulhos - SP*

**SOLICITAÇÕES DA TEATRO DA
JUVENTUDE PELO PREENCHIMENTO DA
FICHA PUBLICADA NO FINAL DA
REVISTA**

*Luiz Carlos Laranjeiras
Teatro Impasse de Mágica
São Paulo - SP*

*Renato Marcelo Jacob
Espaço Cultural Star (E. C. U. S)
Santo André - São Paulo*

*Luiz Carlos Domingues
N. E. E. T. Casa Nossa
São Paulo - SP*

*Sandro Ilídio da Silva
Fundhas - Unidade Dom Bosco
São José dos Campos - SP*

*Waldires Bruno
Serviço Social do Comércio - SESC
Santos - SP*

*Alberto Emiliano
T. E. G. Teatro Experimental de
Guaranésia - Guaranésia - MG*

*Guilherme Sester Araújo
São Paulo - SP*

*Wagner Heinick
Grupo Teatral Força Local
Juquiá - SP*

*Denise Miranda
Grêmio Estudantil "Paulo Freire"
EEPSG "Keizo Ishiara"*

Severino Batista da Silva
Oficina de Artes "By Billy"
São Paulo - SP

Iracema L. Carrascoza
EEPG "Prof. Carlota de N. Rocha"
Marília - SP

Selma Macedo
Grupo Miscelânea Teatral
Altinópolis - SP

Jeferson M. da Silva
Apocalipse no Palco por Jesus
Salto de Pirapora - SP

Silvana Flávia Rossi Cervi
Biblioteca Municipal "Dr. Carlos de
Rezende Enout"
São Joaquim da Barra - SP

ESCREVA PARA **CARTAS**

A seção **Cartas** é um canal direto entre você e a **Teatro da Juventude**.
Comuniquê-se - por carta ou fax - enviando sugestões, dúvidas, opiniões,
críticas e informações.

MUDOU O ENDEREÇO, AGORA É:
Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
RUA MAUÁ, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP
CEP 01028-907

SUMÁRIO

Depoimento

Como fazer leituras dramatizadas de textos teatrais	12
Annita Malufe - Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro	

Livros

Breve História do Teatro Ocidental	15
Marcelo Saionof	

Textos

Infantil

Viagem ao faz de conta	17
Walter Quaglia	

Adolescente / Adulto

Namoro	37
Índer Miranda Costa	
Uma Rosa para Hitler	57
Roberto Vignati e Gregghi Filho	
Pedro e Domitila	83
Ênio Gonçalves	

DEPOIMENTO

COMO FAZER LEITURAS DRAMATIZADAS DE TEXTOS TEATRAIS

Annita Malufe - Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro*

Quem já assistiu a uma leitura dramática de um texto certamente teve a impressão de que sua realização é muito simples. No entanto, para que seja uma boa leitura, e realmente transmita a intenção do texto, atraia público e produza um debate posterior, é preciso que seja muito bem organizada.

Nós, da Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro, vimos realizando leituras de peças continuamente há seis anos, todas as segundas-feiras, às 20h30, e hoje estamos no 7º Ciclo de textos inéditos de autores nacionais.

Podemos dizer, portanto, que nos profissionalizamos na promoção dessas leituras. Tanto que, em reconhecimento ao nosso trabalho, em 1994, recebemos os prêmios Shell, APCA e Aplauso, e constantemente somos convidados para realizar leituras dramáticas fora da capital paulista.

Aos grupos, entidades e associações que desejam realizar leituras dramáticas, tentaremos passar os

pontos mais importantes para um bom resultado do evento:

Seleção de textos – Tudo começa pela seleção dos textos. Devem ser teatrais e de qualidade. Textos literários jamais produzem boas leituras. Os temas devem oferecer uma estrutura dramática e, de preferência, apresentar temáticas que interessem à comunidade. Caso sejam selecionados textos para um ciclo de leituras, é muito interessante mesclar peças de autores consagrados com inéditos, nacionais e para poder traçar parâmetros comparativos. O elo entre elas deve ser a qualidade. A Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro, além das leituras de textos inéditos de autores nacionais, periodicamente tem realizado ciclos específicos, como de clássicos da dramaturgia moderna universal. Atualmente, estamos promovendo o ciclo “A comédia através dos tempos”, que até o final do ano, nas últimas segundas-feiras do mês, estaremos lendo os autores mais representativos no gênero, a fim de estudar e discutir

a comédia universal e seus grandes comediógrafos.

Cronograma – Se for realizado um ciclo de leituras, é importante traçar um cronograma, sejam elas apresentadas durante uma semana, um mês etc. Nossos ciclos de leituras, por exemplo, têm transcorrido de março a dezembro com cronograma para, no mínimo, seis meses de leituras.

Direção – A escolha do diretor deve ser muito cuidadosa porque dirigir leituras é muito diferente de dirigir montagens. A leitura exige do diretor uma atenção especial para que possa passar, apenas por palavras e poucos gestos, a intenção do autor. Já aconteceu de bons diretores, acostumados com efeitos especiais e montagens exuberantes, atrapalharem-se quando na direção de uma leitura pública. Nas leituras, muitas vezes as rubricas e algumas sutis adaptações são imprescindíveis para a compreensão do texto.

Elenco – Os atores não têm que ser selecionados necessariamente pelo tipo físico porque o importante não é o que se vê, mas sim o que se ouve. É quase um processo de radionovelas, em que as emoções são passadas apenas pela voz. Leituras, portanto, requerem ensaios. Somente atores muito experientes conseguem captar o texto e transmitir essa emoção numa primeira leitura. Os demais devem ensaiar, pontuar as pausas, as respirações etc.

Rubricas – Apesar de extremamente importantes na leitura e auxiliarem na

compreensão do texto, as rubricas devem ser selecionadas para não interromper o ritmo da peça. Rubricas excessivas comprometem o desenvolvimento do texto. É preciso um perfeito equilíbrio.

Ritmo – Leituras devem ser ágeis, mais ágeis que a representação porque não tem movimento.

Objetos cênicos – Devem ser evitados objetos nas mãos dos atores porque, como eles estão segurando o texto, estes só atrapalham.

Luz e som – Uma leitura pode perfeitamente ser realizada sem efeitos de luz e som. Em nossas apresentações os efeitos de luz são bem simples, limitando-se a poucos refletores, e o som é obtido por um gravador com amplificadores.

Programa – Quando a leitura é pública, um programinha simples feito em computador, em preto e branco, é interessante por registrar o evento. Costumamos colocar a ficha técnica da peça e um “currículo” resumido do autor.

Leitura propriamente dita – Antes de iniciar a leitura, o ideal é fazer uma apresentação do autor, do diretor e do elenco. Se o autor é conhecido, fazer uma exposição sobre seus trabalhos, falar sobre o período no qual a peça foi escrita, qual sua importância histórica e comprometimento social, onde foi apresentada anteriormente e outras informações consideradas interessantes e enriquecedoras.

Debates – Após a leitura, os debates são importantes, principalmente quando o texto é inédito, porque apontam as falhas e oferecem ao autor a oportunidade de melhorá-lo. Nossa experiência demonstrou que o debate enriquece o universo do autor e dos participantes. Muitos dos autores, ao perceberem falhas dos textos, acabaram por reescrevê-los, e peças medianas tornaram-se peças boas que inclusive foram montadas e obtiveram sucesso comercial. Se o autor for consagrado, o debate é útil para colocar em discussão a obra, sua importância e o que ele deseja transmitir.

Para finalizar, queremos informar aos grupos, entidades, associações que a Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro está à disposição para orientação e envio de monitores

àqueles que desejarem organizar leituras ou ciclos de leituras de textos teatrais. Maiores informações podem ser obtidas pela revista ou às segundas-feiras, a partir das 20h30, no Café Teatro Sandro Polloni, no Teatro Maria Della Costa (rua Paim, 72 - Bela Vista. Tel. : 256-9115), onde estamos realizando as leituras. E, se você ainda não nos conhece, sinta-se nosso convidado e seja bem-vindo! Toda segunda, estamos lá!

***Anitta Malufe** é presidente da **Sociedade Lítero Dramática Gastão Tojeiro**, fundada em 1992. No decorrer desses anos, realizou mais de 150 leituras públicas de peças inéditas de autores nacionais, recebeu os prêmios Shell, APCA e Aplauso, e produziu, no projeto "3 em Cena", três peças selecionadas nas leituras: "O Ovo do Cramulhão", "Você tem medo do ridículo, Clark Gable?" e "Na Toca da Raposa."

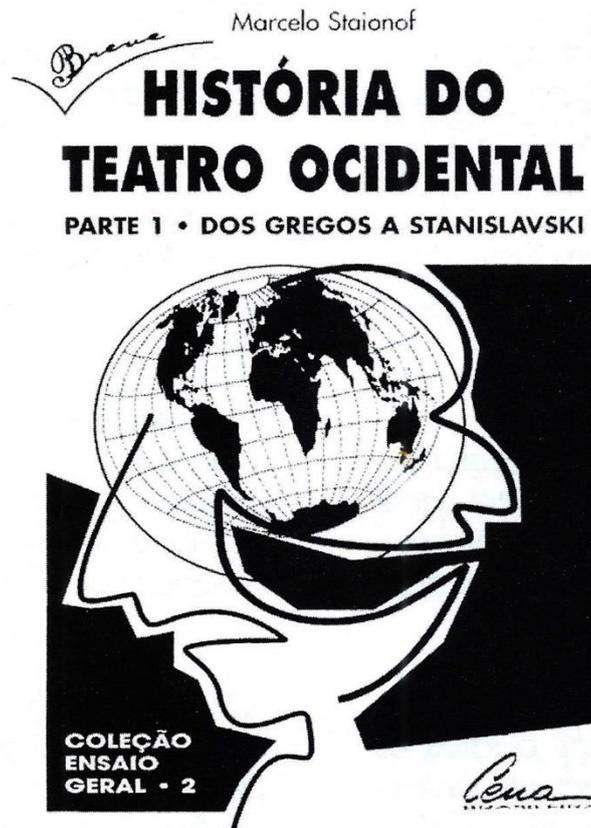
LIVROS

BREVE HISTÓRIA DO TEATRO OCIDENTAL

Breve História do Teatro Ocidental, de Marcelo Staionof, Editora Cena Brasileira, 65 págs. Apostila dirigida a alunos de primeiro e segundo grau e, especialmente, estudante de artes cênicas, o texto faz parte da Coleção Ensaio Geral que, de acordo com a editora, "tem por objetivo contribuir para o fazer teatral em nosso país, seja no palco ou no ensino". O autor, Marcelo Staionof, é professor de história do teatro na Fábrica - Escola de Teatro e no Centro de Artes do SENAC/SP. A obra, portanto é bem didática e tem uma linguagem simples e

de fácil compreensão. Numa viagem através dos tempos, com enfoque sobre as artes cênicas, o texto nos leva pela história da humanidade e, em nove capítulos consegue mostrar um panorama geral do teatro ocidental. Inicia com o

surgimento do teatro e, depois de passar pelo Teatro Grego, Teatro Medieval, Commedia Dell'Arte, Renascimento, Teatro Elisabetano, Classicismo Francês, Romantismo e Realismo, conclui com o mestre dos mestres, Stanislavski. Em cada época, uma parada para mostrar seus costumes e seus dramaturgos, com pinceladas sobre seu perfil e história de vida.



Trechos do livro

"Téspis, jovem natural de Icaria, na Ática, é considerado o criador do Teatro, quando, audaciosamente, se fez passar pelo próprio Dioniso durante um de seus festejos."

"Sendo o teatro um ato religioso, tal qual os sacerdotes do culto de Dioniso, os atores deviam ter seus seu corpo totalmente coberto (somente as mãos ficavam visíveis), para que o seu "eu" fosse totalmente anulado."

"A Ésquilo, o primeiro dos três grandes trágicos gregos, atribui-se, segundo Aristóteles, o mérito de ter incluído em cena o segundo ator (até então o ator dialogava com o coro e consigo mesmo trocando as máscaras)."

"Aristófanes foi o principal representante da Comédia Grega, o único que o tempo permitiu a leitura de suas peças (...). Com Aristófanes o plano da comédia elevou-se; embora sua linguagem fosse, às vezes, indecente, soube aliá-la à poesia e, principalmente, com uma crítica autêntica e construtiva."

"Mais para o profano que para o religioso, a Sotie era uma sátira onde todos os seus personagens eram loucos e, portanto, podiam dizer verdades não religiosas."

"Enquanto os espetáculos litúrgicos eram representados pelos padres, os atores profissionais viagavam pelas feiras e estradas, longe dos olhos vigilantes da Igreja, fazendo suas encenações sobre carroções."

"Com o Renascimento, o duelo já não se estabeleceria mais entre teatro religioso e teatro profano, mas sim entre teatro erudito (literário) e teatro popular (improvisado)."

"O traje típico do Arlequim consistia, originalmente, numa roupa comum de criado, com remendos de várias cores."

"Várias são as versões sobre o motivo que teria levado Shakespeare a Londres. (...) arranhou emprego na Companhia de lord Chamberlain, a princípio como guardador de cavalos, depois como copista de textos, refundidor, ator e, por fim, dramaturgo."

"Para Shakespeare, a chave da vida é a afirmação da individualidade: o homem luta contra o homem e não contra o destino."

"Comenta-se que o sonho de Molière era o de escrever tragédias".

"O austríaco August Strindberg, permanece na galeria dos grandes nomes da dramaturgia mundial, mas não pelos ideais naturalistas, que ele mesmo acabou por abandonar, mas sim pela qualidade de suas peças."

"Coube a ele, Stanislavski, sistematizar os conhecimentos intuitivos de grandes atores que captaram no ar o que se pretendia do novo estilo, em especial os atores italianos Tomaso Salvini e Eleonora Duse".

Infantil

Viagem ao faz de conta
Walter Quaglia

VIAGEM AO FAZ DE CONTA

Walter Quaglia

PERSONAGENS

Juca
Purpeta
Florisbela
Folhisberto
Princesinha
Chico Alfinete

1º ATO

Quintal da casa de Juca com algumas árvores, flores e uma pequena casa com chaminé. Juca está sentado num banco lendo um livro, tendo a seu lado seu cachorro, Purpeta, e sua gata, Florisbela. Os três estão de costas para o público. Sem que Juca perceba, a gata e o cachorro se hostilizam. Quando Juca olha, eles ficam quietos. Finalmente Florisbela dá um empurrão em Purpeta que revida puxando o rabo da gata.

FLORISBELA: Miauuuuu!

(Colocando-se, assim como Purpeta, em posição de briga).

PURPETA: Au, Auauauauauau.

JUCA: Outra vez? Parem com isso! Se vocês não brigarem eu arrumo uma brincadeira para nós três. Tá legal? *(Purpeta e Florisbela relaxam-se).* Vou atirar esse pedaço de pau e vocês me trazem, que tal? Então lá vai. *(Atira o pau, Purpeta e Florisbela*

correm para pegá-lo, chegam juntos e brigam para ver quem fica com ele). Puxa! O que é isso? Onde já se viu? Será que vocês não sabem brincar juntos?

PURPETA *(Latindo e gesticulando):* Au au auauauau.

(Fui eu que peguei primeiro).

JUCA: Florisbela, ele diz que pegou primeiro.

(Estende a mão para ela, que ficou com o pedaço de pau).

FLORISBELA: Miau! *(Imagine)* Miau *(não)* miau miau *(fui eu).*

JUCA: Bem, como eu não vi, não dou razão pra ninguém. E já que vocês vivem sempre brigando... *(Reparte o pau em dois)* cada um agora vai buscar sua metade. Esta aqui é do Purpeta e esta da Florisbela.

(Atira as duas metades, os dois correm para o mesmo pedaço e vão começar a briga anterior quando Juca interrompe).

JUCA: Qual! Não adianta, vocês não

aprendem mesmo! Purpeta, a sua metade é aquela.

(Purpeta acabrunhado vai buscar a outra metade).

FLORISBELA *(Com ar de vitória)*: Miau.

PURPETA: Au au auauauauau *(Ela fica me provocando).*

(Juca olha para os dois, que se acalmam.)

JUCA: Nessa situação não podemos continuar. Vocês parecem gato e cachorro... Bem, vocês são, mas mesmo assim deveriam se entender. Por que estão sempre brigando?

PURPETA/FLOR: *(Gesto de interrogação sem resposta.)*

JUCA: Tem que ter uma explicação! *(Purpeta e Florisbela começam a latir e miar de maneira absurda.)*

JUCA: Não adianta! Não consigo entender esses dois. Se ao menos falassem como eu!?... Isso! Se eu fizer de conta que vocês falam, talvez consiga entender. *(Os dois concordam.)* Então faz de conta que os bichos falam. Purpeta, por que é que vocês brigam?

PURPETA: Au, au...

FLORISBELA: É pra falar como gente, seu bobo.

PURPETA: Está vendo? Ela vive me provocando, é por isso que nós brigamos.

FLORISBELA: Ah! Que mentiroso... Quem é que puxou meu rabo?

PURPETA: Eu puxei, porque...

JUCA: Parem, por favor. Vocês falam para resolver o problema ou para discutir!

PURPETA/FLOR: Desculpe.

PURPETA: Pra dizer a verdade não sei por que a gente briga.

JUCA: E você, Florisbela?

FLORISBELA: Hum?... não sei. Mas a mãe dele, brigava com meu pai.

PURPETA: Era a sua mãe que brigava com meu pai. Não, quero dizer, era o seu pai que brigava com a minha mãe.

FLORISBELA: Brigava porque gato e cachorro sempre brigaram. Hum! *(Mostra a língua.)*

JUCA: Não é possível! Eles sempre brigaram, mas agora vocês vão parar.

PURPETA: Mas como?

JUCA: É só querer. Vocês me ajudam?

PURPETA: Eu ajudo.

FLORISBELA: Eu também. Mas acho que não tem jeito.

JUCA: Vamos dar um jeito. Li neste livro que existe o pomo da concórdia.

PURPETA: Pomo da concórdia?

JUCA: Pomo é maçã. Pomo da concórdia é maçã de se dar bem, a maçã da amizade.

FLORISBELA: E pra que serve essa tal maçã?

JUCA: Aqui explica tudo, vou ler. *(Abre o livro e lê.)* "E os inimigos que comessem o pomo da concórdia se tornariam bons amigos". Isto é, aqueles que brigam, ficarão amigos comendo a maçã da amizade.

PURPETA: É. Mas onde podemos encontrar a tal maçã?

JUCA: Aqui também diz: quem sabe onde estão essas coisas é o "seu Folhisberto Sabitudo".

FLORISBELA: Isso é bobagem. Você está lendo um livro sobre "O mundo do faz de conta", portanto tudo é mentira.

JUCA: Vocês já falam, não falam. Se o mundo é do faz de conta nós vamos até lá.

PURPETA: Para procurar o seu Sabitudo?

JUCA: E achar a maçã da amizade.

FLORISBELA: É, muito bonito. Mas como se vai até esse mundo?

JUCA: Deve ter um jeito... Vocês vão me ajudar, não vão?

(Purpeta e Florisbela se entreolham).

FLORISBELA: Vamos! Acho que vamos.

PURPETA: Claro!

JUCA: Ótimo. Então vejamos...

Queremos ir ao mundo do faz-de-conta, mas nós moramos aqui que é a Terra... Então, o mundo do faz-de-conta deve ser um planeta.

PURPETA: Isso mesmo, é um planeta!

JUCA: Se é um planeta, precisamos de um foguete.

FLORISBELA: E onde vamos achar um foguete?

JUCA: Podemos fazer um!

PURPETA: De que jeito?

JUCA: Nós não vamos a um planeta faz-de-conta?

PURPETA/FLOR: Vamos!

JUCA: Então podemos fazer um foguete faz de conta!

FLORISBELA: É, mas como se faz esse foguete?

JUCA: Podemos começar com o meu carrinho *(Traz um carrinho.)* Essa é a estrutura... Vamos! Pensem. Que mais?

(Música da construção do foguete.)

JUCA: Para viajar no espaço É preciso um avião.

PURPETA: E pra fazê-lo a fogo e aço muito tempo não se encontra.

FLORISBELA: O melhor é darmos asas à nossa imaginação.

TODOS: E teremos um foguete feito assim ao faz-de-conta.

JUCA: O carrinho pode ser perfeitamente uma base.

PURPETA: E a chaminé da casa outra parte bem viável.

OS DOIS: Veja bem que com vontade pouco a pouco ou quase quase vê-se agora à nossa frente um foguete até que usável.

FLORISBELA: Faltam ainda as bandeirinhas... para indicar a procedência.

PURPETA: Do veículo que vai viajar às terras novas aqui estão as bandeirolas, excelência.

JUCA: E assim está pronto o foguete para seguir nossa rota, buscando a maçã da concórdia sabemos ninguém nos derrota.

TODOS: *(Bis da última estrofe.)*

FLORISBELA: Que beleza!

PURPETA: Fui eu que tive a idéia da chaminé.

FLORISBELA: É, mas a bandeirinha é minha idéia. E é muito mais bonita que a sua chaminé.

JUCA: Isso não tem importância. O que interessa é que o foguete está pronto. Eu sou o comandante *(tomando ares)* e não admito brigas na minha tripulação. Se querem subir no foguete tem que ser disciplinados. Concordam?

FLORISBELA: Eu sou a espaçomoça.

JUCA: Certo. Eu sou o comandante e piloto.

PURPETA: E eu o que sou?

JUCA: Você é a propulsão.

PURPETA: E o que é a propulsão?

JUCA: Você vai atrás empurrando.

PURPETA: Ah!

FLORISBELA: Passageiros queiram tomar seu lugares. *(Juca senta à frente, a gata atrás e Purpeta de costas para ela com os pés no chão para empurrar o carrinho.)* Passageiros queiram apertar os

cintos, vai ser dada a partida.

JUCA: Atenção! Dez, nove, oito... três, dois, um, fogo! *(O carrinho sai andando)* Rumo ao mundo do faz de conta!

(Música - Rumo ao Faz-de-conta)

TODOS: Se todos procurassem o pomo da concórdia seria maravilha na Terra se viver.

JUCA: Já pensou se a lua é perto e num pulo eu lá chegar e ter lá quintal bem grande bem bacana pra eu brincar.

PURPETA: E um osso de um tamanho que chega a nem ter fim tão grande e tão gostoso todinho só pra mim.

JUCA/PURPETA: Comece Florisbela falar que a vez é sua o que você faria se a gente fosse à Lua?

FLORISBELA: Que tenha muito leite laranjas num pomar.

JUCA/PURPETA: Doces, balas! Sorvetes! e num telhado ao luar.

JUCA: Mas não se esqueçam nunca que a maior missão é o pomo da concórdia que nós vamos trazer.

TODOS: Pra nunca mais haver briga pra nunca mais haver briga nunca mais haver briga entre nós.

TODOS: *(Bis da última estrofe.)*

TODOS: Vamos rumo ao faz-de-conta vamos viajando pelo espaço.

JUCA: Olha os astros.

FLORISBELA: A estrelinha!

PURPETA: Tá caindo.

JUCA: Mas que lindo!

TODOS: Vamos rumo ao faz-de-conta vamos, vamos bem depressa temos certeza de chegar breve rumo ao faz de conta

Vamos

Rumo ao faz-de-conta

Breve

Rumo ao faz-de-conta

Vamos.

(No transcorrer da música anterior o quintal da casa de Juca transforma-se no céu estrelado. Acima das nuvens, onde tudo flutua, o foguete surge num plano superior; como que voando.)

FLORISBELA: Veja quantas estrelinhas!

PURPETA: Onde?

FLORISBELA *(Apontando a platéia):* Ali! Não está vendo?

PURPETA: É mesmo! Tem estrelinhas e estrelonas.

JUCA: E astros também.

FLORISBELA: Tem astros pais e astros filhos.

PURPETA: Olha! Aquele é tão pequenininho... deve ser um satélite.

FLORISBELA: É tudo tão lindo.

JUCA: Olha a lua!

PURPETA: Puxa, como é grande...

FLORISBELA: Mas é 49 vezes menor do que a Terra.

JUCA: Imagine! O homem já esteve lá.

PURPETA: Já pisou na lua.

FLORISBELA: Pra mim ainda é dos namorados.

(Nesse ínterim entra pelo outro lado do proscênio o seu Folhisberto Sabitudo. Ele também flutua, escreve num

grande livro e de vez em quando olha por um binóculo para a platéia, depois, volta a escrever.)

JUCA: Chi! Há uma coisa estranha no caminho.

PURPETA: Que é? Parece...

JUCA: Parece um homem!

PURPETA: Será que é Deus?

FLORISBELA: Não! Deus está no céu de verdade. E este céu é o do faz-de-conta.

PURPETA: Ah! Mas quem será então?

JUCA: Vamos parar. Talvez ele possa nos ensinar o caminho.

(Descem do foguete e rodeiam Folhisberto com curiosidade. Este nem sequer os nota e continua no seu jogo de olhar pelo binóculo e escrever.)

FLORISBELA: Cavalheiro! O senhor saberia...

JUCA: Por favor, cavalheiro. Eu queria saber...

JUCA *(Como não é notado aumenta o tom):* Cavalheiro! Por favor!

PURPETA: Moço!

OS TRÊS: Moço! Cavalheiro!

FOLHISBERTO: Agora não posso. Estou muito ocupado, muito ocupado.

JUCA: Só queria saber se o senhor conhece o seu Folhisberto Sabitudo.

FOLHISBERTO: Folhisberto Sabitudo... Saber... Ah? Vocês querem uma informação? Eu estou sempre disposto a dizer qualquer coisa. Qual é mesmo a informação que desejam?

JUCA: Queria saber onde posso encontrar o seu Folhisberto Sabitudo.

FOLHISBERTO: Folhisberto Sabitudo... *(Procura no livro.)* Folhisberto, folha, folhi, f., f., fa, folha, Folhisberto. Está aqui *(Lê.)* Folhisberto Sabitudo... sou eu mesmo.

JUCA: O senhor mesmo!

PURPETA: O senhor, ah, ah...

FOLHISBERTO: Exatamente.

JUCA: Muito prazer. *(Tom.)* Mas o senhor não morava no mundo do faz-de-conta?

FOLHISBERTO: Morava. Mas mudei, mudei.

FLORISBELA: Por quê?

FOLHISBERTO: É que eu quero estar

mais perto da Terra para observar.

JUCA: E depois tomar nota.

FOLHISBERTO: Exatamente.

PURPETA: Então o senhor sabe tudo mesmo?

FOLHISBERTO: Sei.

JUCA: A gente queria saber onde está o pomo da concórdia.

FOLHISBERTO: Pomo da concórdia?

Ah... dessas coisas eu não tenho mais notícias. Concórdia... Não sei de nada. É preciso trabalhar. Com licença.

(Volta a olhar para a platéia, através do binóculo, e a escrever.)

JUCA: Mas estava escrito no meu livro que...

FLORISBELA: Por favor, seu Sabitudo, ajude o Juca.

PURPETA: É, veja se descobre nesse livrão o tal pomo da concórdia.

FLORISBELA: O Juca está procurando o pomo da concórdia para dar a esse aí, para ver se ele melhora. Ele vive me provocando.

PURPETA: Mentira. É você que precisa da maçã, é por sua culpa...

FLORISBELA: Minha culpa? Ah, que mentiroso, seu petulante, seu...

JUCA: Olha, se vocês querem brigar, briguem. Eu volto para a Terra agora mesmo.

PURPETA: Não faça isso!

FLORISBELA: Por favor, Juca!

JUCA: Eu queria achar a maçã da amizade, mas o seu Sabitudo não sabe nada. Acho que é melhor voltar.

FLORISBELA: E se você insistisse mais um pouquinho com ele?

JUCA: Devo insistir, Purpeta?

PURPETA: É melhor, assim nós podemos brincar de foguete mais um pouquinho.

JUCA: Ah! Então é só por isso que você veio procurar a maçã?

PURPETA: Bem... Não... Eu também quero comê-la... Quero dizer... Quero comer a maçã para ficar amigo da Florisbela.

JUCA: Está bem. Então vou tentar outra vez. *(Dirigindo-se à Folhisberto.)*

Magnífico Sr. Folhisberto
(Folhisberto olha pavoneando-se.)
Sua excelência não podia fazer uma forcinha para lembrar onde está o pomo da concórdia?

FOLHISBERTO: Não adianta menino. Só sei aquilo que eu tomo nota e essas notas da amizade eram tão antigas... E como ninguém se interessava por elas... acabei jogando fora. No momento só me interesse pelo que tem lá na Terra *(Olha no binóculo.)* Ah, ah, tem tanta briga, tanta confusão e por isso todos se interessam. Dizem até que esse negócio de amizade... *(Olha novamente.)* Ah! Agora é cada um por si. Que tapeação formidável.

(Toma nota.)

JUCA: Quer dizer que as notícias da amizade...

FOLHISBERTO: Joguei, joguei fora.

FLORISBELA: E não lembra onde jogou?

FOLHISBERTO: *(Recordando, feliz e conformado.)* Eram notícias boas aquelas... E tinha inclusive um mapa de onde se encontra o pomo da concórdia... Ah, meus segredinhos... Onde deixei não lembro. Não adianta.

JUCA: Então, pessoal vamos continuar procurando. Até logo.

FOLHISBERTO: Ah... você até que trouxe aqui uma briguinha interessante, deixe-me anotar antes que

esqueça.

(Os três sobem desanimados no foguete, dão meia-volta e se afastam.)

FOLHISBERTO: Ei! Esperem!

JUCA: O que foi?

FOLHISBERTO: Me lembrei.

PURPETA: Oba!

FOLHISBERTO: Me lembrei onde está o mapa, ou melhor, com quem está!

JUCA: Então fala!

FOLHISBERTO: Eu não joguei fora não... Dei o mapa para a princezinha das bolas de gás.

PURPETA: Das bolas de gás?

JUCA: E onde podemos encontrar essa princesa?

FOLHISBERTO: Ora, no Reino das Bexigas.

FLORISBELA: Reino das Bexigas?! Onde fica?

PURPETA: Tá vendo como você não sabe nada?

FLORISBELA: E você sabe?

JUCA: Deixem ele falar!

FOLHISBERTO: Fica lá onde eu morava antigamente, no mundo do faz-de-conta.

PURPETA: Oba! Vamos embora.

FLORISBELA: Apressadinho, nós nem agradecemos.

JUCA: Obrigado seu Sabitudo!

FLORISBELA: Obrigado seu Sabitudo, muito obrigado por tudo!

PURPETA: Felicidades!

(Eles sobem no foguete e partem, distanciando-se de Folhisberto.)

FOLHISBERTO *(Melancólico):*

Felicidade? Amizade? Seria bom... mas na Terra só querem briga, guerra... Amizade? Seria bom... como seria bom... seria bom...

(Música - Se eu pegasse uma estrelinha)

JUCA: Se eu pegasse uma estrelinha

pra levar pro meu quintal
será que faria falta
vejo tantas cá no céu.

PURPETA: Com o fio de uma cauda
de um cometa que passar
posso misturar aqui
meu rabinho vai brilhar.

FLORISBELA: E o anel que tem Saturno
pediria emprestado
botaria no meu dedo
com carinho e com cuidado.

PURPETA/JUCA: E as gatinhas dos
vizinhos nunca viram coisa assim.

FLORISBELA: Todas elas com inveja
olhariam só prá mim.

PURPETA/JUCA: Que bonita essa
gatinha
até parece uma rainha.

TODOS: Vamos rumo ao faz-de-conta,
Vamos, vamos viajando
Vamos já está chegando
Vamos já está chegando.
(Aos poucos o espaço vai se transformando no Reino das Bexigas. É um lugar estranho, lindo e colorido. O céu tem duas luas perdidas no horizonte, atrás de montanhas de outro planeta. À frente existem várias árvores de bolas, das quais destacam-se uma onde está a bexiga principal, mãe de todas. Num dos lados um amontoado de bexigas que se confunde com outras soltas e voando; de tempos em tempos esvoaçam bolinhas de sabão.)

FLORISBELA: Quantas bexigas! De todas
a cores e tamanhos!

PURPETA: Olhe! Uma árvore de
bexigas!

JUCA: Nunca pensei que houvesse um
lugar assim.

FLORISBELA: Que lindo!

PURPETA: Será que aqui tem
marciano?

FLORISBELA: Ri, ri, ri, ri.

PURPETA (*À Florisbela*): Você sabe se
não tem?

JUCA: Bem, Purpeta, acho que
marciano só tem em Marte.

PURPETA: Mas então se em Marte tem
marciano, aqui tem bexigano?

FLORISBELA (*Assustada*): É... eu vi um
bexigano de vinte perninhas ali
atrás.

PURPETA: Onde?

FLORISBELA: Em cima de cada quatro
perninhas ele tinha três cabeças.
Enquanto uma mostra a língua a
outra fez miiii.

PURPETA: Onde, onde? Aiiii!

JUCA: Não seja bobo, é invenção dela.
O que nos interessa agora é
encontrar a Princesa.

PURPETA: Eu... eu tô com medo...

JUCA: Seja mais corajoso Purpeta.
Precisamos é achar a Princesa...
Mas onde?

PURPETA: Não sei.

FLORISBELA: Não sabe.

JUCA: Se não sabemos, precisamos
procurar. Acho melhor cada um ir
prum lado, eu procuro lá embaixo,
o Purpeta ali e você por aqui.
Tudo bem?

PURPETA: Falou!

FLORISBELA: Tudo bem. (*Juca sai.*) Um
cachorrão tão grande e tão
medroso, seja como eu uma
gatinha corajosa.

PURPETA: Não me provoca, não me
provoca.

(Purpeta procura à esquerda, saindo às vezes. Florisbela frivolamente por todo o palco. Os dois sem se verem anteriormente dão cara a cara.)

PURPETA: Auuuuuuuuuu.

FLORISBELA: Mi, mi, miau
(Desmaia.)

PURPETA: Fala alguma coisa, por favor.

Florisbela! Levanta! Fala alguma coisa... Florisbela.

JUCA (*Entrando*): O que foi? Viram alguma coisa?

PURPETA: Eu não vi nada.

JUCA: E ela?

PURPETA: Desmaiou de susto.

JUCA: Florisbela, Florisbela.

FLORISBELA: Miauuuuu.

JUCA: Você não tinha mais o que inventar, vamos levante-se.

(Enquanto Juca tenta levantar a gata, Purpeta vê um monte de bexigas e começa a tremer.)

PURPETA: O, o, o o, mon... o mon...

JUCA: O quê?

PURPETA: O monte está tremendo!

(Juca puxa os dois para um canto, Florisbela desmaia novamente. Do monte de bexigas que se desfaz, surge uma figura pequena e estranha. Música da Princesinha.)

PRINCESINHA:

O que será?

O que será?

Que aconteceu ali.

Por que será?

Que tanta gente apareceu aqui

Quem são vocês?

Quem são vocês?

Quem são vocês?

JUCA: Ah!

FLORISBELA (*Acordando*): Oh!

JUCA: Você... você... é...

PRINCESINHA: Sou a princesa das bolas de gás.

JUCA: Eu sou Juca, essa é Florisbela, e esse é o Purpeta.

PRINCESINHA: Muito prazer.

PURPETA: Por que você estava escondida?

FLORISBELA: Estava com medo de alguém?

PRINCESINHA: É que eu pensei que

vocês não eram vocês.

PURPETA: Que nós não éramos nós?

Que engraçado.

JUCA: Não estou entendendo!

PRINCESINHA: Eu pensei que era o Chico Alfinete.

PURPETA/FLOR: Chico Alfinete!

JUCA: Quem é esse indivíduo?

PRINCESINHA: Ele é meio homem, meio alfinete e passa o tempo todo estourando minhas bexigas.

FLORISBELA: Que loucura!

JUCA: Mas se ele sempre estoura bexigas, como é que ainda tem tantas por aí?

PRINCESINHA: É que eu planto e elas nascem outra vez.

FLORISBELA: Nascem?

PURPETA: Como laranjas?

PRINCESINHA: Isso mesmo... Aquela bexiga grande ali (*Mostra a bexiga que se destaca das demais*) dá sementes e quando o Chico Alfinete estoura todas eu começo a plantar novamente.

FLORISBELA: Quer dizer que essa ele nunca estourou?

PRINCESINHA: Nunca.

JUCA: Por quê?

PRINCESINHA: Acho que é para eu ficar plantando sempre.

PURPETA: Para depois ele estourar?

PRINCESINHA: Eu acho que eu não sei.

FLORISBELA: Esse estourador de bexigas precisa de uma lição.

PURPETA: Pode deixar que eu vou tomar providências.

JUCA: É claro que vamos tomar providências. Mas primeiro a Princesa deve saber por que estamos aqui.

PURPETA: Pois é Princesa, nós estamos aqui porque... porque...

JUCA: Por que Purpeta?

PURPETA: Porque... Ah! Eu não sei.

JUCA: Você sabe, Florisbela?

FLORISBELA: Princesa é que o Purpeta...

JUCA: É que o Purpeta e a Florisbela brigam sempre... quer dizer, lá na Terra eles brigavam sempre. Agora até que estão melhorzinhos... *(Os dois se comportam bem como pousando para uma foto, Juca vira o rosto e eles brigam.)* Por isso eu vim aqui buscar o mapa do pomo da concórdia. O seu Folhisberto Sabitudo disse que deu de presente para você.

PRINCESINHA: Deu sim. E o mapa está guardado junto com a minha coleção de segredinhos da felicidade. Podemos ir buscá-lo agora mesmo.

JUCA: De verdade?!

PRINCESINHA: É claro! Venham comigo.

PURPETA: É muito longe?

PRINCESINHA: Não, é ali na minha casa.

JUCA: Vamos Florisbela!

FLORISBELA: Já estou indo.
(Saem todos. Entra Chico Alfinete que os observa indo embora e fala consigo mesmo. Entrada do Chico Alfinete.)

CHICO ALFINETE: Da minha vida inteira a finalidade
É estourar bexigas neste reino tão vazio
É a única maneira de até nesta idade
A gente se ocupar e não ser um vadio
Passei a meninice e a mocidade
Alfinetando as bolas que aparecem
nos canteiros
Parece que é tolice, até que é
maldade
Mas sempre acabo com esses jardins
inteiros
Eu soube da chegada de gente
visitante

Esta oportunidade é que não me
escapa

Armei uma cilada pra essa turma
importante

Que procura a princesinha e um certo
mapa.

CHICO ALFINETE: Que bobinhos... Eles
querem o mapa e ele está aqui
(Procura numa sacola que trouxe consigo.) Mapa do pomo da
concórdia. Agora sim o negócio
está mais engraçado para meu
lado... Eu já estava mesmo meio
cansado de estourar bexigas...
Mas para não perder o hábito
(Espeta bexigas que estouram.)
Dó, ré, mi, fá, sol, lá, si, dó. Agora é
só esconder o mapa. *(Dirigindo-se
para a bexiga principal).* Neste
lugar ninguém vai achá-la.
Escondendo o mapa dentro
desta bexiga sumirei com ele
para sempre, hi, hi, hi. É claro, a
Princesinha nunca vai estourar
esta bexiga *(Enfia, ou finge que
enfia o mapa na bexiga, estoura
mais umas bexigas.)*, hi, hi, hi, ho,
ho, ho. Ah! Agora Chico Alfinete...

JUCA (De fora): Olha o Chico Alfinete!

PRINCESINHA (De fora): Ele roubou
meus segredinhos!

JUCA (De fora): Pega ladrão! Purpeta!
Florisbela! Ação!

*(Purpeta e Florisbela entram e correm
atrás de Chico, que se diverte com
eles, escapando facilmente. Todos
saem pela direita. Chico passa
correndo para a esquerda, logo após
entram pela direita Juca e a
Princesinha.)*

JUCA: Pra onde ele foi! Ele sumiu? Mas
veja o estrago que ele fez!...
Calma princesa, o bandido fugiu,
mas a gente pega.

PRINCESINHA: Além de estourar minhas bexigas, agora deu para roubar meus segredinhos! É... só ele mesmo podia ter feito aquele estrago na minha casa ...

JUCA: Ele deixou a casa de pernas pro ar, mas não fique triste, nós ainda lhe daremos uma boa lição! Eu prometo, você vai ver!

PRINCESINHA: Mas ele é muito mais forte e muito mau, é impossível...

JUCA: A gente querendo, nada é impossível. Espere para ver como a gente dá um jeito.

CHICO ALFINETE (*Entra e agarra Juca de surpresa*): Ah! Ele vai dar um jeito, não se incomode!

JUCA: Me larga. Me larga, seu traiçoeiro de uma figa.

CHICO ALFINETE (*Tapando-lhe a boca*): Que é que você tem que se meter na minha vida?

JUCA (*Livrando a cabeça*): Seu papabexigas, seu ladrão! Me solta! Purpe...

CHICO ALFINETE (*Tapando-lhe a boca*): Cala a boca.

PRINCESINHA: Já não chega o que você fez roubando meus segredinhos?

CHICO ALFINETE: Roubei mesmo e você nunca mais vai achar! (*Juca lhe morde a mão.*) Aiii!

JUCA: Florisbela, Purpeta, corram! Purpeta!

CHICO ALFINETE (*Livrando-se de Juca olha com receio se não chegam os demais*): Vai embora daqui menino, e não me amola mais. Vocês nunca terão os segredinhos. (*Sai.*)

PRINCESINHA: Você está machucado, Juca?

JUCA: Tudo bem, não foi nada... Mas

você viu? Quando eu chamei o Purpeta e a Florisbela o que foi que aconteceu? Hein? O que foi que aconteceu: ele teve medo!

FLORISBELA (*Entra chorando*): Mi, mi, miauuu. Mi, mi, miau.

JUCA: O que foi Florisbela?

PRINCESINHA: O Chico Alfinete te espetou?

FLORISBELA: Mi, mi, miauuu.

JUCA: Diga o que aconteceu, foi o Chico Alfinete?

FLORISBELA: Não, mi, mi...

PRINCESINHA: O que foi então?

FLORISBELA: Mi, mi, foi o Purpeta que me mordeu, mi, mi, miauuu.

JUCA: Purpeta, Purpeta, venha cá. (*Purpeta entra acabrunhado.*) Você mordeu a Florisbela?

PURPETA: Não, não fui eu não.

FLORISBELA: Quem foi então seu mentiroso?

JUCA: Diga a verdade.

PURPETA: Mordi, mordi... mas foi porque ela me arranhou.

FLORISBELA: É nada, você mordeu primeiro.

PURPETA: Você me chamou de pulguento!

JUCA: Chega! O Chico Alfinete roubou os segredinhos, estragou toda a casa da Princesinha, me atacou e vocês só pensam em brigar?

PRINCESINHA: Florisbela?

FLORISBELA: Hum?

PRINCESINHA: Quando você levou aquele susto e desmaiou, quem foi que cuidou de você?

FLORISBELA: O... O... Purpeta.

PRINCESINHA: É porque no fundo ele gosta de você.

FLORISBELA (*Fazendo beicinho*): Hum?

JUCA: Ei vocês três, sabem de uma

coisa? Eu descobri que o Chico Alfinete tem medo de nós quando estamos juntos. Princesa, você viu... quando chamei Purpeta e Florisbela, que é que ele fez? Ahn? Que é que ele fez? Fugiu! Fugiu! Se realmente a união faz a força, nossa união vencerá o bandido!

PRINCESINHA: Isso mesmo! Precisamos estar unidos!

JUCA: Vamos, dêem as mãos.
(*Música - A união faz a força.*)

JUCA: Um por todos, todos por um!

PRINCESINHA: Como já disse alguém.

JUCA: A união faz a força.

PRINCESINHA: Faremos isso também

PURPETA: Um por todos, todos por um teremos muito poder.

FLORISBELA: A união faz a força juntos iremos vencer.

TODOS: O mapa na mão do Chico Alfinete é um perigo mortal, façamos um plano, sigamos em frente e tudo dá bem no final

Um por todos, todos por um, como já disse alguém, a união faz a força faremos isso também

Um por todos, todos por um teremos muito poder a união faz a força juntos iremos vencer

Nós temos do lado uma amiguinha que é bela e muito leal, nós somos soldados em busca da paz e o Chico vai se dar mal

Um por todos, todos por um, como já disse alguém, a união faz a força faremos isso também

Um por todos, todos por um, teremos muito poder, a união faz a força juntos iremos vencer

Teremos o mapa do amor e do bem ainda que no infinito pegamos o pomo, depois repartimos e sobra um

pedaço pro Chico
E nunca mais vai ter briga entre nós.
(3 vezes.)

2º ATO

(*Mesmo cenário. À noite, todos dormem. Entra Chico Alfinete pé ante pé.*)

CHICO ALFINETE: Não sabia que essa parada ia ser tão dura. Com esses quatro juntos nada posso fazer... nada posso?... Ha, ha, posso quebrar essa união e depois é só pegar um por um. E para separá-los nada melhor do que começar com uma briguinha entre os dois briguentos.

(*Chico coloca a mão de Florisbela no rabo do cachorro, puxa o rabo, dá um tapa em Florisbela e sai correndo.*)

PURPETA: Auuuu.

FLORISBELA: Miiiiiii! (*Em posição eriçada.*)

PURPETA: Você puxou meu rabo!
(*Puxa o rabo da gata.*)

FLORISBELA: Miii, aquele tapa não fica assim, ouviu?

(*Dá-lhe um tapa.*)

PURPETA: Auuu, ah, é pra dar tapa é?
(*Dá-lhe um tapa e a briga vai aumentando, com vários latidos e miados.*)

JUCA (*Acordando*): O que é isso? Vão parar... (*Entra na briga para separar.*) Em mim, não... Parem!... Pensei que vocês tinham melhorado, mas olha aí...

PURPETA: Eu não tive culpa, foi ela...

FLORISBELA: Mentiroso! Foi você que começou...

PURPETA: Eu? Eu não sua... sua... sua...

JUCA: Não quero saber de nada!
Vocês não tomam jeito mesmo!

PRINCESINHA: Que pena! A gente estava tão unido...

JUCA: Só quero saber quem começou.

PURPETA: Foi ela.

FLORISBELA: Foi ele.

JUCA: Chega! Não adianta mais explicar! Vocês dois estão sempre estragando tudo! E já que não podem ajudar, vocês vão ficar aqui. Só eu e a princesinha vamos ter que procurar o Chico Alfinete e pegar o mapa. Sem ele não podemos achar a maçã.

FLORISBELA: Mas princesa...

PRINCESINHA: Não fiquem tristes, essa zanga é passageira. Até é bom que vocês fiquem aqui, podem conversar...

FLORISBELA: Humm.

PURPETA: Vocês vão até à casa dele?

JUCA: Vamos.

PRINCESINHA: Tomem conta das minhas bexigas.

(Saem Juca e a princesinha.)

FLORISBELA: Viu o que aconteceu por sua culpa?

PURPETA: Não tive culpa. Juro que não comecei essa briga. Por que é que eu iria fazer isso?

FLORISBELA: Você é ruim pra mim, não gosta de mim...

PURPETA: Eu gosto de você, Flor...

FLORISBELA: Você me chamou de Flor?

PURPETA: Chamei.

FLORISBELA: Chama outra vez.

PURPETA: Flor!

FLORISBELA: Ah, Purpeta, que bom.

PURPETA: Você acredita em mim?

FLORISBELA: Acredito.

PURPETA: Eu fiquei muito aborrecido porque você puxou meu rabo.

FLORISBELA: Não puxei não.

PURPETA: Verdade?

FLORISBELA: Você duvida da minha

palavra Purpeta? Eu acredito na sua.

PURPETA: Também acredito em você.

FLORISBELA: Mas se eu não puxei o seu rabo e nem você me deu o primeiro tapa...

PURPETA: Só pode ter sido...

FLORISBELA: O Chico Alfinete!

PURPETA: Como fomos bobos!

FLORISBELA: Mas se foi... Ele ainda deve estar por aqui. Purpeta, eu acho que eu tenho medo.

PURPETA: Coragem Florisbela! Co, co, coragem... Precisamos cuidar das bexigas. *(Tom.)* Venha cá seu homem mau, você vai ver como é boa a minha dentadura. Você me fez brigar com a Florisbela e deixou o Juca zangado. Não tenho medo, ouviu? Venha cá.

(Entra Chico Alfinete e tenta agarrar Florisbela.)

FLORISBELA: Purpeta, me ajude!

(Purpeta se coloca entre os dois.)

PURPETA: Deixa comigo, Flor, não precisa ter medo.

CHICO ALFINETE: Então vocês não tem medo de mim, não é? Você vai apanhar tanto que suas pulgas ficarão amestradas! Vou pegar essa gatinha e fazer um tamborim!

PURPETA: Não chegue perto dela, senão te mordo inteirinho!

CHICO ALFINETE: Ha, ha, eu sou alfinete. Experimenta morder o ferro para ver como lhe caem os dentes.

(Chico tenta pegar a gata, Purpeta lança-se contra ele mas é atingido e desmaia.)

FLORISBELA: Purpeta! *(Corre para socorrer Purpeta no chão.)* Não se aproxime! Fora! *(Tom.)* Purpeta? O que foram fazer com você?

CHICO ALFINETE: Ué! Você não gosta dele! Que história é essa?

FLORISBELA: Acorda Purpeta. Mi, mi, miau. Purpeta!

CHICO ALFINETE: Não entendo mais nada. *(Aproximando-se da gata.)* Me diga uma coisa...

FLORISBELA *(Repelindo-o):* Não chegue perto. Juca!

(Música - Perseguição da Gata.)

CHICO ALFINETE: Comigo ninguém pode, olhe aqui eu sou de morte, essa gata não me arranha, esse cachorro não me morde.

Eu tô por cima, o papai aqui é bamba, com o latido de um cachorro eu componho até um samba
Pego essa gata, faço dela um tamborim, vou passar a noite inteira batucando assim assim.

(Sai Chico Alfinete.)

FLORISBELA: Foi embora Purpeta, foi embora... Purpeta... Ah meu Deus! Purpeta, levanta... *(Não consegue reanimá-lo.)* Será que ele está morto?... Ai, ai, miauu, acorda Purpeta.

PURPETA: Florisbela!

FLORISBELA: Purpeta! Que bom! Que bom que você está vivo... Está machucado? Está doendo alguma coisa?

PURPETA: Não, não estou não. E o Chico Alfinete? Onde está aquele bandido? Ele te machucou?

FLORISBELA: Estou bem... mas acho que ele vai voltar.

PURPETA: Precisamos avisar os outros!

FLORISBELA: Vamos gritar!

OS DOIS: Juca! Princesinha! Juca!

PURPETA: Voltem depressa!

FLORISBELA: O Chico Alfinete esteve aqui!

OS DOIS: Juca! Princesinha!

PURPETA: Eles correm perigo. O Chico pode estar atrás deles.

FLORISBELA: Juca!

PURPETA: Olha! Estão vindo!

(Entram a princesa e Juca.)

JUCA: Então ele esteve aqui?

PRINCESINHA: Machucou alguém?

FLORISBELA: O Chico queria me pegar, mas o Purpeta me salvou.

JUCA: Muito bem Purpeta, estou orgulhoso de você.

PURPETA: Obrigado... mas é que... é que a Flor merece.

PRINCESINHA: Que bom! Fizeram as pazes!

FLORISBELA: Foi o Chico Alfinete que provocou, nós não queríamos brigar.

JUCA: Vamos atrás dele! Depressa!

FLORISBELA: Mas ele é muito forte, é de ferro!

PRINCESINHA: Agora estamos unidos.

PURPETA: Será que a gente consegue agarrá-lo, Juca...

JUCA: Precisamos de um truque, com inteligência venceremos o bandido.

PRINCESINHA: Você tem razão. Devemos pensar.

FLORISBELA *(Recompondo-se):*

Precisamos de uma arma, não é?

PURPETA: Isso mesmo! Mas que arma?

JUCA: Já sei. Já sei, um imã!

PURPETA/FLOR: Imã?

JUCA: Com um imã a gente agarra ele! Um imã bem grande.

PRINCESINHA: Lógico! Porque ele sendo de ferro...

PURPETA: Vai grudar no imã!

FLORISBELA: Mas onde vamos encontrar um imã gigante?

JUCA: Não fizemos um foguete faz-de-conta? Agora faremos um imã faz-de-conta.

PRINCESINHA: Tenho um pedaço de ferro, só falta imantá-lo.

JUCA: Serve! Vamos buscar!
(Saem Juca e a Princesinha.)

PURPETA: Precisamos achar um jeito de imantá-lo...

FLORISBELA: Mas para isso nós precisamos de força.

PURPETA: É. Não podemos imantá-lo sem força.

FLORISBELA: O que faremos?

PURPETA: Já sei! *(Cochicha no ouvido de Florisbela.)*

(Juca e a Princesinha entram trazendo o pedaço de ferro em forma de imã.)

PURPETA/FLOR: Podemos imantá-lo com a força da nossa união!

JUCA: Isso mesmo!

PRINCESINHA: Então, vamos lá.

(Todos dão-se as mãos formando uma roda em volta do imã. Cantam. Música - Imantação do Imã.)

O imã encantado imantado demais
demais imantado o imã imou
imou imantado o imã demais
demais encantado o imã ficou
Fazendo de conta que tudo é
verdade

Brincando de roda nos dando a mão
vamos assim vencendo a maldade
e seremos felizes então

Se muitas cidades formam um Estado
se muitos estados foram a Nação
vamos fazer um imã encantado
com a força da nossa união

JUCA: Esperem. Temos que esconder o imã para que ele não desconfie.
Assim o pegamos mais depressa.

PRINCESINHA: É mesmo! Vamos camuflá-lo com bexigas.

PURPETA/FLOR: Ótimo!

(Juca e os demais trazem bexigas e escondem o imã.)

FLORISBELA: Adiantel!

TODOS: O imã encantado imantado demais

demais imantado o imã imou

imou imantado o imã demais

demais encantado o imã ficou

Nós só descansaremos

quando encontrarmos o mapa

o Chico está fora do jogo

porque a nossa turma é fogo

E muito viajaremos

seguindo os caminhos do mapa o

Chico está fora do jogo porque a

nossa turma é fogo!

TODOS: Chico Alfinete não pode mais conosco!

Chico Alfinete não pode mais conosco!

PRINCESINHA: Chico Alfinete!

TODOS: Você não pode mais conosco.

(Continuam cantando. Entra Chico com um enorme porrete.)

CHICO ALFINETE: Não posso? Vocês vão ver.

(Todos se espalham, Chico tenta golpear alguns.)

CHICO ALFINETE *(Correndo atrás deles):*

Não posso! Não posso?

JUCA: Juntos! Todos juntos!

(Se unem ao redor do imã.)

CHICO ALFINETE: Agora vocês vão ver.

(Chico lança-se sobre eles. Todos se afastam e ele fica preso no imã.)

CHICO ALFINETE: O que é isso? Socorro!

Socorro! Sabotagem! Soltem-me.

Isso é uma armadilha, soltem-me!

JUCA: Isso é um imã feito com a força da nossa união!

PURPETA/FLOR: Não soltamos.

CHICO ALFINETE: Solta!... Deixe-me...

Solta, vai... . Me larguem, eu

prometo ser bonzinho!

PRINCESINHA: Só soltamos se você

disser onde escondeu o mapa.

CHICO ALFINETE: Então me soltem que

depois eu conto.

JUCA: Conte primeiro.

PURPETA: É, conte primeiro.

FLORISBELA: Se não contar, lhe joga um balde d'água e você vai enferrujar todinho.

CHICO ALFINETE: Não! Não jogue que eu conto... Mesmo porque, quando vocês souberem onde está o mapa, não poderão pegá-lo.

JUCA: Deixe de histórias, fale logo.

CHICO ALFINETE: Histórias... Vocês vão ver, ninguém me vence.

JUCA: Vamos com isso!

CHICO ALFINETE: Pois não. O mapa está dentro daquela bexiga.

PRINCESINHA: Da bexiga que dá sementes?!

CHICO ALFINETE: Exatamente.

(Pausa geral, todos ficam desolados.)

FLORISBELA: Você... você é... você é um monstro!

PURPETA: Deixa estar jacaré!

JUCA: Puxa! Procuramos tanto por esse mapa e agora que ele está aí pertinho não podemos pegá-lo.

CHICO ALFINETE: Não disse que ninguém me vence? Hi, hi, hi... Se vocês estourarem a bexiga a princesinha nunca mais poderá plantar outras.

JUCA: Cale a boca, seu bicho ruim.

CHICO ALFINETE: E sabem o que mais? Se vocês não acharem o mapa da maçã, nunca mais poderão sair daqui

FLORISBELA: Quer dizer...

CHICO ALFINETE: Que sem o mapa não vão achar o caminho de volta.

FLORISBELA *(Choramando):* Eu quero voltar pra casa...

JUCA: Isso é mentira...

CHICO ALFINETE: Pergunta pra ela, pergunta.

PRINCESINHA *(Pausa):* É verdade... sem o mapa...

FLORISBELA: Buaaaaa... .

PRINCESINHA *(Contendo-se):* Isso que você fez não altera nada, ouviu? Juca, vocês podem pegar o mapa. Pode estourar minha bexiga

JUCA: Não, Princesinha... Não vamos fazer isso!

PRINCESINHA: Pode estourar. Só peço que seja um de vocês, e não eu, não tenho coragem.

PURPETA: De jeito nenhum, sem essa bexiga você nunca mais vai poder plantar outras. E daí, como é que vai ser? Acabará sua plantação... E eu sou o culpado de tudo isso?

FLORISBELA: Não, Purpeta, a culpa também é minha.

(Enquanto isso a Princesinha resolutamente estoura a bexiga, os outros tentam impedi-la.)

JUCA: Não. Não faça isso!

PURPETA: Princesinha!

FLORISBELA: Não!

CHICO ALFINETE *(Atônito):* Ela estourou mesmo!

PRINCESINHA: O mapa está aqui!

JUCA: Você não devia.

PRINCESINHA: Já está feito.

FLORISBELA: Você sacrificou sua plantação por nós.

PURPETA: E se sacrificou também.

PRINCESINHA: Não me arrependo.

JUCA: Mas, o que você vai fazer agora?

PURPETA: Podia ir com a gente procurar o pomo da concórdia.

JUCA/FLOR: Isso mesmo!

FLORISBELA: Venha conosco.

JUCA: Já temos o mapa, agora é fácil achar a maçã. E depois você vai

para a Terra com a gente e fica morando lá.

PRINCESINHA: Não sei... Sempre vivi aqui. Será que não vou estranhar?

JUCA: Talvez um pouco, no início, mas logo você se acostuma.

PURPETA: Vamos.

FLORISBELA: Por favor!

PRINCESINHA: Queria ir... Mas no foguete que vocês vieram só cabem três pessoas.

PURPETA: Fico aqui e você vai.

JUCA: Posso fazer duas viagens e levar todo mundo.

FLORISBELA: Tenho uma idéia melhor... Se você fosse dependurada nos balões de gás? Ainda restam alguns. A gente ia te puxando!

JUCA: Ótimo. Acho que assim dá certo.

PURPETA: Vamos, não custa tentar.

(Pegam algumas bexigas de gás e dão para a Princesinha.)

PRINCESINHA: Está bem, então eu vou...

(Tentando se suspender nas bexigas.) Engraçado, como é bom, nunca tinha pensado em fazer isso com as bexigas. Podemos ir embora.

JUCA: Agora mesmo. Atenção, embarcar.

FLORISBELA *(Prá Purpeta):* Deixe que agora eu posso ser a propulsão.

PURPETA: Obrigado. Mas não quero que você trabalhe. Eu sou mais forte, posso empurrar facilmente.

FLORISBELA: Já que é assim... *(Sobe na posição anterior.)* Podemos dar a partida.

(Juca solta Chico Alfinete e sobe no foguete.)

CHICO ALFINETE: Não me deixem aqui sozinho... Se eu estourar essas bexigas vai acabar tudo... não

vou ter mais o que fazer...

JUCA: Tanto melhor, assim você ficará sendo bom.

CHICO ALFINETE: Sozinho vou me aborrecer. Princesinha fique comigo.

PRINCESINHA: Você nunca quis ser meu amigo...

JUCA: Pois agora, fique aí sozinho. *(O foguete sai andando. Atrás, sendo puxado por uma cordinha, vai a Princesinha segurando os balões.)*

CHICO ALFINETE: Não quero ficar sozinho. Por favor não me deixem. Esperem... Esperem... Buaaá, buaaá.

(O reino da bexiga dissolve-se transformando-se no espaço. Rumo ao Faz-de-conta.)

TODOS: Vamos rumo ao faz-de-conta vamos viajando pelo espaço *(Falado.)*

JUCA: Quantos astros!

PURPETA: Olha a lua!

PRINCESINHA: A estrelinha tá caindo!

JUCA: Mas que lindo!

TODOS: Vamos rumo ao faz-de-conta vamos, vamos bem depressa temos certeza de chegar em breve temos certeza de chegar em breve rumo ao faz-de-conta.

JUCA: Atenção. o mapa diz que devemos virar à direita.

(Entra pelo outro lado o Sr. Folhisberto Sabitudo.)

FLORISBELA: Olha lá. O Seu Sabitudo!

PURPETA: Nossa, como ele está mudado.

JUCA: Sr. Sabitudo! Viemos agradecer. *(Todos cercam Folhisberto, que está olhando de luneta para a platéia e escrevendo no livro com rapidez)*

espantosa.)

PRINCESINHA: O senhor não se lembra de mim?

FLORISBELA: Eu não brigo mais com Purpeta. Seu Sabitudo...

PURPETA: Seu Sabitudo! Ele não está ouvindo...

FLORISBELA: Sr. Folhisberto!

JUCA: Estamos aqui de volta. Encontramos o mapa!... A concórdia. Encontramos a concórdia!

PURPETA: Nada.

JUCA: Já sei! Sr. Folhisberto, precisamos de uma informação

PRINCESINHA: In-for-ma-çã-o!

JUCA (*Lendo o livro de Folhisberto*): A... assalto a mão armada, b... bateu no irmão, c... caiu do 13º andar, d... destruiu um avião, e... extorsão, f... fugiu de casa, g... guerra dos 6 dias, guerra segunda... guerra primeira...

PRINCESINHA: Pobrezinho.

FLORISBELA: Pirou de pedra.

JUCA: Magnífico Sr. Folhisberto. Sua excelência tem que nos ouvir... Achamos a concórdia.

PURPETA: Não adianta, ele parece muito ocupado.

PRINCESINHA: Por favor, escute!

FLOR/PURPETA: Seu Folhisberto. Achamos a con-cór-dia!

JUCA: Não adianta, ele não quer nos ver, não quer nos ouvir. Vamos embora.

(Sobem no foguete e prosseguem. Folhisberto sai. Música - Pra não haver discórdia.)

Pra não haver discórdia vamos indo viajar e o pomo da concórdia logo vamos encontrar E no foguete agora somos quatro em vez de três

e a bela Princesinha vai com a gente de uma vez Pra não haver discórdia vamos indo viajar e o pomo da concórdia logo vamos encontrar Só vão ficar prá trás Sabitudo e Alfinete que nunca vão ter paz e nem cabem no foguete Pra não haver discórdia vamos indo viajar e o pomo da concórdia logo vamos encontrar Encontrando a tal maçã ninguém mais há de brigar *(Continua só música de fundo - "Rumo ao faz-de-conta".)*

JUCA: O mapa diz que devemos parar na outra ponta do céu.

FLORISBELA: Estamos quase chegando... só falta um tantinho. Pronto, chegamos.

PURPETA: Vamos descer. *(Juca segue as indicações do mapa onde todos estão olhando.)*

JUCA: Agora três passos para trás. Um, dois, três. Meia volta à esquerda. Cinco passos para a frente.

(Todos seguem. Dão cinco passos ainda prestando atenção no mapa. O espaço se transforma no mesmo cenário do início.)

JUCA: Um, dois, três, quatro, cinco. *(Param defronte a uma macieira do quintal da casa de Juca.)*

JUCA: Agora o mapa diz que é só olhar para cima e se verá o pomo da concórdia.

(Erguem a cabeça lentamente.)

PRINCESINHA: Vejam! Ali está!

PURPETA: Ora! Mas essa maçã...

FLORISBELA: Estamos no quintal da nossa casa!

JUCA: É mesmo. Esse é o nosso quintal. Imagine só! E procuramos a maçã por todo o universo.

FLORISBELA: E ela aqui tão pertinho de nós.

PRINCESINHA: Agora é só apanhá-la e cada um de vocês come um pedaço. Vão ficar amigos para sempre.

(Vai apanhar.)

PURPETA/FLOR: Espere!

PURPETA: Acho que não precisamos...

FLORISBELA: Já somos amigos, não precisamos mais dessa maçã.

JUCA: Tem certeza?

(Purpeta olha para Florisbela.)

PURPETA: Claro, né Flor?

FLORISBELA: É Purpeta. Não precisamos mais.

PRINCESINHA: Sendo assim é melhor deixar a maçã no lugar. Alguém pode precisar. Ou melhor... eu já sei quem precisa e vou levar agora mesmo. Talvez com o pomo da concórdia...

FLORISBELA: E nós...

JUCA: Nós ficamos sem você?

PRINCESINHA *(Já segurando os balões):* Vocês não precisam mais de mim e nem da maçã.

JUCA: Por favor, fique!

(A princesinha se afasta lentamente.)

PRINCESINHA: Não posso.

PURPETA: Princesa!

JUCA: Nós nunca a esqueceremos.

PRINCESINHA: Também nunca esquecerei vocês. Um dia voltarei... *(Fecha o pano lentamente à medida que a luz morre e a princesinha se afasta para o alto.)*

JUCA: Até lá... Adeus.

PRINCESINHA: Até lá!

(A cortina abre.)

MÚSICA FINAL

Estamos aqui de volta cá no nosso quintal e o pomo aqui estava afinal Andamos por tanto tempo todo o universo

Eu vi e a maçã encantada estava aqui

Não é preciso ir bem longe pra encontrar a paz, é só você ter força de vontade

Pensando desta maneira logo você desfaz todas as conseqüências da maldade

Foi tão boa a viagem muito nela aproveitamos

E os nossos problemas encontraram solução

E quem não quis vir conosco se quiser ainda estamos prontos para recebê-los abraçá-lo e dar-lhe a mão

Estamos aqui de volta cá no nosso quintal e o pomo aqui estava afinal Andamos por tanto tempo

Todo universo eu vi e a maçã encantada estava aqui.

FIM

Adolescente/ Adulto

Namoro
Ílder Miranda Costa

NAMORO

Ílder Miranda Costa

PERSONAGENS:

Simone
Estela
Margarida
Donzela
Mensageiro
Cigana
Barqueiro
Princesa Apaixonada

Quando chega a hora, a história da puberdade e da adolescência acontece com qualquer pessoa, em qualquer lugar. Estela, Margarida e Simone estão prontas para dormir-de pijama de flanela, se estiver fazendo frio; de camisola, se for verão.

SIMONE: Estela! Margarida!! Estela!!!
Margarida!!!!

ESTELA: Não sou surda.

MARGARIDA: Nem eu.

SIMONE: Meu pente não está no lugar.

ESTELA: Você está querendo dizer com isso que...

SIMONE: Pegaram meu pente limpo, usaram e largaram sujo, jogado embaixo da cama.

MARGARIDA: Está acusando alguém?

SIMONE: Só pode ter sido uma das duas.

MARGARIDA: E o que você vai fazer?

ESTELA (*Apostando*): Vai chamar mamãe.

SIMONE: Vou arranhar vocês duas.

ESTELA e MARGARIDA: Manhê, Simone comprou o pente de osso dela com troco daquela vez que a gente foi sozinha comprar calcinha.

(*A mãe não está em cena e, sim, lá para dentro, em algum lugar da casa.*)

SIMONE: Manhê, Estela e Margarida todo dia matam a última aula e vão passear no *shopping*.

ESTELA: Manhê, ela mentiu: falou pra você que perdeu o troco.

SIMONE: Eu conto o que aconteceu ontem, heim?...

ESTELA: Simone, não provoca.

SIMONE: Vocês estão revoltadas porque meu namorado me liga.

MARGARIDA: Coitada!

SIMONE: Vocês é que ficam ligando sem parar pra ver se eles estão em casa ou não.

MARGARIDA: Simone, você não tem nada com isso.

SIMONE: Pra que namorado? O

namorado não liga...

MARGARIDA: O namorado é meu.
Namoro do jeito que eu quiser.

ESTELA: Margarida, eu vou enforçar
essa menina!

SIMONE: Meu namorado me liga toda
hora...

MARGARIDA: Manhê, além de
mentirosa, Simone é ladra: ela
roubou o dinheiro.

SIMONE: Manhê, ontem, Estela,
Margarida, Prego e Caveira foram
assistir a filme de sacanagem. O
moço é que não deixou porque,
nesses lugares, não entra
"criança".

ESTELA e MARGARIDA: Chega!!!

SIMONE: E chega, também, de mexer
em minhas coisas!!!!
Toca o telefone. Simone é mais
rápida e atende primeiro.

ESTELA e MARGARIDA: Quem é?

SIMONE: Macarrão!

MARGARIDA: Dá um tempo, namorar
também enjoa.

SIMONE: Briga com seu namorado.
(*Estela liga o som, no maior volume.*)

SIMONE: Abaixa o som!

ESTELA: Não!!!

SIMONE: Vou chamar a polícia.

ESTELA: Eu falo que você é louca, que
fugiu de hospício.

SIMONE: Manhê, o vizinho está dizendo
que vem hoje, de novo, reclamar
com o pai por causa do som.
(*Consegue silêncio.*) (*Ao telefone.*)
Passa aqui...

ESTELA: Fala pra trazer o Prego.

MARGARIDA: Caveira, também.

ESTELA: Fala que tem cerveja na
geladeira.

MARGARIDA: E dá pra roubar uma
garrafa de vinho.

SIMONE: E ainda têm coragem de

dizer que fiquei com o troco.
Sendo que meu pente, as duas
também usam.

MARGARIDA: É diferente.

SIMONE: Diferente é galinha com
dente. (*Ao telefone.*) Macarrão,
você não quer vir aqui dar um
jeito nessas chatas? Ah, vem, vai...

ESTELA: Fala pra trazer violão.

MARGARIDA: E pizza.

SIMONE: Não dá. Ele está de moto, o
carro está quebrado.

ESTELA: Então, nada feito! Tem trabalho
pra fazer, queridinha.

SIMONE: Você está falando igual mãe.

MARGARIDA: A gente trabalha,
enquanto você namora? Nada
feito!

SIMONE: Então, passa amanhã na
escola... Na entrada...

MARGARIDA: Vai matar aula de novo?

ESTELA: Já está pendurada por falta.

SIMONE: Eu sei me cuidar.

ESTELA: Mas se acontecer alguma
coisa, a bronca vem por cima das
três.

SIMONE: Eu quero morar sozinha! Vou
fugir de casa. (*Ao telefone.*)
Macarrão, vamos casar?

MARGARIDA: Sêrio? Vou ser madrinha!

ESTELA: Coloca o *Tchan* pra tocar na
igreja. (*Parodiando o Tchan.*)
"Nunca se viu noivinha igual: véu,
grinalda e balanço legal."

SIMONE (*ao telefone*): Macarrão, fala
mais alto!

ESTELA e MARGARIDA: "Oh! que
casamento, casamento da
pesada!!!"

SIMONE (*ao telefone*): Grita, Macarrão!

ESTELA e MARGARIDA: "Casamento
que, por mim, lá no fim vai dar em
nada."

SIMONE (*ao telefone*): As duas! Não

conseguem me deixar em paz.

ESTELA: Pergunta quando ele vai cumprir o que prometeu e me ensinar a dirigir?

MARGARIDA: E vai ou não vai levar a gente pra ver *show* de travesti?

SIMONE: Macarrão, não dá pra conversar, agora. Passa lá, amanhã. Outro... *(Estela e Margarida interferindo na conversa.)* Bem gostoso... *(Estela e Margarida gemendo.)* Mais dois...

(Estela e Margarida, escandalosas.)

Também... *(Simone desliga e grita – assim mesmo: de repente.*

Aparentemente não há motivo para tal comportamento.)

ESTELA *(traduzindo o grito de Simone):* Apavorada.

MARGARIDA *(complementando a explicação):* Diante do maior dilema de quase todas as mulheres.

SIMONE: Eu vou de sutiã ou sem sutiã?

ESTELA: Aonde?

SIMONE: Encontrar Macarrão, amanhã.

MARGARIDA: Sem sutiã marca tudo, todo mundo olha.

SIMONE: Mas eu não tenho sutiã legal. Parece que o pessoal aqui de casa queria que eu nascesse homem.

ESTELA: Aí, você não teria cueca decente pra sair com a namorada nova.

SIMONE: Que inferno! Não tenho sutiã pra sair amanhã com meu namorado.

ESTELA: Promete que lava? Empresto o meu, de rendinha.

SIMONE: O número é maior/menor; vai ficar faltando/sobrando seio. Como é que eu vou?

(E cai em depressão.)

MARGARIDA *(traduzindo a depressão da Simone):* Pronto, vai começar!...

ESTELA *(complementando a explicação):* É capaz de ficar meia hora assim.

SIMONE: Como é que eu vou? Como é que eu vou? Como é que eu vou?...

ESTELA: É igual prisão de ventre.

SIMONE: Merda!!!

ESTELA: Não falei?

MARGARIDA: E, agora, senhoras e senhores, vem, aí: diarreia psicológica.

SIMONE: Tenho culpa de ter seio pequeno/grande? É alguma vantagem ter seio grande/pequeno, é? Sabe o que seria melhor? Eu andar com seio de fora com todo mundo olhando e morrendo de vontade de passar creminho.

ESTELA: Bobagem sua! Iria ser a maior confusão.

MARGARIDA: Os caras brigando uns contra os outros por causa de ciúme.

ESTELA: E você acha que iriam ficar só nessa de passar creminho? *(Simone, em estado de choque.)*

ESTELA *(traduzindo o estado de choque de Simone):* Olha o próprio sexo e fica, ainda, mais apavorada.

MARGARIDA *(complementando a explicação):* Está como que diante de fatalidade, quase tragédia.

SIMONE: E se eu ficar menstruada? Essa semana meu seio está enorme. Justo amanhã? Não! O que eu faço?

ESTELA: Põe Modess.

SIMONE: E se Macarrão quiser passar a

mão?

ESTELA: Não deixa.

SIMONE: Você conhece Macarrão:
adora ver os cabelinhos.

ESTELA: É só você dizer não.

SIMONE: E se eu não resistir?

ESTELA: Aí, vira Macarrão com *catchup*.

SIMONE (*ombros jogados para a frente, costas curvas... uma figura em cena*): E se amanhã eu andasse assim, pra esconder?

MARGARIDA: Esconder o quê?

SIMONE: O seio. Meu sutiã não está legal. Como é que eu vou? Como é que eu vou?!!!

MARGARIDA: Pára, menina! Vai começar de novo?

SIMONE: Acho que estou passando mal. Está doendo lá dentro. Vontade de fazer xixi... Não! É tensão pré-menstrual.

MARGARIDA: Respira...

ESTELA: Solta ar...

MARGARIDA: Aperta barriga...

ESTELA: Relaxa...

SIMONE: Essas coisas só acontecem comigo. Por que sempre eu?

MARGARIDA: Mas é vítima, mesmo. Coitada!

SIMONE: Então, responde: como é que eu vou?

ESTELA: Acho melhor você nem ir...

SIMONE: Quê?!!!

ESTELA: Compra sutiã amanhã e deixa pra sair com ele outro dia.

SIMONE: Não fala mais comigo! Não fala mais comigo, está legal?!

(*E corre atrás de Estela em firme intenção de matá-la.*)

ESTELA (*providencial*): Vamos brincar no porão?!!!

SIMONE (*perde, instantaneamente, a disposição de esquartejar Estela e topa a brincadeira*): A gente

sempre fala que vai e nunca vai.

MARGARIDA: É que sinto medo, na hora de entrar.

SIMONE: É, medo vale a pena. E depois, lá dentro, você sabe: o medo passa... Vamos?...

Dessa vez, vão ao porão como quem visita algum lugar, no passado. Se fosse possível guardar o tempo, essa possibilidade seria o porão, neste momento.

SIMONE: Vocês se lembram da última vez?

MARGARIDA: E, hoje, o que será que vai acontecer?

ESTELA: Deixa pintar. É mais mágico.

SIMONE: Sinto frio na barriga toda vez que vai começar.

ESTELA: Vamos fazer assim: a gente abre o baú; o que pintar, pintou! E entram, no porão escuro.

MARGARIDA (*grita, arrepiada até o último fio de cabelo*)

ESTELA e SIMONE (*arrepiadas, também*): Que foi?

MARGARIDA: Uma barata! (*E foge.*)

Correndo, esbarram no baú – mistério maior do porão – cheio de panos, roupas velhas, fantasias, máscaras, bonecas, perucas... Abrem a tampa do baú, com cuidado de quem desenterra antigüidade. Vestem aquelas coisas e, de repente, não são mais elas...

MARGARIDA (*narrando*): Era uma vez, uma linda moça, linda donzela...

SIMONE (*pegando a deixa*): Eu vou ser a Donzela.

MARGARIDA (*entusiasmando-se*): ... que vivia nas escadarias de um castelo. A linda Donzela espera o amor acontecer em sua vida. Enquanto espera, borda, em lindo

vêu, as letras do alfabeto. Uma delas é a inicial daquele que, um dia, chegará.

DONZELA (*borda e canta*): Fiapo de lua no céu e dois amantes...

ESTELA (*sentindo-se como Mensageiro, só porque colocou chapéu na cabeça*): Ó senhora, é tanta vossa beleza, que confunde até mesmo o beija-flor!

DONZELA (*afetada*): Que lindo! (*Encantada com o clima.*) Que forma bonita de dizer as coisas! Quem sois?

MENSAGEIRO: Simples mensageiro de origem plebéia, indigno de merecer um sorriso de tão formosa criatura. Cumpro ordens de meu amo e senhor e ele pede, mui gentilmente, para ser recebido por vós.

DONZELA: Oh!... (*Já sonhando com esse seu amado.*)

MENSAGEIRO: Então, qual resposta levarei a meu amo e senhor? (*E suspira.*)

DONZELA (*lânguida*): Diga-lhe que sim. Que o espero. Sou aquela que sempre o esperou, não sabendo a quem esperava, mas sabendo que chegaria o dia de saber o que não estava sabendo - sabendo que não o sabia...

MARGARIDA (*aproveita que as palavras de Donzela confundiram Simone*): Estou a fim de fazer uma cigana. Será que cabe na história?

ESTELA: Claro! Que a Cigana surja lá de trás para aumentar o clima. (*E, voltando a ser Mensageiro....*) Porém...

DONZELA: Porém?

MENSAGEIRO: Porém, senhora de rara

beleza...

DONZELA: Oh! desgraçada que sou, de tanto esperar, morrerei.

MENSAGEIRO: ...meu amo e senhor não pode com a luz do dia e não agüentaria, nem mesmo, a de braseiros ou lampiões.

DONZELA: Credo! E que jeito tem, então?

MARGARIDA (*vindo "lá de trás", cansada de esperar*): Fala da Cigana pra eu poder entrar.

ESTELA: Já vai. (*De Mensageiro.*) Ir à feira, amanhã de manhã, procurar a barraca da Cigana, a vendedora de ilusões. Ela tem cera especial trazida do Oriente. Com a cera, fazer velas pequeninas; velas pequeninas muito agradariam a meu amo e senhor.

(*E se põe a caminho.*)

DONZELA: Espera! Qual o nome de seu amo e senhor?

MENSAGEIRO: Macarrão, senhora de luz tão pura.

(*E sai.*)

DONZELA: "M"...

CIGANA (*apregoando*): Atenção! As maiores maravilhas da Terra...

DONZELA: A senhora é a Cigana?

CIGANA: Depende. Se vens atrás de pedras que traduzam a luz do Sol, então eu sou Cigana. Mas, se é por causa de felicidade, ou de alguma tristeza que possa estar morando no canto de teus lábios, então eu sou Bruxa.

DONZELA: Venho buscar cera do Oriente. Velas pequeninas muito agradariam a meu amo e senhor.

CIGANA: Claro, minha pombinha. Levarás a cera se me trouxeres, em troca, três lágrimas de amor

de princesa apaixonada.
DONZELA: Mas onde vou encontrar uma princesa apaixonada chorando lágrimas de amor?
CIGANA: Na beira do lago.
(E sai.)
ESTELA *(usando alguma coisa do baú):* Eu vou fazer o Barqueiro.
DONZELA: Barqueiro! Barqueiro, leva-me em torno do lago? *(Na barca.)* Será que eu vou conseguir encontrar alguma princesa apaixonada chorando lágrimas de amor?
BARQUEIRO: Pode ser, pode ser...
DONZELA: Preciso de três... *(Ouve-se o grito de dor de Princesa Apaixonada, que é a Margarida, já com outra coisa tirada de dentro do baú.)* Estás ouvindo?
BARQUEIRO: Pode ser!...
DONZELA: É ela.
PRINCESA APAIXONADA *(desesperadamente):* Dói, dói, está doendo demais! Dói, lá dentro de mim.
(E chora a primeira lágrima.)
DONZELA: Princesa, dá pra mim essa lágrima de amor? Se é que choras por amor.
(Recolhe a lágrima e a guarda no coração.)
PRINCESA APAIXONADA: Choro por amor, porque amo amor impossível.
DONZELA: Quem ele é?
PRINCESA APAIXONADA: O Rei dos Infernos.
DONZELA: Mas quem vai aos Infernos não pode voltar.
(Princesa Apaixonada chora a segunda lágrima.)
DONZELA: Princesa, dá pra mim essa lágrima de amor?

(Recolhe a lágrima e a guarda n' alma.)
PRINCESA APAIXONADA: Queria tanto poder vê-lo, nem que fosse uma única vez.
DONZELA: Princesa, preciso ainda de uma última de tuas lágrimas.
PRINCESA APAIXONADA: Ajuda-me? Leva-me aos Infernos.
(Donzela concorda.)
BARQUEIRO: Primeiro, dinheiro.
PRINCESA APAIXONADA: Toma, Barqueiro.
BARQUEIRO: Então, vamos partir.
DONZELA: Pra onde?
BARQUEIRO: Em frente. Logo encontraremos o curso de um rio e esse rio é diferente, nele não se vai contra a corrente.
DONZELA: E pra eu voltar?
BARQUEIRO: As águas param; deixam de rolar. E a volta se faz em lapso de tempo, em contratempo de vida.
DONZELA: Tenho medo.
BARQUEIRO: Em frente. São águas amargas, lodosas e borbulhantes. São as lágrimas dos povos, o sangue dos delirantes.
DONZELA: Tenho medo.
BARQUEIRO: Em frente. Vê! Às margens, vagam as almas dos mortos sem chão. Escuta! *(E se ouve o lamento da multidão que padece.)* Durante cem anos assim ficarão.
DONZELA: Tenho medo.
BARQUEIRO: Em frente. Olha! Álamos... salgueiros... Sente! Cheiro de carne humana queimando a eternidade inteira. Em frente!
PRINCESA APAIXONADA: Chegamos. Onde está meu amor? Serviçal do Inferno

(Que é Estela – já pegou outra coisa de dentro do baú.) (Pigarreia.)

PRINCESA APAIXONADA: Onde estás, Rei dos Infernos? *(Tentando negociar com Serviçal.)* Eu o amo demais! Sem ele, não quero viver. Dou minh' alma: em troca, deixa que Donzela volte. Serviçal do Inferno *(Sujeito agitadoíssimo.)* Vou levá-la, Princesa, à presença do Senhor. *(Indicando, por exemplo, um manequim.)* O Rei dos Infernos!

PRINCESA APAIXONADA *(tocando a pele do Rei dos Infernos):* Tão quente...
Serviçal do Inferno
É amor.

PRINCESA APAIXONADA *(abraçando-se àquele corpo):* Tão frio!
Serviçal do Inferno
Amor é assim, nos dias de hoje.
(Princesa Apaixonada chora a terceira lágrima.)

DONZELA: Princesa, dá pra mim essa lágrima de amor? *(Recolhe a lágrima e a guarda pelo resto da vida)* Agora posso ir embora. Adeus, Princesa! *(E entra na barca.)*
Vai começar a viagem de volta mas... barulho de carro entrando na garagem.

MARGARIDA: Simone, Estela, é o pai e a mãe?

Barulho de chaves.

SIMONE: Chegaram.

ESTELA: E agora?

MARGARIDA: Não é melhor eles pegarem a gente aqui?

ESTELA: Não, corre! Guarda tudo!!!

MÃE *(em play-back):* Querido, vê se as meninas estão no quarto...

MARGARIDA: Ai, ai, ai! São eles, mesmo.

ESTELA: Vai, junta tudo! Anda!

MÃE *(em play-back):* Benhê, você viu se a porta da cozinha está aberta? A luz dos fundos está acesa.

(As três disparam para dentro da casa.) (Manhã seguinte.)

SIMONE: Estou com cara de Cinderela?

MARGARIDA: De Bela Adormecida.
Acorda!

SIMONE: Sonhei com Príncipe Encantado. *(Quase sem voz.)* Ele me deu cada beijo!

MARGARIDA *(profundamente preocupada):* E... tudo bem?

SIMONE: Meio perturbada.

MARGARIDA: Não é pra menos.

SIMONE: Um "gato"! Você não acredita.
Passou a noite me arranhando.

MARGARIDA: Ui!

(Um arrepio percorreu seu corpo.)

SIMONE: Fala verdade: não é sonho pra se ficar na cama o dia inteiro?

MARGARIDA: Nem me fale.

SIMONE: Não está muito cedo?

MARGARIDA: Passou da hora.

SIMONE: Ainda vou me depilar.

MARGARIDA: Não dá!

SIMONE: Não dá pra eu ir peluda.

MARGARIDA: Vai chegar atrasada.

SIMONE: Ai, quero férias!

(E grita, como se estivesse acabando o mundo.)

MARGARIDA *(acostumada aos exageros de Simone):* Que foi?

SIMONE: Apareceu espinha em meu queixo.

MARGARIDA: E precisa gritar desse jeito?

SIMONE: É praga! Juro que é, só pode!

MARGARIDA: E a vizinhança tem de saber?

SIMONE: Olha! Estou horrorosa!

Macarrão vai olhar em minha cara e nem vai querer ficar comigo.

MARGARIDA: Se cutucar, inflama.

ESTELA: Espremer é pior, que marca pra sempre.

SIMONE: Essas coisas só acontecem comigo. Só comigo!

MARGARIDA: E você? Não vai sair desse bidê?

ESTELA: Ainda, não.

MARGARIDA: Faz mais de quinze minutos que você está aí. Você gosta dessa agüinha lhe fazendo cosquinha, heim?

ESTELA: Tão gostoso...

(Seu corpo dança; sua voz...)

MARGARIDA: Acho que, por dia, você passa cinco horas sentada nesse bidê.

ESTELA: É tão gostoso...

(Seu corpo, todo movimento; sua voz...)

MARGARIDA: Eles conversam. Ela chama o bidê de Bilu-bilu, pode?

ESTELA: Você fala, mas bem que gosta.

MARGARIDA: Não fico cinco horas.

ESTELA: Mas, quando fica... *(E engole ar.)* Faz o maior escândalo... *(E, mais ar.)* Aaah!... Acho que vou morrer... *(E é como se o corpo borbulhasse e subisse tudo pela voz...)*

(Margarida e Simone estão sem palavras)

SIMONE *(mal-refeita da experiência anterior):* Que batom eu passo?

MARGARIDA: O vermelho!

ESTELA: Não, um mais claro.

SIMONE: É melhor brilho?

ESTELA: Não, normal.

MARGARIDA: Eu gosto de boca bem brilhante.

SIMONE: E na cara, heim?

MARGARIDA: Realça sobancelha.

ESTELA: Não, muito forte.

SIMONE: Cabelo preso?

ESTELA: Solto.

MARGARIDA: Preso! Aí, você pode soltar depois.

SIMONE: E perfume?

MARGARIDA: Só desodorante.

ESTELA *(com o frasco na mão):* Ai, esse desodorante é uma delícia!...

(À porta da escola: a dura realidade.)

ESTELA: Tem prova final de Matemática.

SIMONE, ESTELA e MARGARIDA

(confidenciando à assistência):

A gente não estudou nada!

SIMONE: Essas coisas só acontecem comigo. Só comigo!

ESTELA e MARGARIDA: Pára!

ESTELA: Prova final me dá diarreia.

MARGARIDA *(mesma coisa que técnico preparando seu time, minutos antes de decisão de campeonato):* Tem de ter calma...

ESTELA: E se me der frio na barriga?

MARGARIDA *(sem a mesma segurança anterior):* Encarar a prova como se ela fosse coisa natural...

ESTELA: Costuma me dar tremedeira.

MARGARIDA *(perdendo o tom profissional):* Sofrer por antecipação não adianta.

ESTELA: E se me der branco?

MARGARIDA: Você sabe! Eu sei que você sabe. Na hora, você tem de lembrar!

ESTELA: Falar é fácil! Vai lembrar, quero ver!

MARGARIDA: Põe na cabeça que você vai passar, que você passa.

ESTELA: Eu vou passar, eu vou passar, eu vou passar...

SIMONE: O que eu falo pra Macarrão?

MARGARIDA: Fala pra esperar. É caso de vida ou morte.

SIMONE: Ele vai acabar achando que

sou cheia de drama.

ESTELA: Eu queria inventar a Pílula do Saber pra acabar com escola e professor.

SIMONE: Ótima idéia!

ESTELA: Pra que passar horas e horas estudando?

SIMONE: É muita prova, muita lição, muita pesquisa.

ESTELA: Era só tomar uma pílula e pronto.

MARGARIDA (*prática*): Vamos fazer o seguinte: entro na classe e dou um jeito de jogar as questões pela janela.

ESTELA: Eu fico no pátio, pego a prova e me escondo no banheiro. (*Para Simone, que já ia saindo.*) Você me encontra lá. A gente sobe com a prova resolvida.

(*Simone sai.*)

MARGARIDA: Tem de ser rápida porque o cara não deixa entrar atrasada.

(*E sai.*)

ESTELA (*prestando o seguinte depoimento ao público*): Sinceramente? A partir da quinta série do primeiro grau, é horrível. Um cara entra em sala dando matéria, sai dando matéria e não está nem aí com o que o outro está dando. (*Um aviãozinho de papel atravessa a cena.*) A prova... (*Indicou o aviãozinho.*) (*Desmancha o aviãozinho. Dá uma olhada, por alto, nas questões.*) Não existe assunto interessante. Aí, de repente, eu não agüento e faço zona, mesmo. Eu cresci: meu corpo todo mudou – parece que ninguém percebe e, ainda por cima, ficam me enchendo de coisa que não me cabe agora. Estou precisando de

tempo pra reaprender tudo. Eu cresci – a única pessoa que notou foi vovó.

MARGARIDA (*tirando Estela de suas recordações*): Vamos mudar de escola?

ESTELA: Nem pensar! A gente tem de passar de ano pra poder viajar sozinha nas férias.

MARGARIDA: Tem prova final de Ciências.

ESTELA: Qual matéria?

MARGARIDA: Corpo Humano: Crescimento e Desenvolvimento. (*Imitando professor.*) “A semente germina e se transforma, frondosa, do mesmo jeito que papai planta a sementinha em mamãe...”

ESTELA: Igual ao cara que dá Ciências: completamente fora da realidade.

MARGARIDA: “E, nove meses depois, nasce o neném – fruto de amor dos dois.” (*Termina a representação.*) Pode?

ESTELA: Não pode, mesmo.

MARGARIDA (*mudando de assunto*): Você sabia que Daniela está grávida?

ESTELA: E vai se casar.

MARGARIDA: Sabe o que ela me perguntou: – “Pode ficar grávida na primeira relação?” Aí, eu barbarizei: – “Acho que só depois que se fizer dezoito anos”.

ESTELA (*fazendo uma Daniela “retardada”*): “Mas só fica grávida se transar quando estiver menstruada, né?” (*A própria Estela responde.*) “Acho que quando a gente está menstruada nem pode transar, senão o sangue volta pra cabeça.”

MARGARIDA (*a brincadeira pega*

fogo): “Mesmo se tomar pílula no dia?”

ESTELA: “A gente toma pílula no dia que transa ou no dia seguinte?”

MARGARIDA: Agora, falando sério: você vai se casar virgem?

ESTELA: Nem sei se vou me casar.

VOZ (*em off*): E, atenção, senhoras e senhores! Reproduzimos, aqui, resumo das principais direções que o dramaturgo poderia ter seguido para desenvolvimento dessa história: 1) Simone poderia ter fugido sem deixar vestígio ou bilhetes, não tendo sido nunca mais encontrada, nem por seus familiares nem pela polícia; 2) Ser encontrada no quarto do referido Macarrão, já em estado de coma devido a doses abusivas de todas as drogas imagináveis – LSD, maconha, cocaína, ópio, morfina, heroína, clorofórmio, éter, álcool, açúcar, cafeína, nicotina e alcatrão – e internada, com urgência, na UTI, do Hospital das Clínicas.

(*Simone entra quieta e calada.*)

ESTELA: A Simone voltou! (*E corre ao seu encontro.*)

(*Estela e Margarida, na maior expectativa: querem saber tudo o que aconteceu.*)

SIMONE: A gente foi ao cinema, pronto.

ESTELA e MARGARIDA: Só isso?...

ESTELA: Conta, vai.

SIMONE: Vou avisar de uma vez, pra não dar problema mais tarde. O Macarrão estava duro.

MARGARIDA (*vem, de público, explicar certos detalhes de sua vida financeira*): Lá em casa, a mãe calcula, mais ou menos, quanto cada uma de nós gasta e faz

uma caixinha pras três.

ESTELA (*eclarecedora*): Se uma gasta mais, está tirando dinheiro de outra.

MARGARIDA (*para Simone*): É seu direito, dentro da divisão, ir ao cinema duas vezes por mês.

ESTELA: Pagou a de Macarrão, uma. Mais a sua, duas. Cinema, agora, só mês que vem. Abra o olho! Sua grana está acabando.

SIMONE: Seria tão bom ter meu próprio dinheiro e fazer com ele o que eu bem entendesse.

MARGARIDA: Nem me fale.

SIMONE: “Eles” fazem de tudo pra gente gastar: é loja de CD ao lado de lanchonete com mil fotografias de sorvetes.

MARGARIDA: Cobertura de chocolate...

ESTELA: *Marshmallow...*

MARGARIDA: Caramelo...

ESTELA: Pedacinhos de amendoim...

SIMONE: Comprei o CD dos *Vikings*...

ESTELA: Então, você gastou mais do que podia!

SIMONE: Não comi! Estou morrendo de fome. E, este mês, não vou mais andar de ônibus.

MARGARIDA: Nem tomar refrigerante na hora do lanche.

ESTELA: É água, no bebedouro. E, olhe lá!

SIMONE: Não consigo me entender com esse negócio de grana controlada. Quero trabalhar! Fazer alguma coisa e ganhar pelo que eu fizer. Não quero mais ouvir: “Você é que leva vida boa, não precisa trabalhar!”

ESTELA: “Você não sabe quanto custa ganhar esse dinheiro!”

MARGARIDA: “Você acha que é só pedir e dinheiro aparece!”

SIMONE: Quando não jogam o dinheiro em cima da mesa no maior mau humor.

MARGARIDA (*revelando alguns detalhes de sua vida profissional*): A gente já tentou trabalhar na firma do pai. Não deu certo.

ESTELA (*esclarecedora*): Ele paga pouco e fala que estamos investindo no que é da gente mesmo.

(*Estela e Margarida não se deixam enganar: Simone não está legal.*)

ESTELA e MARGARIDA: Conta, vai.

SIMONE (*cedendo*): Estou quase do tamanho de Macarrão. Ele falou que, só neste mês, cresci dez centímetros. Que, quando a gente se conheceu, eu batia aqui nele. (*E mostra a altura do ombro.*) Está se sentindo meio mal comigo.

ESTELA: Fala que é assim mesmo. Mês que vem é a vez dele crescer.

SIMONE: Mas qual será meu tamanho, no final, quando eu parar de crescer? Vocês sentem que a mão ficou maior?

ESTELA: Eu sinto.

MARGARIDA: Eu, não. Meu nariz é que está enorme na cara.

ESTELA: Dá sensação de não saber segurar as coisas.

MARGARIDA: Fico horas no espelho apertando o nariz pra ver se ele diminui.

SIMONE: E se eu crescer demais, igual girafa?

ESTELA: Melhor do que tampinha pro resto da vida.

MARGARIDA: Só não quero é ficar gorda, cheia de pneu e barriguda.

ESTELA: Nem magra, sem bunda.

MARGARIDA: Eu já sonhei que me

nasceu bigode.

ESTELA: Existe mulher que tem barba.

SIMONE: Aí, é problema de hormônio; tem cura.

MARGARIDA: É, mas quero ver arrumar namorado com fama de Mulher Barbada.

SIMONE (*acaba contando tudo*): Ele falou que sou desengonçada. Que, quando eu ando, às vezes meu corpo vai pra frente, às vezes vai pra trás. (*Vamos assistir a outra crise.*) Por que essas coisas só acontecem comigo? Só comigo?

ESTELA (*levando Simone pelo braço*): Melhor ir pra casa.

SIMONE (*engolindo ar*): ãããh!!!

ESTELA e MARGARIDA: Que foi?

SIMONE: É Macarrão, ali no boteco?

ESTELA e MARGARIDA: É.

SIMONE: Cachorro!!! (*E vai ver melhor.*) ããããh!!!!

ESTELA e MARGARIDA: Que foi?

SIMONE: É a galinha da Dorotéia que está com ele?

ESTELA e MARGARIDA: É.

SIMONE: Desgraçado!!!!!!! Pra mim, ele fala pra eu não frequentar esses lugares. Mas ele pode?!

ESTELA: Homem é assim mesmo.

MARGARIDA: Homem é tudo igual.

SIMONE: Homem é um mistério. Eu vou lá.

ESTELA e MARGARIDA: Nã-nã-ni-nã-não!

ESTELA: Vão lhe chamar de galinha.

MARGARIDA: Você vai ficar com fama de puta.

ESTELA: Ele vai dizer que você fica no pé dele.

MARGARIDA: Ele vai dar uma de gostoso.

SIMONE: Não estou nem aí. Quero saber que história é essa.

(E vai.)

ESTELA e MARGARIDA: Pronto! Estamos nós duas aqui sozinhas outra vez.

ESTELA: Simone está ficando doida.

MARGARIDA (*musical*): E Estela está louquinha pra ficar também.

ESTELA: Pelo menos, ela fica sabendo, logo, que história é essa.

MARGARIDA: Vamos lá...

ESTELA: Qual é a de Macarrão?

MARGARIDA (*para provocar. Musical*): Estela...

ESTELA: O quê, Margarida?!

MARGARIDA: Por que a gente não vai também?

ESTELA (*inventando desculpa*): Porque Prego e Caveira não estão lá.

MARGARIDA (*debochando*): Ah, sei...

SIMONE (*voltando*): Tudo bem.

ESTELA e MARGARIDA: Tudo bem, o quê?

SIMONE: Ele está esperando Prego e Caveira pra combinar um negócio com eles.

ESTELA (*arrastando Margarida para o boteco*): Então, vamos!

SIMONE: Nã-nã-ni-nã-não! Vamos embora.

ESTELA: Nada feito! Você namora o dia inteiro.

MARGARIDA: E a gente, querida?

SIMONE: Eu tenho uma coisa pra combinar com vocês que vai ser legal pra nós seis.

ESTELA e MARGARIDA: Combina.

SIMONE: No caminho, eu explico.

(*No caminho.*)

SIMONE (*caminhando*): Combinei, com Macarrão, de fazer uma festa. Ele, Prego e Caveira vão tocar e vai ter de pagar pra entrar.

ESTELA e MARGARIDA: Oba! Festa!!!

(*Como se fosse goooooooooo!!!!*)

SIMONE: Enquanto eles ensaiam, temos

que preparar tudo: alugar salão, tirar alvará na prefeitura, encomendar comes e bebes e contratar a luz.

ESTELA: E grana pra tudo isto?

SIMONE: A gente vai cobrar ingresso. A renda paga as despesas e o lucro a gente divide. Só que, fora isso, dez por cento são meus porque eu tive a idéia.

MARGARIDA: E se der prejuízo?

SIMONE: Ó, duas coisas: primeiro, tudo é risco; e, segundo, quem não tiver coragem na vida, acaba enfiada em escritório.

(*Em casa.*)

ESTELA, MARGARIDA e SIMONE: Mãe, cheguei.

SIMONE: Macarrão marcou a festa pra sábado.

ESTELA: Mas é semana de prova final.

MARGARIDA: E a gente tem de passar.

SIMONE: A gente tem de fazer a festa, ganhar muita grana, passar de ano e viajar.

ESTELA: E como é que vai ser?

SIMONE: Falar da festa pra todo o mundo.

MARGARIDA: Criar ar de mistério em torno dela.

ESTELA: Espalhar pras menininhas que só vai homem bonito.

MARGARIDA: E, pros garotos, que vai ter mulher pelada dançando em cima de barril de cerveja.

SIMONE: Vamos brincar de festa no porão?

MARGARIDA: Eu tenho medo, na hora de entrar.

SIMONE: Depois, passa.

ESTELA (*para Simone*): Lembra da última vez?

SIMONE: O quê?

ESTELA: Você inventou "A história das

três lágrimas de amor”.

SIMONE: Foi mesmo! E hoje eu chorei três vezes.

ESTELA e MARGARIDA: Quais?

SIMONE: Quando vi espinha em meu queixo.

ESTELA e MARGARIDA: Uma!

SIMONE: Quando Macarrão falou que sou desengonçada.

ESTELA e MARGARIDA: Duas!!

SIMONE: Quando vi a galinha da Dorotéia com ele, naquele boteco.

ESTELA e MARGARIDA: Três!!!

(Olhares cúmplices e... dessa vez, vão ao porão como quem vai à Fonte de Sabedoria. Se houvesse lugar sagrado onde fosse revelado o segredo do mundo, esse lugar seria o porão, neste momento.)

MARGARIDA: Vou fazer a Cigana, de novo...

ESTELA *(viajando)*: Era uma vez, uma Cigana que ficava olhando o mar, contando ondas...

SIMONE: Deixa eu fazer a Donzela?

ESTELA: Tudo bem. Eu vou ser a Lua.
(Algo mudou no ar, na luz...)

DONZELA: O que é saudade?

CIGANA *(cantarolando)*: “Saudade, palavra triste quando se perde um grande amor”.

DONZELA: O que é carinho?

CIGANA: É pouquinho de amor. Mas há muita coisa que a gente não quer e o destino quis.

DONZELA: Cigana, o que eu faço?

CIGANA: Vai perguntar à Lua.

DONZELA: Como é a Lua?

CIGANA: A Lua é aquela de negro, com seu colar de estrelas, lá no céu.

DONZELA: Lua, ó Lua, o que eu faço?

LUA: Quando eu estiver minguando,

guarda-se.

DONZELA: Mesmo que a vontade me mande rasgar, quebrar, romper?...

LUA: Quando eu estiver minguando, guarda-se. Mas, quando eu estiver engordando, cada vez mais inteira no céu, vai – corre o risco!

(Música celestial, luz em resistência e milhares de estrelas no firmamento...)
(Manhã seguinte.)

SIMONE *(despejando)*: Sonhei com Macarrão e ele não parou de repetir que sou desengonçada. Por que essas coisas só acontecem comigo? Só comigo?

MARGARIDA: Vai começar?!!!

ESTELA *(providencial)*: Tem prova hoje.

SIMONE: Isola.

ESTELA: Português e Geografia.

MARGARIDA: Aí, acaba, né?

ESTELA: Acho que sim.

SIMONE: E não tinha ginecologista, hoje?

ESTELA: Tinha, não. Tem. E é daqui a pouco.

SIMONE: A gente tem de preparar as coisas para a festa.

ESTELA: A mãe estava dizendo que o pai não quer deixar a gente viajar sozinha nas férias.

SIMONE: Coitado! Ele prometeu. *(Como se já estivesse cara-a-cara com o pai.)* Se passar de ano, a gente viaja de qualquer jeito.

ESTELA: Ele falou assim: “Todos acompanhamos os programas familiares. É norma da casa.”

MARGARIDA: Ele não está aceitando que a gente cresceu.

SIMONE: Claro, não quer reconhecer que está ficando velho.

MARGARIDA: Quer saber? Nunca vamos deixar de ser criança pra ele.

ESTELA: O pai era ótimo, quando a gente era pequena.

MARGARIDA: Quanto a pai de adolescente, ele não está com nada.

SIMONE (*pronta para a discussão com o pai*): Quero ver se a gente viaja ou não viaja.

MARGARIDA: Imagina quando ele descobrir que, com o lucro da festa, não vamos precisar de grana dele pra viajar.

SIMONE: Só de pensar na sensação de liberdade...

ESTELA: Deu vontade de gritar!!
(*Corre e se senta no bidê, feliz da vida.*)

MARGARIDA: Menina, isso é hora de se masturbar?

ESTELA: Espera... (*E engole ar.*) Quase... (*E, mais ar.*) Eu vou... Estou... (*O corpo borbulha e sobe tudo para a cabeça.*) No ginecologista.
(*constrangidíssimas.*)

MARGARIDA e SIMONE: E aí?

ESTELA (*voltando da consulta*): Tudo bem.

MARGARIDA e SIMONE: O que você perguntou e o que ele respondeu?

ESTELA: Que não pode usar a mesma camisinha mais de uma vez. Que, quando a gente está menstruada, não está fértil; então, se transar, raramente, fica grávida. Que não há lógica em se dizer que mulher de canela fina/grossa é boa de cama. E que, pelo tamanho da boca, não dá pra saber o tamanho da xoxota.

(*Margarida e Simone, atordoadas.*)

ESTELA: Sua vez, Margarida.

(*Margarida não ouviu.*)

ESTELA e SIMONE: Sua vez, Margarida!

Margarida sai. Estela e Simone, mais constrangidas ainda.

ESTELA e SIMONE: E aí?

MARGARIDA: Foi legal!

ESTELA e SIMONE: O que você perguntou e o que ele respondeu?

MARGARIDA: Perguntei se eu ficasse grávida, o que ele faria em meu lugar. Ele falou que, no caso de gravidez, ela seria indesejada. Que é como se fosse acidente; não coisa que a gente tivesse planejado. Que, no momento da relação, o que eu e Caveira estaríamos buscando é prazer e não sermos pais. Que não estamos preparados e que não temos condições de criar filho. Então, ele acha que tem de saber prevenir pra não ter de abortar.

(*Estela e Simone, atônitas.*)

MARGARIDA: Sua vez, Simone.

(*Simone não ouviu.*)

ESTELA e MARGARIDA: Sua vez, Simone!
(*Simone sai.*) Estela e Margarida, no auge do constrangimento.

ESTELA e MARGARIDA: E aí?

SIMONE: Pedi pra ele me receitar pílula anticoncepcional.

(*Estela e Margarida caem das nuvens.*)

SIMONE: Primeiro, ele queria falar com pai, mãe, avô, avó, tio ... Depois se convenceu de que não haveria problema.

ESTELA e MARGARIDA (*recuperadas*): E pra gente?

SIMONE: Voltem lá. Tudo é questão de saber conversar.

(*Estela e Margarida não perdem um instante; invadem a sala do doutor.*)

(*Na prefeitura. Tentando tirar licença para uma festa.*)

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA

(colocando brinco na orelha esquerda): Não é aqui.

SIMONE *(sem entender):* A outra moça disse que era.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA *(ajeitando o cabelo para deixar visível o brinco):* Aqui, a gente só faz pra menos de cem pessoas.

SIMONE *(tentando argumentar):* Lá, a outra moça disse que não dão pra uma festa só.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA *(colocando brinco na orelha direita):* É uma festa só?

SIMONE: É.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA *(ajeitando esse último brinco entre as mechas do cabelo):* E mandou você pra cá?

SIMONE: Foi.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA: Vamos lá pro fundo.

(E entram em portas, atravessam corredores – dezenas de salas vazias.)

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA: Olha, o cara que entende de alguma coisa aqui dentro trabalha naquela sala. Mas ele só chega depois das quatro.

SIMONE: Sei.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA:

Normalmente, ele sai pra tomar cafezinho e volta lá pelas cinco.

SIMONE *(incrédula):* Sei.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA: Um horário bom de você voltar é cinco e meia.

SIMONE *(sentindo-se perfeita idiota):* Obrigada.

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA: O expediente é só até às seis. Não esqueça, heim?

(E sai.)

FUNCIONÁRIA ASQUEROSA:

(não olha para Simone): Você é “de menor”.

SIMONE: Sou.

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO: Treze?

SIMONE: Quatorze!

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO

(continua sem olhar para Simone): Vai cobrar ingresso, não é? Você sendo “de menor”, não sei, não.

SIMONE: Que tem a ver?

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO

(programado, sem nunca ter pensado no que repete): Pessoas, antes de dezesseis anos, estão impedidas de comprar, vender, ser sócio, estabelecer comércio, indústria, casar, votar e conduzir veículos motorizados.

SIMONE: Isso é idiotice! Jovem não é débil mental!

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO *(até agora, não olhou para Simone):* É a lei, não é? A pessoa de até dezesseis anos é considerada absolutamente incapaz, não podendo responder por seus atos.

SIMONE: Que eu faço?

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO: Faz a festa. Se aparecer algum fiscal, chama num canto e solta uma cervejinha que dá tudo certo.

SIMONE: Pra requerer policiamento na porta, preciso de Alvará da Prefeitura.

FUNCIONÁRIO ASQUEROSO *(sem jamais ter olhado pra Simone):* É a mesma coisa. Vá ao batalhão e pergunte ao soldado que estiver de folga se ele quer trabalhar pra você. Ele vai. Você dá algum por fora.

(E sai.)

SIMONE (*à sociedade, aqui representada pelo distinto público*): Tem de subornar tudo. Não é possível fazer as coisas direito. “Dar um jeitinho”, até quando?

(*Na porta da escola: a barra de sempre.*)

MARGARIDA: Gabarito da prova de Português.

ESTELA: Não agüento mais ouvir falar em prova.

MARGARIDA: Calma, é só copiar as respostas e pronto. Num minuto, a gente entrega a prova.

ESTELA: Estou pedindo: não fala essa palavra perto de mim.

MARGARIDA (*enérgica*): Fica fria. Depois, temos de dar um jeitinho de descer e pegar o gabarito de Geografia que a outra classe está fazendo agora.

ESTELA: Eles já inventaram bife de plástico. Até salsicha de papel estão fabricando. Por que não criam a Pílula do Saber?

MARGARIDA (*séria*): Simone não apareceu.

ESTELA: Aplicaremos o mesmo golpe de ontem.

MARGARIDA: Detalhe: Simone precisa de nove para passar.

ESTELA: Façamos uma corrente positiva.

MARGARIDA: Ok!

(*Deram-se as mãos.*)

ESTELA e MARGARIDA: Eu passarei, tu passarás, Simone passará! I-é!

(*A expressão anterior traduz grito de guerra.*) (*E sobem para a classe.*)

(Estela, Margarida e Simone andam, para lá e para cá, pela casa. Abrem todas as gavetas, mexem em todos os armários – principalmente os da mãe.)

SIMONE: Nunca tenho roupa pra sair!

MARGARIDA: Não tenho sapato!

ESTELA: Margarida, eu preciso de uma camiseta.

MARGARIDA: Não!!!

ESTELA: Você não vai usar todas ao mesmo tempo.

MARGARIDA: Vou experimentar uma por uma, pra ver qual combina com meu brinco de ouro.

SIMONE (*sem rumo na vida*): Com que roupa eu vou?!

MARGARIDA (*consigo mesma*): Não sei passar roupa. Ficou uma caca.

ESTELA: Simone, telefone.

SIMONE (*para toda vizinhança ouvir*): Estela! Margarida!! Olha, aqui, em minha perna!!!

ESTELA e MARGARIDA (*sem acharem nada de mais*): Que é que tem?

SIMONE: Não estão vendo?!!!

ESTELA e MARGARIDA: O quê?

SIMONE (*é o fim do mundo*): Varizes!!!

ESTELA e MARGARIDA: Essa manchinha azul?

SIMONE: Varizes!!!

MARGARIDA: Engraçado, nem dá pro reparar direito.

SIMONE: É assim que começa.

ESTELA: Varizes têm cura, sabia?

SIMONE: Está parecendo aranha. Por que essas coisas só acontecem comigo? Só comigo?

ESTELA: Simone, telefone!!!

MARGARIDA (*para Estela – com uma peça de roupa na mão*): Pode usar esta, se quiser.

ESTELA: Depois que você estragou a blusa com ferro quente?!

SIMONE (*ao telefone*): Mas que eu tenho com isso? O senhor está sendo pago pra fazer o serviço.

ESTELA e MARGARIDA (*bobas*): Simone...

SIMONE: O cara não está sabendo ligar cabo de força, sei lá, de

aparelhagem de som. Eu tenho de resolver? *(Ao telefone.)* Meu senhor, o problema é seu.

(Desliga.)

(Na bilheteria do salão onde está sendo realizada a festa.)

SIMONE: E aí, quanto deu de lucro?

MARGARIDA: Calma, não sou boa em Matemática.

ESTELA: Precisa de ajuda?

MARGARIDA: Quanto a gente gastou?

SIMONE: Já está tudo pago.

MARGARIDA: Mas tem de subtrair de não sei o quê...

SIMONE: De quanto entrou no caixa.

MARGARIDA: Pra quê, mesmo?

ESTELA: Pra saber quanto deu de lucro.

MARGARIDA: Ah!...

SIMONE: O salão está lotado.

ESTELA: Macarrão, Prego e Caveira vão tocar daqui a pouco.

MARGARIDA: Será que a bebida vai dar?

SIMONE: Vou até o bar, ver como andam as coisas.

MARGARIDA: "Total de despesas" é quanto se gastou, né?

ESTELA: É.

SIMONE *(ia até o bar mas parece que desistiu):* Estou desengonçada?

MARGARIDA: Não começa, Simone. *(Simone sai.)*

ESTELA: De onde saiu tanta gente?

MARGARIDA: Veio todo o mundo.

ESTELA: Sufoco foi convencer pai e mãe de que não é festa de família mas que, ao mesmo tempo, não é baixaria.

MARGARIDA: Na verdade, eles deixaram porque vamos faturar essa grana.

ESTELA: E quanto deu de lucro?

MARGARIDA: Eu-ainda-não-sei! *(As caixas de som explodem! É o som*

de Macarrão, Prego e Caveira. Aos primeiros acordes, Simone entra.)

ESTELA, MARGARIDA e SIMONE: São eles!!!!

(E disparam pra dentro do salão. Se fossem os maiores ídolos do rock mundial que estivessem tocando, elas não estariam vibrando tanto...)

No porão. Dessa vez, é como quem volta ao ninho. Se existe lugar que signifique segurança, o porão é esse lugar, neste momento.)

ESTELA: Sabem o que é isso?

MARGARIDA: O boletim da gente.

SIMONE: Nossas notas estão aqui.

ESTELA: Sabem o que isso quer dizer?

MARGARIDA: Que a gente vai saber se passou, ou não.

SIMONE: Nosso destino está aqui.

ESTELA: Nos números.

MARGARIDA *(angustitada):* Estão pensando que é brincadeira?

SIMONE *(delicada):* O coração fica desse tamaninho, nessas horas.

ESTELA: Resolvemos abrir os boletins aqui, no porão.

SIMONE: Assim, se não passar, já se enterra por aqui mesmo.

ESTELA: Vamos abrir?

SIMONE: Não é melhor rezar, primeiro?

MARGARIDA: E adianta?

SIMONE: Não, né?

ESTELA e MARGARIDA: Não!

ESTELA: Vamos abrir?

SIMONE: E acender vela, será que adianta?

MARGARIDA: Ou você passou ou não passou.

SIMONE: É, né? *(Desesperada.)* Vocês acham que eu passei?

ESTELA: Só se baixou a fada-madrinha nos caras.

SIMONE *(para Estela):* Você acha que passou?

MARGARIDA (*intrrometida*): Eu passei.
ESTELA: Margarida, você não sabe nada.
MARGARIDA (*fincando pé*): Mas eu passei!
ESTELA: Então, eu também.
MARGARIDA (*abrindo o boletim. Evita que a discussão cresça*): Ciências: 5. 0!
ESTELA: 5. 0!
SIMONE: 5. 0!
MARGARIDA: História: 5. 5!
ESTELA: 5. 5!
SIMONE: 5. 0?! Claro, cola errada! (*E olha para as duas, enfurecida.*)
MARGARIDA: Geografia: 5. 5!
ESTELA: 5. 5!
SIMONE: 5. 5!
MARGARIDA (*pálida*): Português: 5. 0!
ESTELA (*branca*): 5. 0!
MARGARIDA (*lívida*): Matemática! (...) Vamos lá, meu Pai! 5. 0!!
ESTELA: 5. 0!!
SIMONE: 5. 0!!! Passei!!!!
ESTELA e MARGARIDA: Eu, também!!!! (*E vão, correndo, contar à mãe.*) (*Na rodoviária.*)
MARGARIDA: Simone está demorando.
ESTELA: A fila do banheiro está enorme.
MARGARIDA: Nunca vi a rodoviária assim.
ESTELA: Convencer o pai foi fácil. Eu, no colo, com a cabeça deitada no peito dele.
MARGARIDA: Eu alisando o pé.
ESTELA: Simone beijando a careca.
MARGARIDA: Dez minutos de papo e ele concordou com tudo. "Tá bom, tá bom, tá bom. Mas, telefonem todo dia. Na hora do

almoço, que papai tá em casa, e, à noite, antes da novela."

(*Desmanchando a representação.*) Primeiro, vamos à praia. Estamos muito a fim de conhecer o pessoal da nossa geração.

ESTELA: Conversar, saber o que se está pensando da vida, do amor, das coisas.

SIMONE (*chegando*): Compraram passagens?

ESTELA: Não, querida. Você acha que a gente vai enfrentar fila?

MARGARIDA: E você, no bem-bom?

SIMONE: Olha, estou feliz! Para que entrar em briga com adolescente mal resolvida, né? Ai! não vejo a hora. Macarrão, Prego e Caveira foram ontem, à noite.

ESTELA, MARGARIDA E SIMONE

(*musicais*): Já estão lá, esperando a gente.

ESTELA: Só que o pai não sabe disso.

MARGARIDA: A mãe fez cara de contrariada, mas não vai contar nada, não.

SIMONE: Surpresa! (*Apresenta três bilhetes comprados antes de se encontrar com as irmãs.*) Uma dona estava vendendo três passagens.

ESTELA e MARGARIDA (*maravilhadas com a atitude providencial da irmã*): Simone!!!...

SIMONE: O ônibus sai daqui a três minutos. Vamos...

(*Felicidade nos olhos, nos sorrisos, nos corpos, na atitude de Estela, Margarida e Simone!... Black-out.*)

Adolescente/ Adulto

Uma Rosa para Hitler
Gregghi Filho e Roberto Vignati

UMA ROSA PARA HITLER

Gregghi Filho e Roberto Vignati

(Texto escrito a partir de uma reportagem publicada pelo jornalista inglês David Hadgson, que descobriu os primeiros dados no meio de um livro do Terceiro Reich, na Weiner Library, em Londres).

PERSONAGENS

Rosa – 22 anos, no começo. Envelhece até os 42 anos.

Hitler – 33 anos, no começo. Chega aos 53 anos, muito envelhecido.

Ernst – Judeu amigo da família de Rosa. Tem aproximadamente 50 anos quando a peça começa. Envelhece até 70 anos, e na última cena está com mais ou menos 90 anos.

Edelstein – Tem mais ou menos 50 anos. É o pai de Rosa.

Göebbels – 41 anos no começo. É nanico, moreno, tem um defeito na perna esquerda, é mais curta que a direita, ele manca. No final da peça está com 61 anos.

Soldado – Um jovem soldado da SS.

Repórter – Jovem também. Entra só na cena final, que se passa 20 anos após o final da Guerra. Pode ser feito pelo mesmo ator que vive o soldado.

CENA 1

(Amanhece. Ouvem-se risos. Logo Rosa entra correndo, escapando de Adolf. Eles parecem estar brincando de pegador, num jogo de sedução e desejo. Ela tem sobre o corpo uma roupa leve, esvoaçante e está descalça. Ele, só de calças e botas, tem o peito nu.)

ROSA: Não, não, Adolf, chega. Agora não.

ADOLF: Ah! Rosa, vem cá, vem...

ROSA: Não, já disse. Está amanhecendo. Preciso voltar.

ADOLF *(envolve-a):* Só mais um pouquinho. *(Beija-a com volúpia.*

Ela se entrega como uma gata.)
Te quero outra vez.

(Agarra-a num desejo louco, frenético.)

ROSA: Não, chega. Eu preciso ir.

ADOLF: Espera! Você me deixa louco!

ROSA: Não, é tarde. Podem me ver chegando lá em casa. Meu pai acorda cedo.

ADOLF *(sempre envolvendo-a):* Você prometeu pôr narcótico no chá dele esta noite.

ROSA *(incrédula):* Não posso fazer isso. Se acontecer alguma coisa com ele, vou ficar com remorso pro resto da vida.

ADOLF *(mudando bruscamente):* E daí? Ele está me atrapalhando,

está interferindo na nossa vida. Se preciso, tem que morrer.

ROSA (*após pequeno susto*): Já sei: é mais um jogo, mais um truque pra dizer que me pegou de novo, que sou burrinha, que estava brincando comigo!

ADOLF (*divertindo-se*): É, a minha pequena está ficando esperta. Está aprendendo rápido demais. (*Confirmando.*) É mais um jogo sim, uma brincadeira. Eu adoro brincar. (*Puxa-a para si e recomeça as carícias libidinosas.*) Vem cá, vem.

ROSA (*resistindo*): Não, está amanhecendo.

(*Se afasta.*)

ADOLF: Não! (*Usando com grande verdade o texto de Julieta.*) "Era do rouxinol e não da cotovia a voz que feriu o teu delicado ouvido. Todas as noites ele canta naquela árvore. Acredita, meu amor, era o rouxinol."

ROSA (*entrando no jogo dele*): "Não, era a cotovia, a mensageira da aurora e não o rouxinol, tenho certeza. Veja, meu amor, os círios da noite já se queimaram e o dia, na ponta dos pés, já projeta seus raios no cume das montanhas. Preciso partir e viver, ou ficar e morrer."

ADOLF: "Não, minha amada, aquela claridade longínqua não é a luz do dia, é apenas o clarão da lua que veio para iluminar o nosso prazer!"

ROSA (*quebrando o jogo*): Não, não! Eu não sou Julieta e nem você Romeu. Está amanhecendo sim. Preciso partir!

ADOLF (*com grande fúria*): Não é a

cotovia desagradável que lança esses desagradáveis sons agudos na minha cabeça! É o rouxinol, já disse! E o que eu digo é mais que uma ordem! É Leil!

(*Rosa deixa cair o tecido que cobre o seu corpo. Adolf aproxima-se, cai de joelhos, agarra-a na cintura e perde-se na volúpia de seus desejos mórbidos. Rosa compartilha de seu grande prazer e êxtase, transformando-se num animal.*)

ROSA: "Que me prendam! Que me condenem à morte, pouco importa! Você quer e está decidido! Não são os raios da manhã e sim o pálido reflexo da Lua que invade nosso amor. É do rouxinol e não da cotovia o canto que rasga a abóboda celeste, vibrando tão alto sobre as nossas cabeças."

(*E nesse fotograma de prazer, a luz morre ao mesmo tempo em que outra sobe em Ernst.*)

CENA 2

(*Num outro ponto do palco aparece Ernst.*)

ERNST: Eu conheci essa mulher. Não sei exatamente como e quando começou essa história de amor. Talvez por volta de 1922... Uma história que seria como tantas outras, não fosse ele Adolf Hitler e ela, Rosa Edelstein, uma judia!

CENA 3

(*A luz muda. Edelstein, o pai de Rosa, entra com uma garrafa de vinho e*

duas taças na mão.)

EDELSTEIN: Não senhor, Ernst, você leva séculos para vir a Munique, e quando vem, mal chega, já fica falando que tem que voltar pra Berlim?! Não vou permitir que volte tão cedo. E depois, conheço uma pessoa que não vai gostar nada disso quando souber.

ERNST: Rosa vai entender, tenho certeza. *(Estranhando.)* E, por falar nisso, onde está minha garota predileta?

EDELSTEIN *(que estava servindo o vinho):* Boa pergunta, boa pergunta. Tem saído quase todas as noites. Quem sabe você, seu eterno confidente, arranque alguma coisa dela.

ERNST *(divertindo-se):* Com ciúmes, velho coruja?

EDELSTEIN: Não, não se trata disso meu caro Ernst. Alguma coisa séria está acontecendo.

ERNST: Na idade de Rosa, mil coisas estão acontecendo. E, geralmente, nada sério.

EDELSTEIN: Na semana passada, ela me disse que pretendia dar um pulo até Berlim. Que precisa muito falar com você.

ERNST: Então a coisa é séria mesmo. Rosa não suporta Berlim.

EDELSTEIN: Eu sei! "Não pretendo sair de Munique pra nada, papai! O mundo pra mim se resume a Munique." Como você vê...

ERNST: Ora, meu caro Edelstein, os jovens são assim mesmo. Ser inconstante faz parte da juventude.

EDELSTEIN: Só que com Rosa não existe meio termo nunca. Antes, eu precisava insistir prá que saísse, se

divertisse com os amigos. Agora, se quero conversar com ela, tenho que deixar bilhetes no criado-mudo: "Rosa, me espere." – "Filha, sou seu pai, precisamos conversar!"

ERNST *(se divertindo):* Não pense que com minhas filhas a coisa é diferente!

EDELSTEIN: Mas com certeza, você sabe pra onde elas vão.

ERNST: Ah! Isso, como dois e dois são quatro!

EDELSTEIN: Rosa sempre foi muito independente. Com ela, nunca tenho certeza de nada.

ERNST: É amigo, os tempos mudaram. Já estamos em 1922. A Guerra acabou há três anos. Se para nós, mais velhos, essa guerra modificou tanto as nossas vidas, imagina pros jovens! Tudo está acontecendo depressa demais. É preciso tomar cuidado pra não sermos apanhados de calças-curtas.

EDELSTEIN: Mas Rosa ainda é uma criança, Ernst!

ERNST: Engano, seu. Tem vinte e dois anos. Já é uma mulher. Um pouco sonhadora, romântica, mas é uma mulher. E voluntariosa. Logo, logo, aparece por aqui com algum príncipe encantado.

EDELSTEIN: É difícil imaginar a vida sem a minha Rosa. Quando a mãe morreu ela era tão pequenininha.

ERNST: O tempo voa, meu caro Edelstein. O tempo não pára!

EDELSTEIN *(depois de um gole de vinho):* Precisa mesmo voltar tão rápido a Berlim?

ERNST *(deixando seu copo de lado):* Preciso. Aliás, só vim porque era

muito necessário.

EDELSTEIN: Os negócios não vão bem!

ERNST (*cansado*): Cada vez pior!

EDELSTEIN: E o que é que vai bem hoje na Alemanha?

ERNST (*debochando*): A inflação que ninguém segura, o desemprego! A incerteza total!

EDELSTEIN: É, estamos no fundo do poço e aparentemente sem nenhuma perspectiva. Mas alguma coisa vai acontecer. É a lei da natureza. Esta situação não pode durar eternamente.

ERNST: Não sei não. Eu não tenho mais ilusões. Viver aqui se tornou impossível!

EDELSTEIN: As coisas logo vão mudar, você vai ver.

ERNST (*debochado*): Claro. Daqui a pouco vamos ter que levar um caminhão de dinheiro para trazer um filão de pão.

EDELSTEIN (*rindo*): Não seja tão pessimista.

ERNST: Sei! Você se mantém otimista porque seus negócios não foram atingidos.

EDELSTEIN: Engano seu. Também tive que fechar algumas fábricas. Pequenas, mas tive. Sorte que tecidos e peles sempre têm compradores!

ERNST: Não tenha tanta certeza disso. Tenho informações que o nudismo, orgias e depravações se alastram por aí com mais eficiência do que a peste negra.

EDELSTEIN: É, tudo pode acontecer num país sem esperança, sem sonho. Mas veja a Itália e a Espanha, por exemplo: estão achando saídas. Se eles encontraram nós também

podemos encontrar!

ERNST: Pode ser. Mas no momento, a única coisa que vejo claro são os Estados Unidos prósperos e distribuindo seus dólares para toda a Europa. É a história se repetindo sempre, meu amigo: de um lado o dominador e do outro, os dominados.

EDELSTEIN (*segredando, com humor*): Pra mim é só um empréstimo que nos trará benefícios. (*Mudando.*) Mas não foi pra resolver os problemas do mundo que você despençou até aqui de madrugada. Qual é o problema? Fala!

ERNST: A verdade é que... Estou arruinado. Preciso de dinheiro. Edelstein, meu amigo, as coisas estão péssimas, tudo vai muito mal... A ponto de amanhã...

EDELSTEIN: Calma, amigo, calma... Dinheiro não é problema para mim. Ainda! Logo mais acertamos tudo isso. Agora você precisa dormir, parece cansado. E só depois, terá permissão para voltar para Berlim.

ERNST: Obrigado. Assim posso ver Rosa e tentar desvendar o mistério dessas fugas noturnas que te preocupa tanto.

EDELSTEIN (*após uma expressão em hebraico*): Venha, eu te acompanho.

ERNST (*pegando a maleta e o casaco que estavam ao lado*): Mas antes que eu me esqueça: que me diz desse tal Hitler que está causando tanto furor aqui em Munique?

EDELSTEIN: Um sujeito esquisito que deixou o exército pra se dedicar ao Partido dos Trabalhadores

Alemães que agora virou Partido Nacional Socialista. Mas por que esse interesse?

ERNST: É que outro dia ouvi um discurso dele. *(Imita-o com repugnância.)* "Um novo começo. A estrela da Alemanha Moderna está em ascensão...! "Fiquei assustadíssimo!

EDELSTEIN: Bobagem! Este país hoje está cheio de radicais que exploram a miséria, o sentimento de humilhação imposto pelo Tratado de Versailles e suas exigências absurdas. Pra mim ele não passa de um oportunista, um pouco mais histérico do que os outros. Mas sempre oportunista.

ERNST: Seja o que for, ele não esconde seu antagonismo pela nossa raça.

EDELSTEIN: Ora, meu caro Ernst, não vamos perder tempo com um doente fanático que procura iludir um povo desesperado.

ERNST: Mas é justamente isso que me preocupa! Os desesperados se agarram a qualquer crença pra sobreviver. Todo ateu, na hora da morte, clama pelo Senhor. Ele ainda vai causar uma imensa dor para nossa gente.

EDELSTEIN: Se isso for verdade, pobre povo alemão?!

ERNST: Não! Pobre povo judeu!!!
(Ernst e Edelstein permanecem em cena alguns segundos num fotograma da visualização futura do horror que foi o holocausto. A luz morre neles.)

CENA 4

(Mesmo local dos amantes. Mesma madrugada. Está quase

amanhecendo.)

HITLER *(entra furioso, terminando de pôr a camisa):* Maldita judia!

ROSA *(alguns segundos depois vindo de dentro com suas roupas, que vai colocando durante a cena, até ficar pronta para ir pra casa):* Que foi????!

HITLER: Nada. Só estava lembrando de uma coisa da juventude... Há muitos anos atrás!

ROSA: Alguma coisa comigo?

HITLER: No passado, já disse. E o passado é o passado. É o que menos importa.

ROSA: Eu não falei do passado. Perguntei se foi alguma coisa comigo. Você estava eufórico, louco de desejo e de repente...

HITLER: É que você não é tão perfeita quanto se julga.

ROSA: Onde estou falhando?

HITLER: Na cama!

ROSA *(desconcertada):* Você está brincando de novo!

HITLER *(divertindo-se):* Nunca falei tão sério!

ROSA: Essa noite você disse várias vezes que sou ótima.

HITLER: Já conheci melhores.

ROSA *(firme):* Mas é comigo que você está agora.

HITLER *(mudando):* E você?

ROSA: Eu o quê?

HITLER: Conheceu alguém melhor do que eu?

ROSA: Você sabe muito bem que foi o primeiro.

HITLER: Se realmente isso é verdade... *(Reação dela.)* Então você é uma grande felizarda. Começou por cima, com o que a Alemanha tem de melhor!

ROSA: Ah! *(Salta feliz nos braços dele.)*

*Rodopiam.) Grande pretensioso!
Estava blefando de novo!*

HITLER: Não. Você que é fácil de ser enganada!

ROSA: É que você me confunde.

HITLER: E assim consigo o que pretendo sempre. O sucesso está em não abrir o jogo nunca... Confundir sempre. Principalmente os inimigos.

ROSA: Mas eu não sou sua inimiga.

HITLER: Eu sei. É apenas um instrumento em que posso praticar meu jogo.

ROSA: Errado! Sou apenas uma mulher que ama desesperadamente um maluco! Sabe que, às vezes, sinto vontade de sair gritando pelas ruas de Munique: "Eu sou Rosa Edelstein, a mulher mais feliz do mundo, porque amo Adolf Hitlerrrr!

HITLER *(agarrando-a bruscamente):* Não faça isso nunca. Nunca, entendeu? *(Rosa fica sem saber o que fazer. Ele logo se torna meigo, carinhoso. Abraça-a com ternura.)* Ah, minha Rosa... Minha ingênua e romântica Rosa Edelstein!

(Beija-a com loucura.)

CENA 5

(Na manhã do dia seguinte, Rosa transbordante de alegria, chega em casa.)

ERNST *(aparecendo):* Posso saber por que tanta alegria?!

ROSA: Ernst! *(Corre abraçá-lo.)*... Que bom que você veio! *(Trocamos gestos afetuosos.)* Você tem razão, nunca estive tão feliz... Mas me conte, por que veio a Munique?

ERNST: A negócios, como sempre. E você, de onde está chegando

tão cedo?

ROSA: Ah! Eu estou apaixonada... O resto não importa. *(Rodopiando.)* Nada mais importa.

ERNST: E quem é o felizardo que compartilha de tanto amor?

ROSA: Não posso dizer. É segredo!

ERNST: E desde quando você tem segredo pra mim?

ROSA *(caindo em si):* Ah, Ernst querido, me desculpe. Desta vez é sério. Sempre contei tudo pra você... Coisas até que não tinha coragem de contar pro meu próprio pai, mas é que agora... Não! Não posso dizer mais nada! *(Beijando-o no rosto.)* Desculpe!

ERNST: Não se preocupe. É sempre assim. Quando o verdadeiro amor chega, ocupa todos os espaços. Não sobra nada em volta, muito menos pra um velho amigo confidente.

ROSA *(carinhosa):* Isso não é verdade! Você ocupa um lugar muito lindo aqui dentro. Eu te adoro! Mas é que... Amando... Descobri um novo mundo lindo, maravilhoso!

ERNST: É, os tempos mudaram! A Alemanha não é mais a mesma!

ROSA *(brincando, fazendo um gesto qualquer de Hitler):* "Um novo começo. A estrela da Alemanha Moderna está em ascensão. É necessário limpar a decadência, só assim estaremos livres para um destino maior!"

(E sai de cena transbordante de felicidade.)

ERNST *(completando debochado):* "A juventude alemã, além de ser educada na família e nas escolas, será forjada física, intelectual e moralmente no Espírito Nacional

Socialista, cuja autoridade máxima é Hitler.” (*Caindo em si.*)
Meu Deus! Rosa!
(*Sai apressado ao encontro dela.*)

CENA 6

(Numa tela ou ciclorama aparecem flashes de vários discursos de Hitler.)

CENA 7

(*Mesmo local do encontro de Rosa e Hitler. Alguns anos depois. A cena começa com Rosa já indo embora nessa noite de encontro.*)

HITLER (*vindo de onde ela saiu*): Rosa!
(*Rosa se volta para ele.*) Volta amanhã!

ROSA: Por que insiste que eu volte sempre?

HITLER: Porque você é sensual, me deixa sempre louco e trepa como ninguém!!!

ROSA: Só isso?!

HITLER (*surpreso*): E o que mais você quer?

ROSA (*profundamente amarga*): Você nunca diz que me ama. Que precisa de mim.

HITLER: Falando desse jeito você fica igual a todas as mulheres.

ROSA (*negando com a cabeça*): ... Igual a todos os seres humanos.

HITLER (*rindo*): Que sabe você dos seres humanos!

ROSA (*sem se alterar*): Que têm sentimentos.

HITLER: Você fica muito chata e feia quando se mete a falar de coisas que não entende.

ROSA (*amarga*): De sentimentos não é

preciso entender, basta sentir!

HITLER: Então me faça um favor: não sinta nada. Venha aqui!! (*Ela vai.*)
Me abraça...

(*Os dois se abraçam com uma paixão que os dilacera.*)

HITLER: Você ainda não me respondeu.

ROSA: O quê?

HITLER: Se vem amanhã.

ROSA (*madura, afastando-se*): Você também, lá na cama, não adivinhou no que eu estava pensando.

HITLER (*brincando*): Se é o que você deseja, adivinho agora... Você estava pensando em...

ROSA (*desafiadora*): Em???

HITLER: Matar seu pai amanhã pra se livrar dele no dia do aniversário e vir correndo pros meus braços, me trazendo de presente todas as jóias da família!

ROSA (*explodindo numa gargalhada*): O senhor Edelstein não vai gostar nada disso.

HITLER: Então diga pra ele que um país com violenta crise de desemprego precisa de fundos. Que temos um partido novo, mas promissor lutando por melhores condições socioeconômicas. Ou será que “o senhor Edelstein” ainda não sabe que quanto mais soldados tiver o nosso Departamento de Assalto – a SA – mais rápido rompemos o Tratado de Versailles?

ROSA (*afasta-se, fria*): Nem a SA, nem o seu Partido Social Nacionalista, vão arrancar nada do meu pai.

HITLER (*frio, demoníaco*): Então você põe fogo na casa.

ROSA: Fogo, eu?

HITLER: E não adianta ele fugir do país!

ROSA: Mas, por quê?

HITLER: Por nada. *(Ri.)*

ROSA *(caíndo em si):* Ah, Meu Deus!
Você está brincando de novo!

HITLER *(rindo):* Estou! Viver é um eterno
brincar! *(Puxando-a para si
eroticamente.)* Você ainda não
respondeu!

ROSA: Não posso!

HITLER: Amanhã eu vou te querer
muito mais que hoje!

ROSA: É o aniversário dele!

HITLER *(repentina mudança):* Então
não te quero mais! Sai! Sua
entrada aqui está proibida!
Acabou! Sai!

ROSA: Não fala assim! Está bem, está
bem. Eu fujo! Eu venho. Eu volto!
*(Ele abraça, beijando-a loucamente.
Göebbels aparece como uma sombra
e afastado observa tudo. Ela vai
escapando até sair. Hitler inabalável
em seu destino, fala com seu próprio
busto.)*

HITLER: Ah! Adolf Hitler: você está
caminhando a passos largos!
Antes, muitos riam de você, agora
muito poucos riem, e daqui a
pouco, ninguém mais rirá de
você!

(Surge nele uma máscara terrível.)

CENA 8

*(Göebbels e seu pé manco se
aproximam.)*

GÖEBBELS: Mein Führer!

HITLER *(violento):* Quem foi que permitiu
que você...

GÖEBBELS: A Alemanha... O partido,
pressões da velha classe
dominante, *trusts* dos poderosos
industriais. *Deutschland, erwahel!*

É preciso acabar com a
imagem de orgia e depravação
que cerca a SA de Röhm e seus
homossexuais em cargos
poderosos. Ah, Mein Führer, os
conspiradores propagam aos
quatro cantos que os homens
de Röhm são portadores de
defeitos que não condizem com
os ideais da raça pura, que
tanto Mein Führer prega em
seus discursos.

HITLER: Basta, Göebbels. Já ouvi o
suficiente. Pegue ali na minha
escrivania dois papéis que
estão embaixo do suporte.
(Göebbels vai buscar os papéis.)
Filhos da puta! Farinha do
mesmo saco: meus inimigos e
toda essa corja de imprensa.
Precisamos acabar com todos,
Göebbels. Que se publique
apenas o que nos interessa na
Alemanha e no resto do mundo.
Abaixo os inimigos da raça
arianaaaaa! Merda! Por que
devo me preocupar com a vida
particular de meus seguidores?
Em tempos de crise, não se deve
fazer mudanças em postos
importantes apenas por razões
morais. Não se deve tapar os
ouvidos à música de Wagner
apenas porque seu autor é
pederasta! *(Mudando.)* Leia o
primeiro papel!

GÖEBBELS *(lendo):* "Caro, Röhm:
quando vos indiquei para o
cargo de Chefe de Estado, a SA
passava por séria crise. E foi
graças à virtude de vossos
serviços que ela se desenvolveu,
ganhou força e me permitiu
travar a luta final pela conquista

do poder, derrotando a oposição marxista...

HITLER (*continuando de cor*): ... Por isso sinto-me na obrigação de vos agradecer em nome do povo alemão. Estou grato ao destino que me tornou possível contar com homens como vós, meu amigo e irmão. Em sinal de verdadeira amizade, Adolf Hitler."

GÖEBBELS: Mas Röhm já tem poder demais. Göring e Himmler é que vão ajudar mais Führer a assumir a presidência!

HITLER: E para acabar com o poder excessivo de Röhm, não estamos criando a SS? Depois não virá a Gestapo? Göring e Himmler são oficiais dignos de dirigi-las. "Jamais hostilize inimigos em potencial. Ataque-os somente quando puderem ser destruídos!" Ah! Göebbels, calma! É preciso esperar o momento certo! Calma! Você me acompanha desde 1922... Um dia será meu Ministro de Propaganda! Calmaaa! (*Batendo-lhe nas costas.*) Leia o segundo papel!

GÖEBBELS (*lendo*): "Por estas razões, senhores, sempre insisti que altas exigências sejam feitas à conduta e comportamento dos líderes nazistas. Que suas vidas não representem exemplos de vergonha para a nação. A vida de Röhm, chefe de Estado Maior da SA levava com ele um grande número de pervertidos, era de qualquer ponto de vista intolerável.

HITLER (*continuando frenético*): E se perguntarem por que não recorri a Tribunais Regulares, para

cometer a chacina do Hotel de Bad Wiessee, lhes afirmarei que naquela hora terrível, era eu o único responsável pelo destino do povo alemão e, por isso, arbitrei-me em Justiceiro Supremo..." (*Ri debochadamente.*) E então? Está mais claro agora?

GÖEBBELS (*saboreando*): Como água cristalina, Mein Führer! Isso será usado no momento certo!

HITLER: Num episódio que passará para a História como "A Noite das Longas Facas!"

GÖEBBELS: Heil, Hitler!

HITLER: Heil! Heil, Hitler!

GÖEBBELS: Heil, Heil! (*Divertem-se muito. Depois.*) E quanto à moça... (*Olha por onde saiu Rosa*) ... Judia?

HITLER: Deixe Rosa fora disso! É um problema meu!

GÖEBBELS: Um perigo para sua imagem, para o Partido, para o futuro da Alemanha Ariana. Mein Führer!

HITLER: Ora, Göebbels, ela é judia. Nós somos os amantes mais inverossímeis da História!

(*Ri.*)

GÖEBBELS: E sem dúvida um deslize muito saboroso, um prato cheio para a oposição nazista destruir sua imagem aqui e no exterior. Será o fim do nosso sonho, Mein Führer! Os boatos correm. Logo estarão fora destas paredes, será impossível controlar. Quem sabe o pai ou toda a família dela já não esteja usando esta arma contra a grandeza da Alemanha? Em nome de seu dever com o povo e o partido, Mein Führer, isso precisa acabar.

(*A luz morre.*)

CENA 9

(Na tela, judeus são levados aos guetos. Fome nos guetos. O cerco está se fechando.)

CENA 10

(Alguns anos depois. No local dos amantes. Hitler louco, tortura fisicamente Rosa. Entra empurrando-a e segurando violentamente seus braços.)

ROSA: Me larga! Você está me machucando.

HITLER (*impiedoso*): E vou machucar muito mais se não me responder.

ROSA: Por favor, solta meu braço.

HITLER: Só quando você me responder.

ROSA: O quê?

HITLER: Quem mais sabe que você vem aqui?

ROSA: Ninguém.

HITLER: E seu pai?

ROSA: É a última pessoa que eu quero que saiba.

HITLER: Mentira!

ROSA: Pelo amor de Deus, quantas vezes preciso repetir que ninguém sabe dos nossos encontros, que é você que eu amo?!

HITLER (*frente a frente*): Você ainda vai se arrepender por ter nascido.

(Solta-a.)

ROSA: Nunca menti pra você! Nunca.

HITLER: Eu queria acreditar.

ROSA: Acredita. Nunca vou trair sua confiança. Nunca!

HITLER (*perturbado*): Você nem sabe o que está falando.

ROSA (*com veemência*): De amor!

HITLER: Amor!!! Que amor?! Você me tortura... Me deixa louco, cheio de

dúvidas e depois vem me falar de amor?

ROSA: Amor, sim! Olha pra mim. Corro mil riscos para vir até aqui às escondidas e é o que você me faz? Me ofende, me trata como uma prostituta. Ultimamente só te vejo a distância, nesses comícios horríveis, onde você ataca e ofende minha raça como se nós fôssemos a perdição do mundo. Por que tudo isso? Por quê?

HITLER: Por quê? Por quê? Porque a Alemanha exige mudanças. A supremacia da raça ariana sobre as demais é incontestável.

ROSA: Mas perante Deus isso é loucura!

HITLER: Deus só manda nas coisas lá de cima e, sabiamente, escolhe aqueles que podem resolver e mandar em tudo aqui embaixo. Vocês judeus só entendem aquilo que lhes convém! Loucura foi ter me envolvido com você!

ROSA: Se pensa assim, por que insiste sempre que eu volte?!

HITLER (*em desespero*): Não sei! Não sei! Eu luto desesperadamente para arrancar você do meu pensamento e quanto mais procuro te afastar, mais você se faz necessária. Às vezes fico torcendo para que aquela porta secreta não se abra, pra que você não venha nunca mais, que desapareça da minha vida e então sinto uma angústia enorme, um desejo que queima, uma ansiedade pela tua presença, teu corpo, teu cheiro. Só quero me consumir nas tuas entranhas. E quando você chega, me entrego com o que ainda me resta de

bom e partimos cavalgando num corcel branco por prados floridos, com seus cabelos caindo em ondas sobre os meus ombros, eu me deixando queimar nas chamas dessa loucura que fatalmente será o meu fim!

ROSA (*maternal, mulher, amante*): Não, não fale mais nada... Me abrace forte. Não fale em fim. O fim nunca existirá pra nós dois. Vamos pra bem longe daqui... Basta esquecer tudo, viver com simplicidade...

HITLER: Não, não posso.

ROSA: Podemos mudar tudo. A gente desaparece...

HITLER: Não. O meu destino já está traçado! A renovação da minha Alemanha arrasada, através das possibilidades da raça pura, clama por mim!

ROSA: Alemanha arrasada... Raça Ariana... Esquece tudo isso! Você está ficando louco!

HITLER: Você é que está louca! Não percebe que é a representante do mal que fui destinado destruir!

ROSA: Eu??

HITLER: Sim. Você. Vocês todos. Corja do mundo!

ROSA: Isso é mentira!

HITLER: Câncer de todas as raças!

ROSA: Mentira!

HITLER: Câncer monopolizador do Capital!

ROSA: Mentira. Mentira. Mil vezes mentira. (*Ele ri.*) Nada do que você diz é verdade!

HITLER: Então me responde: onde estava o dinheiro quando a comissão de reparação da Guerra nos indenizou?

ROSA: Nada é verdade!

HITLER: Quando este país estava sangrando até a última gota e perdia toda a sua frota mercante?

ROSA: Nada!!!

HITLER: Onde estava o dinheiro?

ROSA (*em desespero*): Não sei!

HITLER: Com vocês e a corja comunista!

ROSA: Somos judeus alemães e como todos que nasceram neste país – católicos, muçulmanos, não importa – também fomos massacrados pela maldita Guerra de catorze. Você mesmo disse isso muitas vezes!

HITLER (*aplaudindo*): Bravos! Bravos! Vocês judeus sempre encontraram uma saída honrosa para tudo!

ROSA (*Como um bicho*): E você que vive falando no povo alemão. “Na minha Alemanha Ariana!” Que direito tem você de falar em nome do povo alemão? Você não é alemão. É austríaco!

HITLER (*dá-lhe uma bofetada no rosto, em completo desvairo*): Nunca mais repita isso! Eu sou alemão... O iluminado salvador da raça ariana. E agora diga bem alto pro mundo inteiro não Ter mais dúvidas: “Adolf Hitler é alemão!”

ROSA (*chorando*): Não posso!

HITLER (*gritando*): Repita!!

ROSA (*gritando*): Não posso!

HITLER (*louco*): Não tem importância. Eu mesmo digo! (*E como se estivesse falando com a massa.*) Eu sou Adolf Hitler... Alemão. Sou alemão... Um dos homens mais duros que este país já teve e terá. Vou me investir de mais autoridade do que qualquer

outro líder alemão... Mas acima de tudo obedeço uma voz interior e acredito incondicionalmente no meu sucesso. Quando cheguei a Berlim, poucas semanas atrás, e observei o luxo, a perversão, a iniquidade, a exibição devassa e o exacerbado materialismo judeu, fiquei tão enjoado que me senti como Jesus Cristo quando entro no Templo do Seu Pai e encontrou-o ocupado pelos vendilhões. Eu não preciso de ninguém para me convencer da minha grandeza histórica, que sou o escolhido e de que o Mundo Inteiro ouvirá falar de mim por muitos e muitos séculos.

(Ouvem-se aplausos delirantes. A luz morre e sobe na casa de Rosa.)

CENA 11

(A casa conserva-se como sempre esteve, embora Ernst esteja narrando trinta anos depois tudo que aconteceu. Isso porque haverá fusão direta da cena com o passado e tudo fica no plano de memória do narrador.)

ERNST: Era espantoso! Embora a propaganda oficial o descrevesse como um homem dedicado exclusivamente à causa do Partido, muita gente sabia de suas aventuras amorosas no seu luxuoso apartamento em Munique. *(Flash fotográfico no rosto de Ernst. Isso incomoda seus olhos.)* Curioso observar que com o passar do tempo, nosso corpo fraqueja mais do que a memória. Eu estou aqui na casa dos

Edelstein em ruínas e é como se nada tivesse mudado. A lembrança de tudo ainda é tão presente, que tenho a sensação de estar vivendo há 30 anos atrás. *(Flash da máquina do repórter. Ernst cobre o rosto.)* Ah, meu jovem, chega de fotos. Guarde seu filme para Os Beatles que estão na moda e são mais bonitos. *(Brinca cantando uma música dos Beatles, "Yesterday". Respondendo a uma pergunta do repórter.)* Hitler? Fazia! Fazia muito sucesso com as mulheres. Vivia recebendo pilhas de cartas de amor e presentes eróticos. Quando passava de carro pelas ruas, as mulheres abriam sua blusas e lhe mostravam os seios. Muitas se atiravam na frente de seu carro, para serem socorridas por ele. Seu poder hipnótico era imenso. Cercava-as e se insinuava a ponto delas concordarem com todas as suas taras sexuais, pra depois de suicidarem. Isso aconteceu com uma atriz de grande beleza da época: Renate Müller. Aconteceu com Unity Mitford, com Geli Raubal, sua jovem sobrinha e amante e até com Eva Braun, sua companheira até os últimos dias. Nunca porém, ouviu-se falar em Rosa Edelstein, a judia. Enquanto isso, o livro dele, "Mein Kampf", *(Ernst gosse.)*, ganhava força, era o mais lindo da Alemanha e atravessa fronteiras. Suas idéias porcas se expandiam. Poucos puderam imaginar o Terror, a miséria e a violência dos anos que se seguiram.

(A luz morre nele e sobe na casa de Rosa, há trinta anos atrás.)

ROSA: Porco! Você ainda me paga!

CENA 12

(Rosa chega em casa e encontra o pai na poltrona.)

ROSA *(surpresa):* Pai! Acordou mais cedo?

EDELSTEIN: Não. Ainda não dormi.

ROSA: Aconteceu alguma coisa?

EDELSTEIN: Há muito tempo vem acontecendo. E você sabe do que estou falando. Não quer sentar? Parece cansada.

ROSA: É que saltei do carro dos meus amigos lá na esquina e como tenho medo...

EDELSTEIN: No meu tempo, o rapaz costumava acompanhar a moça até a porta da casa.

ROSA: Não tenho namorado pai, foram os meus amigos que...

EDELSTEIN: Ninguém passa tantas noites fora de casa, só com amigos!

ROSA: Ora, pai. Você está imaginando coisas.

EDELSTEIN: E você está mentindo pra mim. Filha, a sua falta de confiança está me magoando.

ROSA: Mas eu confio no senhor.

EDELSTEIN: Rosa, você chega a fugir de madrugada. Há quantas semanas você não reza o Kidush comigo? Aonde vai quando sai de casa à noite? Está se drogando com essa juventude sem sonhos e casas de orgia por toda Munique? Filha, eu sou seu pai, quero te ajudar.

ROSA *(num ímpeto, angustiada):* Eu não queria magoar o senhor... É que estou apaixonada... Tenho

saído com o homem que amo!

EDELSTEIN: Eu o conheço?

ROSA: Não!

EDELSTEIN: Quem é?

ROSA: Não posso dizer.

EDELSTEIN: Por que não pode dizer?

ROSA: É que eu prometi. Não posso falar.

EDELSTEIN: Prometeu?! Não pode falar?! Por quê? É algum homem casado, drogado, um assassino? Por Deus, minha filha, por sua mãe que morreu pra você nascer: quem é esse homem que te obriga a viver neste mistério, a não respeitar o nome da sua família?

ROSA *(em pânico, com medo que lhe aconteça algo):* Calma, pai, calma. Eu vou contar. Sente-se aqui. *(Ele senta.)* Eu vou contar. *(Ele olha pra ela.)* Mas, por Deus, por minha mãe, não se esqueça nunca que eu amo esse homem e que minha vida sem ele não tem nenhum sentido.

EDELSTEIN: Quem ééé?

ROSA: Eu o conheci num Comício do Partido Nacional Socialista, na sala da Hofbrauhaus...

CENA 13

(A luz cai em Edelstein, Rosa e Hitler que discursa inflamado.)

HITLER: Alemães, não se esqueçam que a ruína de um país só pode ser apagada pela tempestade de paixão. Só uma grande paixão pode romper barreiras, contaminar quem não tem mais esperança, provocar novas crenças, fazer ressurgir das cinzas,

tal como a Fênix, a necessidade de lutar! Vamos lutar para reerguer esta nação, alemães! Vamos lutar sem nenhum imperador que atrapalhe a nossa caminhada e nos imponha o fracasso. Vamos lutar por uma Alemanha vitoriosa, sem fronteiras, rica. Uma Alemanha pura!" *(Enquanto se ouve a aclamação da massa presente, ele vai soberano virando o rosto e dá com Rosa.)*

(Rosa se aproxima dele hipnotizada. Estende-lhe a mão. Alguma coisa nasce entre os dois. O digital do relacionamento deles nasce neste momento.)

HITLER: É sempre muito gratificante apreciar o belo! Como é seu nome encantadora jovem?

ROSA: Rosa!

HITLER: Ah! Uma Rosa para Hitler!
(E desaparece com o mesmo fascínio que a hipnotizou.)

CENA 14

(Ouve-se a voz do pai e a luz muda novamente. Luz volta a ser o que era antes do "flash back.")

EDELSTEIN: Chega!!! Não quero ouvir mais nada! Não pode ser verdade!!! Não posso acreditar. Minha filha apaixonada por um paranóico que persegue o nosso povo, instiga preconceito, espalha ódio, terror, morte! Que espécie de homem é esse que se suja, se corrompe indo pra cama com uma mulher cuja raça abomina? Que mulher é essa que se sujeita ao próprio algoz?

Não, não posso acreditar! *(Tira o fone do gancho.)* Essa farsa precisa ser desmascarada.

ROSA *(tentando impedir):* Não, pai, não faça isso! É perigoso! *(Lutam.)* Será o nosso fim!

EDELSTEIN: Pois que seja! *(Deixa o telefone.)* E saia daqui. Você não é mais minha filha, não sou seu pai! O mundo precisa saber que como um mau sacerdote, esse canalha propaga uma mentira que vai destruir a humanidade. *(Desvairado.)* "Façam o que eu mando, mas não façam o que eu faço!" *(Rosa sai em pânico de cena. Edelstein parece cair em si.)* Ernst! Preciso escrever a Ernst! Ele tem que saber de tudo. O tempo urge! O tempo é ao mesmo tempo nosso maior amigo e nosso maior inimigo nessa sórdida batalha!

CENA 15

(Mudança de luz. Ernst aparece num ponto do palco com a carta que Edelstein lhe escreveu na mão, edelstein, num outro foco, também participa da cena.)

EDELSTEIN: Como vê, o amigo tinha razão nas previsões que, a princípio, achei exageradas sobre esse maníaco.

ERNST *(lendo a carta):* Sei que a partir de hoje estou correndo risco de vida!

EDELSTEIN: Por Deus, me ajude... Só agora o quebra-cabeças se completa...

ERNST *(lendo):* ... Só agora estou ligando tudo isso aos soldados da

SS que têm rondado ultimamente a minha casa.

EDELSTEIN: Estou entre a cruz e a espada, meu caro Ernst. O sangue me obriga a denunciar toda essa farsa...

ERNST: ... e a carne impede esse meu gesto clamando:

EDELSTEIN: "Cuidado! Apesar de tudo ela é sua filha."

(Sobe a luz central e os focos laterais saem. Com eles saindo de cena.)

CENA 16

(No local dos amantes. Hitler entra por um lado e Rosa por outro, como se estivessem chegando.)

HITLER *(terno, amável, apaixonado, recebendo-a):* Ah, Rosa, minha Rosa. *(Beijam-se.)* Eu te amo, eu te amo. *(Rosa afasta-se surpresa.)* Que foi? Assustada, por quê? Não era o que você mais queria ouvir nesses anos todos?

ROSA *(emocionada):* Eu também te amo sempre, pra sempre!

HITLER *(abraçados):* Sei que te magoei, te fiz chorar e sofrer várias vezes, mas eu disse que o caminho era longo, árduo! *(Afastando-se.)* Rosa, eu te peço: renegue a sua gente, esqueça que é judia. A SS pode fazer desaparecer qualquer registro, inventar qualquer documento. Nunca ninguém saberá...

ROSA: Não, não posso. Nasci judia e vou morrer judia. É a minha raça, meu povo, o que tenho de mais puro, mais sagrado. Não posso fazer isso!

HITLER: Rosa, meu caminho é cheio de

espinhos como o de Cristo no Calvário. Eu te amo como nunca amei na vida outra mulher. O preço que tenho que pagar é muito alto.

ROSA: Ah!!!! Em nome do nosso amor, você resolveu abandonar tudo para vivermos longe!

HITLER: Não, Rosa, não. É um preço muito alto. Não posso fazer isso.

ROSA: Mas, por que não se essa Alemanha Ariana é um sonho louco que só existe na sua cabeça??

HITLER: Não, vai muito além Rosa. Vive aqui no coração!

ROSA: No coração só vive nosso amor. Você acabou de dizer que me ama.

HITLER: Disse e repito mil vezes se for preciso. Só Deus e o Diabo sabem quanto me custa tudo isso. Rosa, entenda: está escrito em letras de fogo aqui. *(Bate na cabeça.)* A Alemanha precisa de mim.

ROSA: A Alemanha tem mais gente pra cuidar dela!

HITLER: Não. Só eu. É a minha missão!

ROSA: O amor é a nossa missão! Olhe pra mim. Bem no fundo dos meus olhos, o que está vendo?

HITLER: Amor... Desejo...

ROSA: Repete!

HITLER: Desejo... carne! Ouço a voz da carne. Você também está ouvindo?

ROSA: Sim... É linda...

HITLER: Uma música que nos envolve e nos transporta para um mundo de cores e imagens só conhecidas pelos deuses! *(Tira o cinturão e entrega pra ela hipnotizado.)* Tome!

ROSA: Pra quê?

HITLER: Não faça perguntas. Apenas viaje ao som desta melodia embriagante. *(Rosa pega o cinturão.)* ... Me bate! Nem Wagner seria capaz de compor uma melodia tão perfeita. Está ouvindo?

ROSA *(balançando a cabeça):* ... É bela ... Excitante!

HITLER: Então bate! *(Rosa dá-lhe com o cinturão. Ele vai reagindo num gozo crescente.)* Isso... Mais forte... Mais forte. Não, não pare... Bate mais Rosa, bate... *(Contagiada pela loucura dele, Rosa vai espancando-o. Hitler urra chegando a um verdadeiro orgasmo.)* ... E diga que eu sou austríaco!

ROSA: Austríaco!

HITLER: Mais alto!

ROSA *(mais alto):* Austríaco!

HITLER: Um austríaco filho da puta!

ROSA: Austríaco filho da puta!

HITLER *(gritando):* Um bastardo!

ROSA: Um bastardo filho da puta!

HITLER: Isso. Bate mais. *(Ela bate.)* Por quem foi essa?

ROSA: Pela Alemanha.
(Bate de novo.)

HITLER *(em pleno gozo):* E essa?

ROSA: Pelo povo judeu!
(Bate mais forte.)

HITLER: E... Essa?

ROSA: Por toda a humanidade! *(Ele chega ao gozo. Rosa está exausta. Ele a puxa para si com grande volúpia.)* Ah, minha Rosa. Agora vamos ao amor... Como dois condenados antes de subir ao cadafalso... Vamos ao amor... Vamos gozar a nossa despedida!

(Ele permanece de joelhos agarrado às coxas dela. Rosa, de pé, olha o infinito com amargura, enquanto lágrimas escorrem de seus olhos e a luz morre fechando a cena.)

CENA 17

(Na tela aparece o êxodus dos judeus na Polônia e algumas atrocidades nos guetos, além de orações entre os judeus.)

CENA 18

(Na casa de Rosa. Um ano depois. É noite de sexta-feira. O pai, de "Kipá" na cabeça, reza o "Kidush". Rosa chega atrasada e ele recomeça a oração. De repente, ouvem-se fortes batidas numa porta fora. O pai continua rezando. Rosa, apreensiva tenta sair. Edelstein impede e continua a oração. A porta é arrombada. Objetos caem e quebram fora de cena. Göebbels e o soldado nazista invadem o local. Logo o soldado, com a bota, derruba os objetos do "Kidush" na mesinha. As velas se apagam. Rosa tenta reagir, o soldado a empurra. Rosa vai ao chão. Edelstein tenta ajudar a filha, o soldado puxa Edelstein que, com gestos bruscos, faz o soldado tirar suas mãos dele. Göebbels tira uma pistola e com ela faz um sinal para o soldado. Este obriga Edelstein a cair de joelhos. Göebbels com a cabeça indica para o soldado agir. Ele tira um punhal da bota e num gesto rápido corta a garganta de Edelstein, que cai morto.)
GÖEBBELS: Herman Edelstein: tínhamos

ordem de prisão, você resisituiu, infelizmente! *(Ele e o soldado saem rapidamente.)*

(Rosa sem tempo para reagir permanece caída no chão horrorizada. A luz cai ficando no seu rosto. Explode um hino nazista. A luz morre nela.)

CENA 19

(No local onde Hitler e Rosa se encontram. A luz sobe em Hitler e Göebbels numa verdadeira comemoração. Tomam champanhe.)

GÖEBBELS: Heil! Hitler!

HITLER: Heil! Heil, Hitler!

GÖEBBELS: Heil! Heil! *(Se divertem muito. O "Kipá" de Edelstein é entregue a Hitler.)* Meu presente em agradecimento ao que o nosso grande confortador fez para que a minha família não desmoronasse. Divorciar-se de Magda seria um escândalo irreparável. A nossa reconciliação, um verdadeiro exemplo de virtude da família ariana.

HITLER: Apesar da cólera que esse escândalo vinha me provocando, tenho que reconhecer que aquela atrizinha tcheca, que quase te transfere para Tóquio, era um belo pedaço de mal caminho.

GÖEBBELS: Mein Führer e seu aguçado senso de observação!

HITLER *(se divertindo):* Agora o povo já pode voltar a rir com a piada sobre o meu fiel ministro! Göebbels tem apenas duas preocupações: "a língua e o pênis." *(Riem muito. Hitler, de*

repente, torna-se ameaçador e enigmático.) Mas lembre-se, caro amigo, o que cai na boca do povo torna-se difícil de abafar!

GÖEBBELS: Tem toda razão. Mas enquanto eles se preocupam com piadas tolas, não percebem a manipulação do jogo. O povo só se manifesta quando se sente extremamente humilhado ou enganado, Mein Führer! Quanto a nós, sempre podemos contar com os "prestimosos serviços" da SS. *(Hitler ri.)*. Heil Hitler!

HITLER: Heil!

GÖEBBELS: À Noite das Longas Facas, que finalmente aconteceu!

HITLER: Heil!

GÖEBBELS: À morte de Hindenburg!

HITLER: Heil!

GÖEBBELS: E a Hitler, o novo Presidente e Chanceler do Reich!

HITLER: Heil Hitler!

GÖEBBELS: Heil! Heil!

(Göebbels se retira, levando as taças da comemoração.)

CENA 20

(Hitler puxa para a cena um globo. A luz muda.)

HITLER: Agora rumo ao domínio do mundo, Adolf. Enquanto Franco e Mussolini trabalham a Espanha e a Itália, logo estaremos na Boêmia, Morávia, Hungria, Polônia, Tchecoslováquia. Depois será a vez da França, Inglaterra e Rússia! *(Como que brindando.)* À Alemanha sem fronteiras, Adolf Hitler!

(E começa a cantar uma ária de ópera. Só pára quando percebe a presença de Rosa.)

CENA 21

(No mesmo local. Hitler e Rosa. Ela mais envelhecida.)

HITLER: O que está fazendo aqui?

ROSA: Precisava te ver.

HITLER: As coisas já ficaram bem claras.
Não quero mais te ver.

ROSA: Mas eu preciso entender.

HITLER: Como conseguiu entrar aqui?

ROSA: Só Deus sabe o que tive que fazer!

HITLER: Suborno. Imoralidade. Não sei onde esta maldita raça consegue arranjar tanto dinheiro. Fale. Só tem um minuto. Depois volte para a sua prisão. Já tem concessões até demais. Sabe que está proibida de sair.

ROSA: Eu só queria olhar pela última vez o rosto do homem que mandou matar meu pai. (Numa mudança amarga, sofrida, revoltada.) Por quê???

HITLER: Nem tudo tem explicação. Seu pai era um traidor, tinha que morrer!

ROSA: Por quê?!!!

HITLER: Só a Alemanha é importante para mim.

ROSA: Mais do que sua sobrinha Gueli. Mais do que Eva Braun?

HITLER: Dois belos exemplos de sangue ariano!

ROSA: Mil anos se passarão e a culpa da Alemanha não será apagada. Você está completamente cego, louco. Tudo o que faz é contra a Lei de Deus, da Natureza!

HITLER: Quando a Natureza erra é enviado à Terra um iluminado para corrigir seus erros. Você está diante dele! E muito antes do que sonha sua vã filosofia, todos

reconhecerão isto! Mil anos passarão sim e a humanidade ainda se curvará diante dele agradecida.

ROSA (num urro que dilacera): Arrrrr! Por que você destruiu minha vida, causou a morte de meu pai, e agora estou presa na minha própria casa? Meu Deus!!! E pensar que éramos iguais... Que era difícil saber de nós dois quem era o pior! Mas agora eu sei! Você realmente é iluminado sim! Mas do inferno! Um iluminado que veio para destruir o meu povo e com ele toda a humanidade!

HITLER: Basta! Fora daqui!

ROSA: Não se preocupe, já estou indo. Fique com os fanáticos histéricos que acompanham seus discursos. Espero que no final, quando seu corpo estiver ardendo em chamas, se lembre que foi com vidas humanas que você sentiu o prazer de brincar! O negro manto de destruição que te envolve me faz sentir nojo de mim mesma, só de lembrar que, por maldição dos deuses, fui escolhida pra te amar. Mas saiba - "senhor" - que chegará o dia que não só os judeus, mas também esses que hoje te aplaudem abominarão a simples menção do teu nome!

HITLER (num riso debochado): Você continua a ingênua e romântica judiazinha de sempre!

ROSA (cuspindo na cara dele): Te odeio!

HITLER: Não, você não me odeia! Me deseja. Me deseja sempre... (Agarrando-a pelos braços.) Como eu também te desejo. Não

consegue esquecer a nossa música, como eu também não consigo!

ROSA (num gesto brusco, soltando-se dos braços dele): Tire essas mãos sujas de mim, porco assassino! (E depois de fitá-lo pela última vez, sai de cena.)

HITLER (num grito de dor): Rosa... (Totalmente fragilizado.) Rosa! (A luz morre nele.)

CENA 22

(Luz sobe em Ernst em um ponto do palco. Ele entrou com uma valise de ferramentas, que deixa no chão, ao seu lado.)

ERNST: E Hitler arrastou o mundo para a Segunda Guerra Mundial. Nós alemães judeus não tivemos alternativas. Fugir dos guetos era difícil e arriscado. Ficar era acabar nos campos de concentração e morrer nas câmaras de gás. (Respondendo a uma pergunta do repórter, que ainda não aparece em cena.) Sim, eu também fui levado pra Auschwitz. (Aperta o braço onde se vê o número.) Por milagre consegui escapar a todo aquele horror e, embora muitos anos já tenham passado, ainda guardo nitidamente na memória a figura de Rosa Edelstein, que viveu e morreu por aquela paixão absurda! Depois do assassinato do pai, ela sempre teve a casa cercada pela SS. Eu só pude vê-la uma vez, através da janela do terraço. Mais tarde lacraram as janelas com madeira. Alguns

anos depois ela ficou doente e conseguiu que uma enfermeira me entregasse uma carta na qual suplicava a minha presença. Passei meses tentando descobrir um jeito de entrar naquela casa e quando consegui... A decadência da grande missão de Edelstein me impressionou. Os nazistas levaram tudo de valor.

(Luz muda.)

CENA 23

(Na casa de Rosa. Ano de 1940. Entra um soldado da SS, que se dirige a Ernst.)

SOLDADO (entrando): E depressa com o trabalho, velho. Há dias que as descargas não funcionam nesta casa. As privadas já espalharam um cheiro de merda insuportável. (Percebendo Ernst parado.) Ainda aí? Vamos, é por ali, à direita!

ERNST: Era o que eu precisava saber. Não se preocupe. Meu serviço é rápido. Só preciso avaliar o tamanho do estrago.

(Sai.)

SOLDADO: Tenho certeza que foi essa louca que entupiu tudo. Não entendo por que infernizar a vida de tanta gente, mantendo essa velha puta judia que já devia estar morta há muito tempo!

(Sai.)

CENA 24

(Casa de Rosa envelhecida. A luz

muda. Ernst entra por outro lado. Observa o lugar com tristeza. Rosa aparece no fundo e se esconde, percebendo que alguém vai entrar. Olha Ernst com carinho. Quando ele vai sair, o chama.)

ROSA *(num sussurro e mais envelhecida):* Ernst!

ERNST *(virando-se):* "Maine urenkint!" *(Minha criança sofrida! Se aproximando.)* Ah, minha adorável menina!

ROSA: Cuidado... Não se aproxime! Temos pouco tempo. O tempo apenas pra dizer que atrás do espelho, no banheiro, tem uma carta, uma confissão. Mande pra fora do país. O mundo precisa saber.

ERNST: Rosa, venha comigo. Tenho amigos que podem ajudar. Esta casa está desmoronando... Essa guerra vai destruir tudo.

ROSA *(amarga):* Não posso, amigo. Ele quer que eu fique e ficarei até o fim. *(Divagando)* Esta casa ainda está viva... Cheia de recordações: papai chegando e suas longas viagens, você e seus negócios em Munique. Éramos livres! Nesses anos de confinamento, isso pra mim foi tão real que cheguei a chamar vocês pra compartilhar da minha alegria! Mas como ninguém respondeu, é que abri os olhos e vi que estava tudo em ruínas. Ah, meu bom Ernst, será que eu também já morri, que estou morta?

ERNST: Você não pode pensar assim. Tem que reagir, juntar os pedaços, recompor o quadro. Não se pode fazer o jogo deles.

ROSA: Não. Nada mais faz sentido! A única coisa que me interessa é que todos, que o mundo inteiro saiba: "um dia fui amada por Adolf Hitler!"

ERNST *(olha preocupado o lugar):* Rosa, vim até aqui enfrentando muitos perigos. Venha comigo. Podemos atravessar a fronteira. Não é porque pintaram a estrela amarela em nossas portas que devemos nos dar por vencidos!

ROSA: Não, não pretendo fugir! Quero ficar aqui e acompanhar a caminhada dele até o fim.

ERNST: Mas Rosa, isso é loucura!

ROSA: E o que foi a minha vida, senão uma grande loucura? Sei que a máquina e a força que envolvem esse poder alucinado vão me fazer sentir sempre pequena e impotente. Que podem transformar meu ato de revolta num insignificante gesto de amor. Mas não importa. É um risco que eu tenho que correr! A puta judia ordinária precisa cumprir seu papel social. *(Mudando.)* O tempo urge, meu amigo! Em nome da nossa velha amizade, faça o mundo conhecer minha história! *(Olhando-o com ternura.)* Adeus!

(E sai rapidamente.)

ERNST: Eu te prometo... Eu te prometo...

SOLDADO *(entrando):* Falando com quem, velho?

ERNST *(procurando na valise):* Com ninguém. Comigo mesmo que não encontro uma ferramenta que esqueci. *(Acha a ferramenta e sai para o lado do banheiro. O soldado olha para os lados desconfiado. A luz morre nele.)*

CENA 25

(No apartamento de Hitler)

HITLER (entra furioso atirando o "Le Journal" no chão): Judiazinha filha da puta!

GÖEBBELS (vindo logo atrás e recolhendo com calma o jornal. Enquanto fala vai queimando o jornal numa pira): Não precisa se preocupar, Mein Führer! Este jornal francês que publicou a história foi totalmente destruído. Eu mesmo dei as ordens à Embaixada Alemã em Paris. (Queima o jornal.) E assim que a judiazinha desaparecer, o rastro dessa paixão terá se apagado completamente. Assim impedimos que os inimigos do Reich se aproveitem de um deslize de juventude. Apagar rastros que não interessam se tornou uma grande especialidade da SS. Foi assim que sumiu a página do Registro de Batismo, na Áustria, que provava que o Senhor seu Pai era ilegítimo!!

HITLER (num acesso de fúria): Por que me lembrar disso agora, seu verme aleijado? (Göebbels se transforma diante do grande complexo de inferioridade. Hitler sem dar a perceber muda a tática.) Um aleijado que chegou a Chefe de Propaganda do Reich, genial criador de lemas e frases que levam as massas à loucura!

GÖEBBELS (dando asas à sua superioridade intelectual): Ao ataque!

HITLER: Uma raça, um Estado, um líder!

GÖEBBELS: O grande confortador!

HITLER: Alemanha, ame-a ou deixe-a.

GÖEBBELS: Um novo Carlos Magno!

HITLER: Acreditamos numa Alemanha Sagrada!

GÖEBBELS: A Alemanha Sagrada é Hitler.

HITLER: Eu não tenho consciência!

GÖEBBELS: Minha consciência é Hitler!

HITLER: Hitler não é apenas um homem! Para a Palestina judeus!

GÖEBBELS: Desperta a Alemanha!

(Hitler dá um beijo na boca de Göebbels.)

HITLER (agradecido): Ah, mestre subversivo das mentes fracas e famintas do miserável povo alemão! Mestre da oratória, oráculo manipulador da infâmia, da ameaça, da intriga mais sórdida, perturbador da paz: quanto ainda te devo na encenação deste espetáculo que a passos largos se aproxima de seu magnífico desfecho?

GÖEBBELS (lisonjeado): Mein Führer nada me deve. O poder receptivo da massa é que é ilimitado. Com ela é preciso escolher sempre o método mais vulgar para melhor atrair a sua atenção. Se a capacidade de compreensão da massa é fraca, que dizer da propriedade que ela tem de esquecer tudo tão depressa?! Alvo fácil e muito oportuno ao poder – é a massa! Martelar na cabeça dos estúpidos, a devoção e a crença que Mein Führer era o único Deus que poderia salvar a Alemanha do colapso moral e financeiro; acabar com o desemprego, a recessão e a inflação; foi a razão máxima que me fez aceitar o

cargo de Ministro da Propaganda. Nesse espetáculo majestoso, sou eu e não Mein Führer, o grande devedor. Heil, Hitler!

HITLER: Heil! Heil Hitler!

GÖEBBELS: Heil! Heil! *(Mudando.)* Agora o dever me chama. Restando ainda o último ato. O aleijado ator da sua tragédia passional inoportuna deve ir à casa da judiazinha para fechar a cortina final da peça. Com licença, Mein Führer!

(Sai.)

HITLER: Göebbels...

GÖEBBELS *(voltando):* Não se preocupe. Ela não sofrerá nada. Será como Mein Führer sempre desejou. A sua função triunfante e brutal é fazer o mundo tremer. A minha, primorosamente ensaiada no espelho triplo do meu quarto, é remover e fazer chorar! Heil Hitler!

(Sai.)

HITLER: Heil!

(A luz morre lentamente nele.)

CENA 26

(Na tela surgem os campos de concentração e as atrocidades. Estamos já durante a Guerra.)

CENA 27

(Em fusão ao final do que acontece na tela, o soldado entra com Rosa. Deixa-a no centro da cena. Sai com passos marcados e volta com um banquinho. Uma força desce do urdimento. O soldado leva Rosa.

Obriga-a a subir no banquinho. Coloca-lhe a corda no pescoço e vai para uma posição nova enquanto Rosa reza em ídiche.)

ROSA *(rezando):* Shma Yisrael, Shma Yisrael. Adonai élo Heinü

(Escutai, ó Israel. Escutai, ó Israel, o senhor é nosso Deus. O senhor é único. O soldado aproxima-se, chuta o banquinho e Rosa é enforcada às vistas do público, onde fica durante o discurso de Hitler, levemente iluminada com seu corpo balançando.)

CENA 28

(Hitler no palanque.)

HITLER: Eu creio que foi a vontade de Deus que me colocou ainda jovem no Reich e me tornou o líder supremo desta nação. Com a minha responsabilidade de Führer e Chanceler do Reich Alemão, não posso mais permanecer passivo dos acontecimentos. Eu não brinco de Guerra. A Guerra é uma exigência lógica e nunca será conduzida pelos meus generais, somente por mim. Um povo que se prende ao sonho de uma paz perpétua, sucumbirá sempre nesse presunçoso isolamento. A divina providência resolveu que eu leve a cabo a execução de uma nova Ordem Social no mundo e levarei. Por isso nenhuma força agora na Terra poderá destruir o Reich Alemão. Para mim, a vida não terminará simplesmente com a morte. A morte, ao contrário, será apenas o começo de uma longa e nova

vida. Eu sigo o meu caminho com a precisão e a segurança de um sonâmbulo.

(A luz morre nele. Mutação de cenário.)

CENA 29

(Entra o cenário da casa de Rosa envelhecido. Ernst e o repórter que desde o começo da peça está o entrevistando. Estamos em 1962. O repórter entrevistador estoura vários flashes com a sua máquina. Ernst esconde o rosto e fica sem se mexer na poltrona envelhecida.)

REPÓRTER *(preocupado)*: Senhor Ernst? Não está se sentindo bem?

Alguma pergunta? Senhor Ernst?!

ERNST *(levanta o rosto)*: O problema é a luz dessa sua máquina. Eu estou ótimo! Desde o começo dessa entrevista que não pára com essa máquina. Você ainda não percebeu que os meus olhos são claros?!

REPÓRTER: Ah, me desculpe, senhor Ernst, mas é que preciso ilustrar a reportagem.

(Flash.)

ERNST *(irritado)*: Meu jovem, por favor, sente-se aqui. *(Quando o repórter abaixa, Ernst rápido tira-lhe a máquina fotográfica.)* Ah, assim está melhor!

REPÓRTER: Ah, senhor Ernst, eu continuo intrigado. Desde que descobri naquela biblioteca em Londres dados sobre Rosa e Hitler, que a minha caminhada em busca de provas tem sido longa. Antes de chegar até o senhor em Munique, vasculhei à procura de dados em

Londres, Paris e continuo cheio de dúvidas. O senhor é a única testemunha viva que encontrei, tem que concordar comigo que essa mulher tinha a faca e o queijo na mão. Ela podia ter mudado a história do mundo.

ERNST: Está certo, é verdade, mas Rosa estava apaixonada, hipnotizada e era apenas uma menina.

REPÓRTER: Tudo isso aconteceu mesmo? Não teria sido uma história de ficção para provocar apenas polêmica entre os judeus? Talvez uma invenção antinazista com o objetivo de desmoralizar Hitler aos olhos de seus perseguidores?

ERNST: Não. Não foi invenção nenhuma. Eu tenho provas! *(O repórter volta a fotografar.)* A SS de Hitler tentou apagar tudo. Isso era muito comum naquela época. Rosa existiu, que ninguém duvide disso. *(Flash.)* Que ninguém duvide daquelas atrocidades. *(Mostra o seu número de campo no braço. O repórter fotografa.)* É preciso lembrar e falar sempre também da culpa mundial nisso tudo, meu jovem. Que seria de Hitler sem a conivência de todos, miseráveis e desesperados figurantes dessa sinfonia de horror e de demência, que até hoje muitas vezes se repete? E nunca mais, nazismo, nunca mais! *(Flash.)* Afinal, se Hitler existiu, a Alemanha, todos nós, o mundo inteiro foi o culpado. E nunca mais, nazismo, nunca mais. *(Flash.)* Como já lhe disse, essa é uma história como outra qualquer, não fosse ele Adolf Hitler e ela

Rosa Edelstein; uma judia. *(Flash.)*
Olha, meu jovem, veja isso...
Vamos, abra...

(O repórter lê o título em francês do jornal velho e chamuscado que Ernst lhe passa.)

REPÓRTER: Ah! Ah! O jornal francês!

ERNST *(rindo)*: Eu consegui salvar esse exemplar. *(Flash.)* Tudo começou por volta de 1922... Na primavera...

(Flash. Ouve-se o tema de amor de Rosa e Hitler e os dois voltam à cena inicial de 1922, enquanto o cenário da casa velha vai desaparecendo.)

CENA 30

(Os dois entrando. Flash-Back da cena inicial.)

ADOLF: Não, minha amada, aquela claridade longínqua não é a luz do dia, é apenas o clarão da lua que veio para iluminar o nosso prazer!

ROSA *(desvencilhando-se)*: Não! Eu não sou Julieta e nem você Romeu. Está amanhecendo sim e eu preciso partir!!

ADOLF *(furioso)*: Não é a cotovia! Não é a cotovia desafinada que lança esses malditos sons agudos na

minha cabeça! É o rouxinol, já disse! E o que eu digo é mais que uma ordem! É lei!

(Rosa deixa cair o tecido que cobre o seu corpo. Hitler se aproxima de quatro e permanece por segundos a seus pés. Ela em êxtase animal.)

ROSA: Que me prendam! Que me condenem à morte, pouco importa! Você quer e está decidido! É do rouxinol e não da cotovia o canto que rasga a abóboda celeste, vibrando tão alto sobre as nossas cabeças.

(Ele se ergue, beija-lhe o rosto delicadamente e cobre-lhe a nudez. Rosa afasta-se provocante. Eles brincam no palco, saindo de cena enquanto na tela surge o letreiro final.)

“O BRASIL DE HOJE SE PARECE MUITO COM A ALEMANHA DO INÍCIO DO NAZISMO. DESEMPREGO EM MASSA, FOME, MISÉRIA, CORRUPÇÃO TOTAL. AS CHACINAS DO CARANDIRU, CANDELÁRIA, VIDIGAL, DIADEMA, SÃO TÍPICAS MANIFESTAÇÕES NEONAZISTAS. JÁ TEM GENTE PREGANDO O SEPARATISMO, O PRECONCEITO CONTRA OS NORDESTINOS E ACHANDO QUE NO TEMPO DOS MILITARES TUDO ERA MELHOR! HORROR! HOLOCAUSTO!”

FIM

Adolescente/ Adulto

Pedro e Domitila
Ênio Gonçalves

PEDRO E DOMITILA

Ênio Gonçalves

PERSONAGENS

Pedro - D. Pedro I

Domitila - Marquesa de Santos

ÉPOCA

De 1822 à 1830.

PRIMEIRA CENA

(Pedro espera ansioso. Anoitece. É uma praça, um local deserto. Entra Domitila. Esta cena é romântica, galante, ardente.)

PEDRO: Ah, minha senhora, eu já tinha perdido a esperança de vê-la! Como fez-me esperar! Como fez-me esperar! Como fez-me sofrer! Então não sabe? A senhora é o meu sol do dia e a minha estrela de noite!

DOMITILA: Tudo isso, Majestade?

PEDRO: Na verdade, eu supunha-me na mais profunda escuridão, e quando, há pouco, a senhora apareceu, alumiu tudo repentinamente.

DOMITILA: Então foi uma peça que preguei a Vossa Majestade! Quem possui as mais lindas mulheres do Brasil, a única coisa que deve desejar é que não venha a luz, porque é na escuridão que a

ventura nos espera.

PEDRO: Bem sabe que a minha ventura está em suas mãos, minha senhora, que entretanto ri e caçoa do pobre Pedro.

DOMITILA: Pobre? Será que ouvi bem? Eu supunha que essa pessoa fosse o poderoso príncipe regente.

PEDRO: A senhora faz-me uma censura injusta, e não compreende como tão linda boca possa ser, ao mesmo tempo, tão cruel! Acredita, então, que seja eu neste momento o príncipe regente, aquele fantoche lusitano manejado por Lisboa?

DOMITILA: E não é?

PEDRO: Oh, não, minha adorada, não! Eu sou apenas o Pedro, o teu Pedrinho, que carrega uma fogueira no peito por tua causa.

DOMITILA: Tratai de apagá-la, Majestade! Acabais de chegar à minha terra, mas vossa fama de garanhão vos precede berrando

forte. Tendes o furor femeeiro do galego. Quantas éguas já montastes por aqui? Não pretendo ser mais uma vítima.

PEDRO: Nem eu, senhora, desejo o mesmo para mim, visto que a sua fama de... Assanhadinha, com mil perdões, também chegou-me aos ouvidos.

DOMITILA: Aonde quereis chegar, meu Real Senhor?

PEDRO: Ao ponto que interessa e dá prazer! Se a senhora tiver o Pedrinho toda esta noite ao pé de si.

DOMITILA (*interrompendo-o*): Toda a noite?

PEDRO: Sim! Não é à noite, segundo a senhora, que a ventura nos espera? Se a senhora tiver o Pedrinho toda a noite ao pé de si, terá, então, a certeza de que ele não está ao pé de outra.

DOMITILA: Ah, se fizésseis isso, meu Real Senhor...

PEDRO (*interrompendo-a*): Palavra que faço!

DOMITILA (*continuando*): Nesse caso, eu diria que era verdadeiramente amada por Vossa Majestade.

PEDRO: Então hás de dizê-lo, porque assim farei. Com a sua permissão, evidentemente.

DOMITILA: Isso é o de menos. O empecilho é a minha família! Ela nos vigia, porque sabe que somos, os dois, a fome e a vontade de comer.

PEDRO: Tua família nos incita! Oh, por Deus, minha querida, sabes perfeitamente que nada nos impede de matar a fome. A mesa está posta para o nosso banquete. És desquitada!

DOMITILA: Ainda não.

PEDRO: Serás! Darei ordem para que isso aconteça. E eu sou livre!

DOMITILA: És casado!

PEDRO: Mas livre! O casamento é uma instituição que tem as suas leis e condições de equilíbrio. Seria uma loucura introduzir aí a paixão, que tudo desequilibra. Paixão foi feita para mim e vosmecê.

DOMITILA: Meus pais, meus irmãos.

PEDRO: Diga a todos que, em reconhecimento de serviços prestados, hei de fazer a fortuna da família Canto e Melo! E estamos ajustados!

DOMITILA: É assim que Vossa Majestade age com as mulheres da Corte? Meu irmão contou-me coisas de arrepiar os cabelos.

PEDRO: Falou mal de mim, o peralvilho? Será rebaixado a soldado!

DOMITILA: Por Deus que ele só falou bem de Vossa Majestade!

PEDRO: Então será promovido! Mas não se esqueça que falou-me ele, também, de vosmecê. (*Ela reage.*) Fez-me o seu elogio, não se preocupe! Ah, minha Domitila, tudo nos empurra um para os braços do outro. Essa minha vinda a São Paulo será um momento histórico, se não para o País, pelo menos para nós dois. O que tiver de ser, será. Agora, minha senhora, sejamos práticos, que a premência assim o exige: o teu quarto não fica no fundo do corredor?

DOMITILA: Bem no fundo.

PEDRO: Isso é bom. Vamos agora? Por que esperar a noite alta? Para o nosso prazer, qualquer hora é hora. Amor adiado é amor perdido. Domitila.

DOMITILA: Um pouco de discricção não nos fará falta, na primeira vez, meu senhor.

PEDRO: As you wich, milady. Fica então combinado que esta noite baterei de mansinho três pancadas à sua janela, e a senhora terá o cumprimento de minha palavra.

DOMITILA: Oh, se eu quisesse, se eu quisesse apanhar Vossa Majestade em mentira!

PEDRO: Experimente, minha querida, experimente!

DOMITILA: Nossa! Confesso que entro em luta com o desejo!

PEDRO: Deixe-se vencer! Depois da derrota sentir-se-á mais forte.

DOMITILA: Posso tomar de vossa promessa, em proveito de minha família, para o dia em que Vossa Majestade voltar à Corte?

PEDRO: Estamos combinados, palavra de Rei. Mas que isso não seja apenas uma troca de favores, uma transação comercial, uma negociata por baixo dos panos, um "toma lá dá cá". Porque eu estou verdadeiramente apaixonado pela senhora.

DOMITILA: E eu por Vossa Majestade. *(Beijam-se apaixonadamente.)*

PEDRO: Que venha a noite alta, agora!

DOMITILA: Ela veio! Meu príncipe encantado...

PEDRO *(ajoelhando-se):* Sou teu escravo, para sempre...

(Ele beija os pés dela. Ela aguarda um instante, vitoriosa, e depois o atrai para si. Luz vai caindo até blecaute. Flash: em outro local do palco, Pedro surge montado em um cavalo de pau (Brinquedo infantil.) e grita: "É chegada a hora, putada! Independência ou morte!")

SEGUNDA CENA

(Quarto de Domitila. Ela aguarda o amante, vestindo uma camisola. Ele entra em uniforme de gala.)

DOMITILA: Pedro! Tardavas tanto!

Cheguei a temer que não tivesses voltado de Santos. Se soubesses a tristeza que me apertou o peito quando vi o sol esconder-se e tudo era silêncio à volta de mim.

PEDRO: Incrédula! Não tinhas a minha palavra? Já faltei a ela alguma vez?

DOMITILA: Talvez não tenhas tido ainda tempo de mentir-me, há tão pouco tempo nos conhecemos. Há apenas nove dias! Não se pode acreditar em Don Juan.

PEDRO: E quando ele ama de verdade, pobre coitado, a amada não acredita. Que triste sina! Merecias que eu não tornasse aqui, como castigo da pouca fé. Mas sou tão brando que me compadeço e digo ainda: Domitila, meu desejo é estar sempre contigo, ler sempre nos teus olhos a mesma esperança e sentir no seu coração, sempre, a mesma doce alegria que faz palpitar o teu.

DOMITILA: Se isso tudo é verdade, por que demoraste tanto?

PEDRO: Não me deixavam em paz! A cidade inteira comemora. Então não viste? É uma coisa espantosa!

DOMITILA: Só vejo a ti, meu amor! E quando não te vejo, fico trancada aqui neste quarto à espera de te ver. Mas a cidade inteira comemora o quê? O nosso amor? Eles já sabem?

PEDRO: Eles não sabem de nada, meu anjo, são patriotas! Comemoram

o brado do Ipiranga.

DOMITILA: Brado? que raio de brado é esse? Quem bradou?

PEDRO: Este aqui que vos fala, modéstia à parte.

DOMITILA: Vossa Majestade?

PEDRO: Eu mesmo.

DOMITILA: Mas o que bradaste, afinal?

PEDRO (*gritando*): Independência ou...

DOMITILA (*pedindo que ele fale baixo porque podem ouvir*): Shss...

PEDRO (*completando em voz baixa*): ... Ou morte.

DOMITILA: E o que significa isso? Que todos os paulistas vão receber títulos de nobreza e pensões? É isso que eles comemoram?

PEDRO: Deixa-me explicar-te, calma! Hoje, às quatro e meia da tarde, quando eu chegava de Santos, no campo deserto do Ipiranga, exigi "independência ou morte" para a nação mais importante do futuro!

DOMITILA: Isso não tem nenhum significado, meu amor. Esse futuro está muito longe. Até lá já viramos pó.

PEDRO: De qualquer forma, alguém tem que quebrar os ovos hoje para que, um dia, alguém possa fazer a omeleta. No momento o mais importante é que Portugal pare de explorar o Brasil.

DOMITILA: Ô pá, tu não és português?

PEDRO: Nasci em Portugal.

DOMITILA: E não queres que Portugal explore o Brasil! És mesmo português!

PEDRO: Domitila, Domitila, amo-te como louco, mas devo reconhecer que em matéria de consciência política és um zero à esquerda. Só havia um caminho que seguir: fiz-

me americano e ficarei americano. Sou brasileiro, e devo sê-lo!

DOMITILA: Vossa Majestade não é brasileiro, apenas está brasileiro.

PEDRO: Depois do que acabei de fazer? Depois de tudo que tenho feito?

DOMITILA: Não seria melhor que continuássemos sob a tutela de Portugal? Ele continuaria a zelar por nós. Seria cômodo! Ele é o nosso paizinho em todos os sentidos. Por exemplo, se a Argentina invadissem o Brasil, os soldados portugueses viriam nos defender. Estaríamos em situação bem mais segura sob a proteção de Portugal.

PEDRO: Bobinha! Não é nada disso! (*Confidencialmente.*) É melhor ficarmos sob o domínio econômico da Inglaterra. Pelo menos, os ingleses são mais liberais, tem mais classe, são mais britishi que os lusitanos. Dá cá um beijo e deixa esse assunto para mim, que de política entendo eu. (*Beijam-se.*) Meu afeto por ti é maior que tudo: arde, queima e, ao mesmo tempo, consola. Dane-se o Brasil! Dane-se a Inglaterra! Dane-se Portugal! Que um valor mais alto se levanta! Só vendo-te e ouvindo-te, como agora, é que posso crer que esta felicidade não é um sonho. O meu medo é acordar amanhã não achando de tudo que gozei senão a dor e a saudade. Tudo isso é sonho, Domitila?

DOMITILA (*ajoelhando-se aos pés*): Meu senhor, meu príncipe cada vez mais poderoso, por que

perguntas o que já sabes? Não vêes no meu peito tanto ou mais que eu? (*Leva a mão dele ao peito.*) Nada se estremece assim no mundo! Teus olhos que me dizem “amo”... Teu sorriso que me enche de luz a alma... Tua voz, que na ausência me fere o coração... Cuidas que há um só momento na vida em que os não adore? Antes de te conhecer, eu não vivia.

PEDRO: Assim também sou eu. Não troco a minha sorte, hoje, pela coroa do mais poderoso rei. Essa noite passada ensaiei com meus companheiros aquela bela frase de efeito, que deveria ser bradada às margens do riacho, e fui dormir o sono dos justos. Deveria ser o sono de um herói, mas não! Enquanto meus amigos se preocupavam com a possível reação das tropas portuguesas, não avalias o quanto padecei, os pesadelos que sonhei! Era tua imagem, sem os teus lábios mudos, prometendo-me nada de nada. Quantas vezes, às vésperas de um País afinal independente, quantas vezes as lágrimas, como fogo, correram-me pelas faces e os soluços cortaram-me o coração! O destino do Brasil era coisa secundária, essa noite. Eu soluçava por ti, minha paulista!

(*Cai chorando nos braços dela.*)

DOMITILA: Quero ouvir sempre, de tua própria boca, a certeza de tua dedicação. Receio ver-te mudado, principalmente agora.

PEDRO: Agora por quê?

DOMITILA: Porque sou ciumenta e tu és muito mais querido agora, depois

da proclamação da Independência.

PEDRO: Tal sucesso não há-de subir-me à cabeça. Não sou idiota. Hoje ovacionam-me, amanhã atiram-me ovos. Hoje querem que eu fique, amanhã expulsam-me daqui.

DOMITILA: Impossível! Já eras amado sendo príncipe regente. Agora, nem se fala, Imperador!

PEDRO: Se falas por ti, aceito o teu argumento com o mais vivo prazer. Em troca, como podes rezear do meu amor?

DOMITILA: A distância vai nos separar. Tens que voltar para a Corte mais cedo do que eu temia. A não ser que aproveites o ensejo e transfiras a Corte para São Paulo.

PEDRO: Não deixa de ser uma boa idéia. Mas parece-me muito mais prática a outra alternativa.

DOMITILA (*já sabendo do que se trata*): Qual?

PEDRO: Era essa, aliás, a proposta necessária para o nosso bem. E nem é uma proposta! É uma ordem!

DOMITILA: Ordena e eu obedeço!

PEDRO: Deixa tua terra, Domitila. Vem, meu amor, vem para junto de mim. Vem para a Corte. Eu te darei o céu, meu bem, e o meu amor também.

DOMITILA: É isso mesmo o que queres? De verdade?

PEDRO: É isso! Só isso! Mulher, mulher, é só o nosso amor o que me prende à vida! Ah, minha Domitila, meu anjo... Vem comigo para o Rio de Janeiro!

DOMITILA: Eu vou! Juro que vou! (*Abraçam-se.*)

PEDRO: Oh, meu amor, que alívio!
Como tive medo que não viesses!
DOMITILA: Bobinho, eu te amo! *(Beijam-se.)* Ah, ia me esquecendo... E a minha família? Sou tão apegada a ela...

PEDRO: Isso tem solução, meu amor, traga todo mundo, os teu filhos, os teus pais, irmãos, tios, sobrinhos, agregados, cachorros, gatos e papagaios... Eles vão adorar o Rio de Janeiro, que é um verdadeiro paraíso!

(Entra música alegre: a marchinha "Cidade Maravilhosa".)

TERCEIRA CENA

(Esta cenografia básica permanece até o final da peça: ao centro, um grande leito nupcial; lateralmente, duas cadeiras e uma mesinha redonda. Pedro e Domitila entram e ela vai tirando o chapéu e a capa de viagem.)

PEDRO *(abrindo os braços e mostrando o ambiente):* Então gostas?

DOMITILA: Adoro! Nunca fui tão feliz! Este palacete é tudo que eu sonhava!

PEDRO: É todo teu! Está tudo comprado e posto em teu nome: os cavalos, as carruagens, os escravos, os móveis, as escarradeiras, os penicos e tudo mais.

DOMITILA: Oh, meu amor, como te amo! Eu estava morrendo de saudades

PEDRO: Agora não haverá mais saudades. De tua janela, podes ver o meu palácio. Qualquer saudadezinha, manda-me um mensageiro com um recado que

eu virei correndo. Mas duvido que isso aconteça, porque estarei aqui contigo todo santo dia. *(Beijam-se.)* Ah, sim, começas como dama de honra da Imperatriz, com o ordenado mensal de um conto de réis. Veja bem que as outras damas recebem apenas trinta e dois mil réis.

DOMITILA: Isso tudo é um sonho! Mas não será tripudiar demais? Afinal, a imperatriz é tua mulher.

PEDRO: Nas cortes européias, isso é muito comum, e é até sinal de civilidade! Os reis franceses sempre tiveram as suas favoritas. O Brasil não é mais uma colônia, é um país civilizado. Em parte, deve-se isso a vósmecê. Devagar, aos poucos, iremos progredindo. Chegarás a marquesa.

DOMITILA: Que bom! Que bom! Eu nem acredito!

PEDRO: Com o tempo, virão outras mordomias para que te sintas feliz junto de mim.

DOMITILA: Quero que me leves a passear, Pedro. Sempre ouvi falar maravilhas da cidade de São Sebastião do Rio de Janeiro.

PEDRO: Esta é uma terra abençoada por Deus. A vista dos campos, a abundante vegetação das colinas, a pureza do ar que se respira, a limpidez do mar, tudo desperta idéias de repouso e poesia. Verás como tenho razão.

DOMITILA: E o povo?

PEDRO: Bom, o povo... O povo é preguiçoso. Não é ativo como o paulista. Refiro-me ao povo, e não às classes superiores, que se comportam aqui da mesma forma que em Londres ou Paris.

Aqui, o povo levanta-se tarde e não gasta tempo em vestir-se, porque não havia se despido. Em ceroulas, demora-se fumando à porta de sua casa, que só abandona para ir repousar na rede, dizendo: "Ai, que preguiça!" Com dificuldade, estende a mão para receber a mesquinha ração de mandioca. E, se alguém lhe pergunta onde mora um seu vizinho, é coisa que ele ignora: falar fatifa-o tanto quanto "pensaire".

DOMITILA: São ciumentos?

PEDRO: Quem não é? Reina no Rio de Janeiro o ciúme, assim como reina em Paris, por exemplo. Apenas a reação é diferente. Se o parisiense toma conhecimento de que sua mulher tem um amante, segue-se um duelo ou um divórcio. O homem daqui paga a quem assassine o seu rival e apunhale a infiel. Em ambos os lugares existe o corno. Em Paris, um par de chifres causa riso. No Rio, quem zombar leva tiro. E tu, és ciumenta?

DOMITILA: Sou ciumenta de ti.

PEDRO: É mesmo?

DOMITILA: A ponto de perder a razão.

PEDRO: E de quem tens ciúmes?

DOMITILA: De todas!

PEDRO: Especifique.

DOMITILA: Primeiramente da Imperatriz.

PEDRO: Depois de tudo que conversamos, devias estar sossegada por esse lado. Além do que, essa é minha mulher: essa não conta. Quem mais?

DOMITILA: Tenho ciúmes de minha irmã.

PEDRO: De tua irmã? Que absurdo é esse? "Bagatelas leves como o ar

/ parecem ao ciumento afirmações tão fortes / quanto provas das Sagradas Escrituras". Otelo. Shakespeare.

DOMITILA: Repara na maneira como ela te olha. Na maneira como tu a olhas.

PEDRO: Nunca reparei numa coisa nem outra. Prestarei mais atenção na próxima vez. Por Deus, eu não passo de um tolo: estás me abrindo os olhos, obrigado. Ela é bonita como vosmecê?

DOMITILA: Deixo isso a teu critério.

PEDRO: A tua beleza eu reconheço. A beleza dela, vou verificar na próxima oportunidade. Como sabes, beleza é fundamental.

DOMITILA: Estás brincando com o meu ciúme.

PEDRO: Estou brincando contigo porque estás te portando como uma provinciana. Esquece teus zelos! Agora vives na Corte! Tu és a única mulher que eu amo e é por isso que te sou fiel. Acredita no que digo: Sou fiel.

DOMITILA: Faz-me lembrar aquela história do oficial que estava na cama com a amante e foi surpreendido pela esposa. "Traidor!" – gritou a esposa. "Sou fiel!" – disse o marido, vestindo-se. "Traidor!" – repetiu ela furiosa. "Ah!" disse ele – "bem vejos que não me amas. Acreditas mais no que estás vendo do que naquilo que te digo."

PEDRO: É negar, é negar sempre contra todas as evidências.

DOMITILA: Estás vendo?

PEDRO: Estou brincando contigo, minha caipira. Mas vê bem: há um tempo em que um

relacionamento amadurece e, então, aceita-se tudo. Acabarás aceitando-me.

DOMITILA: Nunca aceitarei ser traída!

PEDRO: Acabarás aceitando minhas brincadeiras, bobinha, foi isso que eu quis dizer.

DOMITILA: Prevejo tempos difíceis, seu Dom Pedro. Não há-de ser fácil acompanhá-lo em suas brincadeiras.

PEDRO (*abraçando-a*): As dificuldades aumentam o encanto do amor. O êxito muito fácil tira-lhe o valor. E o tesão.

(*Beija-a.*)

QUARTA CENA

(*Pedro está sentado diante da mesinha consultando um livro grosso. Está muito à vontade, de chinelos, camisa e calça com suspensório caído. Domitila está na ação de vestir um belo vestido. Durante a cena ela ajeita as meias e ligas, penteia-se diante de um espelho, muito vaidosa. Ela tenta seduzi-lo. Ele tenta escapar.*)

DOMITILA (*cantando*): “Quem furta pouco é ladrão. / Quem furta muito é barão. / Quem mais furta e esconde, / Passa de barão a visconde.” Pedro, não vais te vestir? Chegaremos atrasados ao teatro.

PEDRO: Não podem começar o espetáculo antes que eu chegue. O cerimonial assim o exige. Devias saber disso muito bem, já que agora és marquesa.

DOMITILA: Por essas e outras é que eu acho ótimo que sejas o Imperador.

PEDRO: Eu também, Titila.

DOMITILA: O que estás lendo de tão interessante? Um romance?

PEDRO (*inventando, meio confuso*): Um tratado de filosofia.

DOMITILA: Que horror! E achas isso interessante?

PEDRO: Eu não disse que era interessante. Mas um homem culto como eu tem que ler muito.

DOMITILA (*lendo o título do livro, sem que ele tenha tempo de esconder*): “Tratamento para gonorréia”. Que diabo significa gonorréia?

PEDRO: É filosofia, já te disse, coisa de Patão. (*À parte.*) Por que, raios, ainda não inventaram a penicilina?

DOMITILA (*cantarolando*): “Il faut aimer, mon chou, il faut baiser. / il faut faire tout ce qu’on veut, tout ce qu’on peut.”

PEDRO: Como se intitula essa linda canção?

DOMITILA: “Chanson d’Amour, foi o que me disseram. Agrada-te?

PEDRO: Muito. Quero aprender a tocá-la na minha rebeca.

(*Sai para o interior.*)

DOMITILA: Aí vem zoadada! Ai meus ouvidos!

PEDRO (*fora de cena*): Onde, diabos, enfiaste a minha rebeca?

DOMITILA: Tu mesmo a quebraste na cabeça de tua mulher, lembra?

PEDRO (*voltando*): Mas canta, canta!

DOMITILA: Canção deliciosa, n’est ce pas?

PEDRO: Oui.

DOMITILA: Parece especialmente composta para uma lua-de-mel. Deixa-me arrepiada! (*Tirando o vestido.*) Que calor está fazendo

hoje! Bem diferente do frio de São Paulo.

PEDRO: O que houve? Não queres mais ir ao teatro?

DOMITILA: Refresco-me um pouco enquanto te espero, amorzinho... .

PEDRO: Não podemos deixar de ir. Se eu não for, eles ficarão à minha espera até o dia do juízo. Palavra que ainda vou lhes pregar essa peça! Aqueles idiotas todos esperando-me e eu em casa fornicando.

DOMITILA: É uma ótima idéia, Pedrinho!

PEDRO: Então, não continuas?

DOMITILA (*feliz*): A tirar a roupa?

PEDRO: Não! A "cantaire" a "chanson d'amour", minha cachopa.

DOMITILA: Estou aborrecida.

PEDRO: Aposto que estás com saudades de São Paulo! A propósito, fui informado de que teu ex-maridinho procurou-te. O que deseja ele?

DOMITILA: Pediu-me alguns favores. Queria tirar vantagem do fato de eu ser tua amante, o finório.

PEDRO: Dê-lhe o que quiser. Não nos custa nada e evitamos aborrecimentos. Tu o chifraste muito enquanto estavam casados?

DOMITILA: Assim me encabulas...

PEDRO: No entanto, não te encabulavas quando o chifravas. (*Rindo.*) Ele é o que se pode chamar de corno insistente, recalcitrante.

DOMITILA: Não sei por quê!

PEDRO: Insistente porque ainda te procura. Recalcitrante porque te deu duas facadas nas coxas quando te apanhou com um amante, não foi?

DOMITILA: E dizes isso rindo? Estás de muito bom-humor hoje, pelo visto.

PEDRO: Agradeça aos Céus de nunca me teres visto mal-humorado. Eu arreento, rasgo, mato e morro!

DOMITILA: Esqueces aquela vez, quando tiveste aquela doença braba? A tua rica coisinha parecia podre, pingava pus, doía, latejava, lembrás?

PEDRO: Se me lembro! Eu tinha ganas de me matar! (*Com dificuldade.*) Titila. Eu não sei mentir. Vou confessar-te uma coisa. É muito penoso pra mim. Pra nós dois. Mas eu tenho a leve impressão de que aquele mal, não sei por que voltou.

DOMITILA: Valha-no Deus! Pelo menos, vê mantém o bom-humor desta vez.

PEDRO: Farei tudo que pedires, como sempre tenho feito. Mas a maldita moléstia irrita-me os nervos, já que sou obrigado a ficar jejuo do teu amor, minha rainha.

DOMITILA: Que rainha, nada! Não me chame de rainha! Tua rainha, aquela jararaca austríaca, está no Palácio. Aliás, está fumegando! Mandou para cá os baús com as tuas roupas e um bilhete.

(*Entrega-lhe o bilhete.*)

PEDRO (*lendo com sotaque alemão*): "Senhor, faz um mês que o senhor não dorme em casa. Desejo que reconheça uma das duas, a mim ou ao monstro sedutor, ou me dará licença de me retirar para junto de meu pai em "Deutschland."

DOMITILA (*irritada*): O "Monstro" sou eu?

PEDRO: Monstro sedutor! Quem mais

querias que fosse?

PEDRO (*amassando e jogando fora bilhete com raiva*): Ela me irrita, aquela vaca!

Arre cruz credo! Mangalô três vezes!

DOMITILA: Quem mandou se casar por procuração?!

PEDRO: Sabes o que faço? Vou até ao Palácio dar-lhe uns bons pontapés na barriga!

DOMITILA: Na barriga? Podes matá-la! Cuidado! Ela está grávida!

PEDRO: Achas que não notei?

DOMITILA: Calma, filho, calma! Bebe alguma coisa para relaxar. Espera.

(*Apanha em cima da mesa uma garrafa de aguardente e serve dois copos.*)

PEDRO (*sentando-se*): Ela me paga! Mandar-me os baús! Vai ver, amassou-me toda a roupa!

DOMITILA: Calma, meu senhor, beba. (*Ele despeja um pouco de aguardente no chão para o Santo, bebe um gole, tem aquele frisson, sai pulando e batendo os dedos.*) É Parati, é das boas!

PEDRO: Cruzes! Não foi aquela que matou o guardião?

DOMITILA: Aquela mesmo!

PEDRO: Cáspite! À votre santé, madame! Fazem tchim, tchim, depois fazem aquele cumprimento de macumba dizendo: "Eparrei!", jogam outro gole para o Santo, bebem, jogam os copos fora atirando para trás, atiram-se na cama.

DOMITILA: Agora que estás mais calmo, meu amor, posso fazer-te um pedido?

PEDRO: Conforme.

DOMITILA: Ai, mau!

PEDRO: Que é?

DOMITILA: Isso é lá resposta que se dê, Pedrinho?

PEDRO: Vamos logo, dize logo o que desejas.

DOMITILA: Descansa que não vou pedir-te a lua.

PEDRO: Nem o sol?

DOMITILA: Nem o sol.

PEDRO: Fala! Que diabo, nunca te vi tão reticente assim! Quando queres dizer alguma coisa não tens papas na língua.

DOMITILA: É muito grave!

PEDRO: Faço idéia.

DOMITILA: Sabes que tudo. Nada me falta. Minha família é toda nobre, com título e pensão. Temos uma filha duquesa com direito a beijar-mão e tudo mais. Enfim, sou a favorita do Imperador, a madame Pompador dos trópicos, mas apesar disso... Ou mesmo por isso... Tenho, digamos assim, um pequeno desgosto. Para que a minha felicidade seja completa, só me falta uma coisa, uma coisiquinha à toa... O título de Imperatriz! (*Pedro leva um susto e salta da cama. Ela continua.*) Assim poderíamos nos casar, se a tua mulher e o meu ex-marido morressem. Adianto-me neste ponto porque sei que ela está morre-não-morre e ele... Bem... Quem está vivo sempre corre o risco de morrer de uma hora para outra. E depois- percebes? Se eu fosse uma princesa e tu um simples enjeitado, nem por isso eu deixaria de te amar como te amo! E faria de ti um rei! Pedrinho, já imaginaste a cara que o Zé Bonifácio ia fazer? Ia morrer roxo

de inveja!

PEDRO: Nem pensar, Domitila, nem pensar! Perdão, minha flor, mas isso não passa de pieguice tua. Para quem não tem um pingo de sangue azul, ter título de marquesa, como é o teu caso, já fica cheirando a sacanagem.

DOMITILA: O título de princesa é indispensável à minha felicidade.

PEDRO (*no mesmo tom de frescura dela*): Pois eu posso muito bem viver sem esse título.

DOMITILA: Pudera! Não precisas dele, já és Imperador. Ah, tu não me amas como eu te amo, essa é a verdade.

PEDRO: Mas por que, agora, essa história de princesa?

DOMITILA: Coisa de mulher apaixonada! Não sentes peninha da tua Titila? Vamos, é tão fácil satisfazer o meu desejo.

PEDRO: O teu capricho!

DOMITILA: É tão fácil! Basta uma penada e eu serei princesa com direito ao trono. Olha, é a última vez que te peço algo. A última vez, juro!

PEDRO: Não posso, Titila, não posso! Perderíamos a credibilidade, ambos. Eu seria um Imperador de chanchada. Tu, uma Imperatriz de porno- chanchada. Por Deus, precisamos manter o nível, custe o que custar. Compreendo o teu sonho, mas é sonho impossível. Consola-te com o título de marquesa, que esse já deu muito pano pra mangas.

DOMITILA (*chorando como criança mimada*): És mau! Muito mau!

PEDRO: Oh, não te zangues! Pára com isso! Não chora!

DOMITILA: Mau, mau, mau!

PEDRO: Qual, deixa-te disso! Não posso dar-te o título de princesa. Derrubam-me do trono. Já caíram na minha pele quando viraste marquesa. Agora eles aproveitam e comem-me o rabo! É isso que estás querendo, malvada? Não posso fazer de ti uma princesa! É um absurdo!

DOMITILA: Não é tal!

PEDRO: Tanto é, Domitila, que não o farei! Não o farei de jeito nenhum! Está dito!

DOMITILA: Se é assim, muito bem. Mas depois não te queixes.

PEDRO: Não me queixe de quê?

DOMITILA: Verás!

PEDRO: Vais fazer o quê? Ameaças-me de quê? Com quê? Com um par de chifres? É isso?

DOMITILA (*tornando-se dócil e amorosa*): Bobinho, eu nunca faria isso contigo, nunca! Primeiro, porque te amo, Segundo, por causa do trauma que te aflige: é natural para quem teve uma mãe ninfomaníaca.

PEDRO: É verdade.

DOMITILA: Fica tranquilo que eu não vou te cornificar nunca.

PEDRO: Prometes?

DOMITILA: Prometo.

PEDRO: Ai, Titila, como eu te desejo! (*Tenta levá-la para a cama.*) Eu ardo de tesão, vem!

DOMITILA: Será que não é de febre que estás ardendo? Estás doente! Pelo amor de Deus, Majestade, pare, pare! Refreie os vossos impulsos, que eu não quero ficar podre também.

PEDRO: Não dá mais, meu amor, não dá mais. Resistir quem há-de?!

Acreditas que eu seja feito de ferro?

DOMITILA: Ferro tens, meu senhor, é de lei!

PEDRO: Titila...

DOMITILA (*cedendo*): Meu demonão...

PEDRO: Sou teu fogo, teu foguinho...

DOMITILA: Majestade, Majestade, e o teatro? Estão à vossa espera.

PEDRO: Não haverá espetáculo esta noite, por motivo de força maior.

DOMITILA: E que força, Majestade!

PEDRO: O espetáculo é aqui mesmo.

DOMITILA: E então? Tu me dás ou não o título de princesa?

PEDRO: Dou-te tudo, tudo o que quiseres, tudo...

DOMITILA: Com que então já sou princesa?

PEDRO (*gozando*): És rainha! Ai, és rainha... (*Cai um para cada lado.*) És a minha rainha. Do Brasil, continuas marquesa, que eu não quero dar com os burros n'água.

DOMITILA (*furiosa. Dando um tapa na cara dele*): Tratante!

QUINTA CENA

(*Pedro entra correndo, bufando, abotoando as calças, um pé descalço. É uma cena burlesca.*)

PEDRO: Valha-me Santo André, São Bernardo, São Caetano, Diadema! Valham-me todos os santos e santas da corte celeste!

DOMITILA: Mas que foi? Que aconteceu? Parece que estás apertado!

PEDRO: Ai, deixa-me respirar um pouco, mulher!

DOMITILA: Como estás pálido e assustado!

PEDRO: Também, pudera! Vim deitando a alma pela boca.

DOMITILA: Mas dize! O que foi?

PEDRO: Uma desgraça, Titila, uma desgraça! O marido da Sessé encontrou-me em intimidades com ela! Pegou-me com a boca na botija!

DOMITILA: Queres dizer com a boca na bu...

PEDRO: Fez-me um escândalo dos diabos, o corno manso! Tive que saltar pela janela e sair correndo pela rua em desabalada carreira, numa atitude indigna de um Imperador. Isso porque o filho-da-puta vinha atrás com um trabuco. O que será que deu nele? Ele sempre me aceitou. Vai ver, confundiu-me com algum outro fodedor.

DOMITILA: Bem feito! Quem mandou que te metesses com aquela francesa de merda?

PEDRO: Que culpa tenho eu, Titila? Tu me conheces. O sangue ferve-me na excitação bestial do sexo. A hereditariedade maldita! Minha avó morreu louca. Minha mãe, bem o sabes, era uma rainha devassa, uma ninfomaniaca despudorada, cujo furor uterino satisfazia-se até mesmo com os escravos vindos d'África. Transmitiu-me o sangue pecaminoso de Espanha. E eu não consigo resistir. Eu ardo! Ardo mais que Santo Agostinho! Sonho dia e noite com a prática do coito. Cá pra nós, todo mundo sonha como eu. Mas pra mim a realização dos sonhos é mais fácil, visto que sou o manda-chuva neste País.

DOMITILA: És o galo neste galinheiro, Majestade! Não escolhes onde te enfiás. Qualquer buraco serve. Por isso tens tua bela ferramenta soltando pus. Não escapou nem minha irmã. A propósito, ela pede a Vossa Majestade o título de baronesa para si e uma pensão para o nosso filho recém-nascido.

PEDRO: Terá tanto uma coisa quanto outra, a fim de não encher os culhões. Tua família começa a irritar-me com tantos pedidos. Já tem a faca e o queijo na mão. Façam o que quiserem, não é da minha conta. Já trago muita gente às costas. Por que não roubam como o Barbacena? Estariam melhor de vida se sugassem mais o País e menos o seu Imperador, que é pobre.

DOMITILA (à parte): Além de tudo, avarento.

PEDRO: Idiotas! Sugadores de uma figa!

DOMITILA: Não começa a ofender minha família que eu me retiro!

PEDRO: Retira-te coisa nenhuma! Apanha um leque e me abana, vamos!

DOMITILA: Não gosto de receber ordens! Por isso, retiro-me!

PEDRO: Retira-te?!

DOMITILA: Retiro-me! Ficaste surdo? Aqui quem canta de galo sou eu! Estou em minha casa!

PEDRO: Casa que eu te dei! Vamos, abana-me que eu sufoco de calor e, também, de tesão! Tive que interromper-me no meio do ato, quando senti o trabuco nas costas.

DOMITILA: Pena não ser no rabo!

PEDRO: Domitila, Domitila, estou te

dando uma ordem! Apanha o leque!

DOMITILA: Não sou tua escrava!

PEDRO (agarrando-a): Senhora Dona Domitila de Castro Canto e Melo, antes a senhora não dizia isso!

DOMITILA: Pois agora digo e repito: não sou tua escrava! E solte meu braço! Magoa-me!

PEDRO: Agora estou a magoá-la! Uma mulheraça destas!

DOMITILA: Mulheraça?!

PEDRO: É bom português!

DOMITILA: É bom português, mas é desaforo! Não barateie o sagrado sentimento de amizade que nos une - isso também é bom português, mas é gentil.

PEDRO: Deixe de salamaleques pra riba de "moá"! Gentileza tem hora!

DOMITILA: Ah, é mesmo? Então vá se foder!

PEDRO (indignado): O quê?! Um dia desses, como dizia o senhor meu pai também em bom português, perco as estribeiras e pespego-te um...

DOMITILA: Pespega-me o quê?!

PEDRO (estourando): Um... Um sundeque!

DOMITILA: Sundeque? Que quer dizer isso?

PEDRO (fora de si): Confesso-te que não sei, mas o senhor meu pai não empregaria este vocábulo se não fosse vernáculo!

(Cai no chão, contorcendo-se todo.)

DOMITILA (indo socorrê-lo): Outra vez, meu Deus! *(Gritando.)* Socorro! Sua Majestade está tendo um ataque! Socorro, aia! Socorro, mucama! Acuda, madame! *(Caindo em si.)* "A-cu-da

madame"? Ai, meu Dom Pedro...
Socorro! Socorro!

SEXTA CENA

*(Pedro está lendo um livro moderno.
Domitila escuta a leitura.)*

PEDRO *(lendo)*: "Sensual, femeeiro, lúbrico, em suas veias corria o furor erótico. Sempre insatisfeito, elencou em proezas amorosas um incontável número de moçoilas, damas ou mulheres do povo, num insofrido desejo jamais acalmado. Sempre ardente, desejou Domitila *(É verdade!)* e, também, sua irmã, a futura baronesa de Sorocaba. Consumiu-se em amores afrontosos à Imperatriz e à Corte, com as francesas da rua do Ouvidor ou artistas de ribaltas de segunda ordem. Não possuía recato, não moderava as aparências. Agia às escâncaras..."

DOMITILA: Quem teve a ousadia de escrever isso? Devas mandar executá-lo em praça pública, como fizeste com frei Caneca.

PEDRO: Não posso. Trata-se de um livro publicado em 1977. *(Joga fora o livro.)* Estou farto desses moralistas de meia tigela. Do que me acusam? De amar a vida, de gozá-la? Todos esses pedantes não conseguiram apagar minha alegria e os meus desejos. Devo envergonhar-me de minha energia? Foi a natureza que me deu grandes necessidades. Tenho o sol do coração. E se o sol deve brilhar para todos, bem pode brilhar para todas. Do que se queixam? Foi este vigor que os

tornou livres de Portugal. Então eles se esquecem de que nas minhas proclamações, decretos e discursos lancei sempre o germe das idéias liberais, do americanismo, da soberania do povo, do ódio contra Portugal, apesar de eu mesmo ser português? Que lhes importa se gosto de fornicar? O Estado não tem nada a ver com o que se passa nas alcovas. Não privo de uma só carícia a liberdade. Meu coração tem vastos apetites. Meus sentidos rugem como leões. Está proibido o prazer? Por acaso, o Brasil – logo o Brasil? – fez voto de castidade? "Não existe pecado do lado de baixo do equador." Maurício de Nassau; não foi Chico Buarque, não. Tenho a franqueza de ser o que sou. O que somos todos nós: animais, simples e belos animais. Odeio a hipocrisia desses falsos moralistas, que chamam de corrupção o que é apenas necessidade legítima.

DOMITILA: Foi a nossa paixão que atraiu os raios do despeito, meu senhor.

PEDRO: E as paixões são demasiado fortes neste País tropical, cheio de chalaça e cachaça. Oh, eu te adoro, minha senhora, te adoro porque és como eu: ambiciosa. Rainha do meu coração, sei que abriste tenda de graças e passaportes em favor de parentes e amigos. Sei que caí nas garras de uma deusa insaciável. A carne é fraca, mais fraco esse meu coração português. E os moralistas, coitados, não entendem de brincadeiras com o

sexo e os dinheiros do Estado. Eles tem razão, à sua maneira. Devemos ser puros. Até onde pudermos! E é por isso que temos de ser indulgentes para com o pecador. Portanto, eu te absolvo.

DOMITILA: Eu também te absolvo.

PEDRO: Na verdade, não há o que perdoar. Por isso mesmo é que há-de haver mais compaixão.

DOMITILA: Ah, meu senhor, nada te detém. Não passas de um aventureiro. Mesmo que não tivesses um trono, serias capaz de conquistá-lo. Estivesse ele num palácio, num cemitério ou na praça pública. Chamar-se-ia trono, túmulo ou patíbulo.

(Beijam-se.)

DOMITILA: Essa é a realidade. Fale-me agora do sonho, do ideal.

PEDRO: Pois muito bem, sonhemos! *(Ele se coloca diante do espelho e começa a retirar a barba, que era postiça, naturalmente; ela retira a peruca. Ou desfaz o penteado de época.)*

PEDRO: O objetivo essencial deveria ser: felicidade para o povo. É em vão que eu me vanglorio de ter proclamado a independência do Brasil, se com isso eu não trouxe felicidade ao povo. E, hoje, um povo sofrido está sem pátria, não tem prazer, não tem amor pela liberdade, não tem nada. *(Com desdém.)* Independência ou morte? Felicidade para o povo ou morte.

DOMITILA: Mas onde está a felicidade, senhor? Quem a conhece?

PEDRO: A felicidade, minha Titila, é uma idéia nova neste País. Nossa missão deveria ser a de arrancar

o seu fogo da terra.

DOMITILA: Belas palavras! De que jeito?

PEDRO: Pela expropriação dos opressores. Pela divisão, entre os pobres, de todos os bens daqueles que impedem a liberdade.

DOMITILA: Fala, fala, meu Imperador, que este é mesmo o País dos papagaios!

PEDRO *(fazendo discurso):* Em verdade, vos digo o que é o Brasil. O Brasil... *(Resolve falar baixo, explicando em segredo.)* O Brasil é uma terra deserta, inteiramente inorganizada, onde matéria e espírito, substância e forma combinam-se para criar alguma coisa nova e viva, extremamente rica. Deus nos livre de piratas estrangeiros e de ladrões nacionais!

DOMITILA: Falas muito em liberdade, felicidade do povo etc... Por que, então, frei Caneca foi executado? Ele representava o povo e só pedia uma constituição, liberdade...

PEDRO: ... Felicidade, etc... Foi isso que eu também sempre quis, Domitila, mas a política é o jogo do gato e rato. Presta atenção: as Cortes de Lisboa zombavam de mim chamando-me de "rapazinho", de "brasileiro". Por isso, eu lhes mostrei quem eu era realmente, proclamando a independência do Brasil a 7 de setembro de 1822. Um mês depois, aceitei o título de Imperador constitucional porque era esta a vontade do povo. No fim daquele mesmo ano, jurei defender a constituição que estava para ser feita, se ela fosse digna do Brasil e de mim! O

projeto de lei - eu disse projeto - não seria lei enquanto não fosse assinado por mim! A assembléia Constituinte deveria esperar a minha aprovação.

DOMITILA: A nação é quem deve aprovar as suas leis. Tu não és a Nação. Não tinhas o direito de alterar a Constituição. Isso era função dos representantes do povo.

PEDRO (*discursando*): Dissolvi a Assembléia Legislativa e Constituinte porque o País encontrava-se à beira do abismo, da guerra civil, da anarquia, da mazorca. Eu não podia ficar de braços cruzados. Fui obrigado a tomar uma atitude drástica. Disseram por isso que eu era um traidor e que não tinha o direito de governar o País. Provocadores! Só me restou uma saída: acabar com os demagogos e os baderneiros. (*Em tom íntimo.*) Foi aí que frei Caneca se deu mal.

DOMITILA: Poderias tê-lo perdoado!

PEDRO (*voltando a discursar*): Eu não podia revogar as minhas leis! Estaria dando prova de fraqueza!

DOMITILA: Isso é tirania!

PEDRO: Isso é manter o braço firme, a fim de que a baderna não se estabeleça!

DOMITILA: Não me convenceste. Falas muito em liberdade, mas na prática és um autoritário.

(*Como resposta, Pedro "dá uma banana" e vai embora.*)

SÉTIMA CENA

(*Pedro, sozinho em cena, está lendo*

um poema que acabou de fazer. Tem a pena de pato na mão e ainda rabisca os versos finais.)

PEDRO: Deus eterno, por que me arrebataste

A minha muito amada Imperatriz?
Tua divina bondade assim o quis.
Sabe que o meu coração dilaceraste!
(*Entra Domitila e fica ouvindo sem ser vista por Pedro.*)

Tu de certo contra mim te iraste.
Eu não sei o motivo, nem que fiz.
Por isso direi como o que diz:
Tu m'a deste, Senhor, tu m'a tiraste.
Ela me amava com o maior amor.
Eu nela admirava a sua honestidade.
Sinto meu coração por fim quebrar de dor.

Um modelo tão perfeito e tão melhor
De honra, candura, bonomia e caridade.

DOMITILA: Bons sentimentos, maus versos! Pelo que vejo, hoje estás mais pra foguinho do que pra fogão, mais pra santinho do que pra demonão.

PEDRO: Ah, Senhora Marquesa de Santos, veio a propósito. Vou ser rápido e rasteiro, curto e grosso.

DOMITILA: Sempre foste!

PEDRO: Ainda mais agora! O Brasil precisa de uma nova Imperatriz. Por isso tenho de me casar de novo.

DOMITILA: Case-se comigo.

PEDRO: Não posso. És desquitada. Se, pelo menos, fosses viúva...

DOMITILA: Isso se resolve. É só mandar matar meu ex-marido.

PEDRO: E eu é que sou curto e grosso, não é?

DOMITILA: Aprendi contigo! Tudo que sei, aprendi contigo!

PEDRO: Estás louca! Já dei uma

bolacha nos cornos dele e estou satisfeito! *(Em tom impessoal, como se estivesse citando um decreto.)* É urgente que vosmecê, debaixo do pretexto de saúde, volte para São Paulo a fim de eu poder me casar, ao que de frente se opõe a sua residência nesta Corte. Esta minha comunicação deve ser tomada pela marquesa como um aviso que lhe convém aproveitar. Obedeça-me com aquele respeito que lhe cumpre como minha súdita e, principalmente, como minha criada.

DOMITILA: Eu obedeço. Minha presença não lhe há-de ser fastidiosa, nem Vossa Majestade cansado e nem deixando de casar.

(Orgulhosamente, altiva, ela apanha a sua alma e volta para São Paulo.)

PEDRO *(satisfeito, escrevendo uma carta em voz alta):* Meu bom visconde de Barbacena. Meu desejo é obter uma princesa que, por seu nascimento, formosura, virtude e instrução, venha fazer a minha felicidade e a do Império. Quando não seja possível reunir as quatro condições, poderei admitir alguma diminuição na primeira e na quarta, contanto que a segunda e a terceira condições sejam constantes. Explicando melhor, já que é suma besta, ela não precisa ser de uma alta linhagem e pode ser meio burra, mas faça "questão" que seja bonita e virgem.

UMA VOZ *(em off):* Carteiro!
(Uma carta é atirada em cena. Pedro vai correndo apanhá-la.)

BARBACENA *(voz em off):* A princesa dos Países Baixos casou, as da Itália se recusaram, a de Orleans é uma criança, as filhas do rei da Dinamarca são horrendas de feias, as da Baviera são estéreis...

PEDRO *(amassando a carta e jogando fora):* Tenho vontade de desistir de tudo e estrangular o Barbacena! Fui recusado de porta em porta por dez! Dez princesas! Pois vão todas para o diabo que as carregue! Essas princesinhas da porra que se fiquem lá pela Europa! Eu não posso mais esperar, caramba, eu estouro! *(Anda de um lado para outro e, depois, raciocina.)* Pra acabar com essa trapalhada dos infernos só há um meio, um só: casar-me eu com a marquesa de Santos! Afinal de contas, ela é a única mulher que eu amo. Aquela mulher, por uma fatalidade, é a minha paixão. *(Senta-se à mesa e escreve uma carta.)* "Minha Titila adorada. Impossível esquecer-me de vosmecê um só momento. Eu não agüento mais essa separação. Venha, minha marquesa, depressa, que aqui espera vosmecê, de braços abertos, o seu fiel, constante e verdadeiro Imperador. Assinado: Demonão P."

(Domitila volta carregando sua mala. Reencontro cheio de paixão.)

PEDRO: Meu amor, voltaste!

DOMITILA: Minha vida! Que saudades!

PEDRO *(recitando, bem canastrão):*
Saudade é dor tão pungente! / A gente sente e sente... / Não há quem agüente! *(Vão para a cama.)*

(Pedro recebe e lê uma carta.)

BARBACENA *(voz em off)*: Consegui finalmente uma noiva para Vossa Majestade! Eis o retrato da linda princesa que, aconselhada por seu tio, o rei da Baviera, ousa afinal atravessar os mares para se unir a Vossa Majestade.

PEDRO *(examinando o medalhão que veio dentro da carta)*: Ela é linda!

BARBACENA *(continuando em off)*: Sim, é a princesa mais linda, mais espirituosa, mais bem educada que se conhece. E além disso, sua tenra idade - pois ainda não conta 17 - é uma garantia de suas altas virtudes.

PEDRO *(excitadíssimo)*: 17 aninhos viçosos e frescos! Toda ela é uma orvalhada primavera de carnes! Lindíssima! Virginal! O Barbacena teve dedo... É a salvadora, a salvadora do Brasil, a minha adorada Amélia! *(Coloca o medalhão no pescoço e só então percebe que Domitila o espera no leito.)* Puta que pariu, que cagada! *(Procura criar coragem, apruma-se todo, muito formal.)* Senhora marquesa de Santos! *(Ela olha para ele cheia de paixão. Ele leva um baque, mas se recompõe novamente.)* Senhora marquesa de Santos, presta atenção!

DOMITILA: Sou toda ouvidos, Majestade.

PEDRO: Não pretendo fazer fuxico, mas o teu conterrâneo Zé Bonifácio falou-me assim: para que eu me conserve Imperador, devo aprender a ser mau e a me utilizar disso, ou não, conforme a necessidade.

DOMITILA: Já sei: e a necessidade,

agora, obriga-o a ser mau, não é mesmo?

PEDRO: Exatamente, minha senhora.

DOMITILA: És muito cruel!

PEDRO: Não devo importar-me com a pecha de cruel. Excesso de clemência e confiança exagerada podem fazer de mim um tolo. Ainda mais que as mulheres são, em geral, ingratas, volúveis, dissimuladas, ambiciosas de dinheiro e honrarias.

DOMITILA: Os homens também não são?

PEDRO: E enquanto lhes fizeres benefícios estarão sempre contigo: oferecem-te amor, sexo, filhos, desde que estejas longe de necessitar de tudo isso.

DOMITILA: Foi o machista do Zé Bonifácio quem disse isso?

PEDRO: Quero que saibas que, antes de te conhecer, minha vida transcorreu sempre em perfeita felicidade, e nunca a perturbou acidente algum.

DOMITILA: Blábláblá! Conversa pra boi dormir: tua vida louca sempre foi acidentadíssima!

PEDRO *(procurando não ouvi-la, sempre calmo)*: Tua presença fez desvanecer a ventura que eu desfrutava. És a causa de todas as minhas desgraças.

DOMITILA: Por certo, perdeste o juízo!

PEDRO: Tu me fizeste perdê-lo.

(Dramatizando de uma maneira falsa.) Maltratei minha mulher, aquela santa! Dizem que eu a matei! Foi por tua causa... Oh, eu enlouqueço realmente! *(Acusando-se diretamente.)* Se eu a matei, foi por tua causa! Em razão disso, retira-te da Corte!

Volta para a tua provinciazinha fria e triste! Vá em boa paz, mas vá agora, já! Isso é uma ordem do Imperador. É tudo quanto eu tinha que dizer-te. Adeus. *(Sai rapidamente.)*

(Domitila permanece um tempo parada, espantada. Depois começa a reagir e a gritar furiosíssima.)

DOMITILA: Pedro, volta aqui! Pedro! Volta aqui, seu galego filho da mãe! Seu machista degenerado! Volta aqui, senão faço uma revolução e te arranco do trono! Não sabes com quem estás lidando, miserável! Sou muito mais mulher do que pensas! Volta aqui, senão vou te buscar à força nem que seja na puta que o pariu!

PEDRO *(voltando humilde, temeroso):* Pelo amor de Deus, fala baixo, não faz escândalo, olha os vizinhos...

DOMITILA: Muito bem, agora é o senhor quem vai me ouvir, seu Dom Pedro das dúzias! Toda essa lenga-lenga maquiavélica quis dizer o quê?

PEDRO: Amorzinho, eu...

DOMITILA: Cala essa boca! Deixa eu falar! Quer dizer que, pela segunda vez, sou escorraçada, enxotada como uma cadela vagabunda que entrou pela tua porta por um acaso? E a vergonha, a desonra, a infâmia, atiradas em cima do meu nome? Jogas uma carroça de merda em cima de mim e te retiras, tranquilamente, como se as tuas mãos estivessem limpas. Tratas-me como uma prostituta! Será essa a fama que deixará meu nome conhecido na posteridade? Tal

injúria não tem perdão! E os nossos filhos? Filhos não te faltam, não é mesmo, garanhão? Só te falta vergonha na cara! Amei-te sem barreiras, nem pudores. Atirei-me cegamente em teus braços porque te amava até a loucura. E agora, depois de tantos anos, expulsas-me com um pontapé na bunda... Mas não te preocupes: eu vou-me embora, sim. E fica sabendo que vou-me embora porque não te suporto mais. Deixo a Corte por livre e espontânea vontade, porque não posso mais nem te ver. Porque és um bruto, um cavalo! Filho duma puta, sou muito mais mulher do que tu és homem!

PEDRO *(humilde):* Compreendo o vosso desespero, senhora Marquesa, mas o dever é que me...

DOMITILA: Dever porra nenhuma!

PEDRO: Razões de Estado me obrigam a isso! Tenho de me casar novamente com uma princesa europeia. Perdão.

DOMITILA: Achas que eu não sabia? Ela é 15 anos mais jovem do que eu. Uma ninfeta! Queres me matar de ciúme, traidor? Já não me amas como antigamente, não é assim?

PEDRO: Ainda te amo, filha, mas tantos os anos de vida em comum. A rotina. Sabes como são as coisas. Sou um homem romântico. Preciso de novas emoções. Quero sentir-me vivo. Raios que me partam, eu não sou um burocrata! Eu sou um rei! Se eu não puder realizar os meus sonhos, quem poderá realizar os seus? Infelizmente chegamos ao fim. Entre nós dois, o

fogo acabou. E eu não sei viver de brasas.

DOMITILA: O teu casamento já está marcado?

PEDRO: Se houver casamento! Para que tal aconteça, a família dela exige que te afastes da Corte.

DOMITILA: Assim será. Volto para São Paulo, dessa vez definitivamente, pra nunca mais voltar. Desgraçada de mim que ainda te amo! Mas não hei-de viver de esmolas, meu senhor. Isso nunca! Encomendaste a festa, agora paga aos músicos!

PEDRO: Eu não tenho nada.

DOMITILA: Tens o Brasil!

PEDRO: O Brasil é um país pobre.

DOMITILA: Há, há, há! Faz me rir, se Dom Pedro! O País é rico, o povo é que é pobre. Aqui neste berço esplêndido, todos que podem tomam um pouco. Também quero levar o meu. Merecidamente, aliás. É mais do que justo que eu seja indenizada por esses 7 anos, esses 7 longos anos de serviço. Chega até aqui! *(Ele se aproxima, humilde.)* E esse colar de ouro, e esses anéis, não são nada?

PEDRO: Pertencem ao Estado.

DOMITILA: Aqui e agora, o Estado sou eu! Passa pra cá! Dê-me aqui, já!

PEDRO *(entregando as jóias):* Aonde eu cheguei por tua causa...

DOMITILA: Agora é ficar quietinho. Não tugir, nem mugir. Só saio do Rio de Janeiro com as burras cheias de ouro. Preciso ter uma velhice honesta e abastada, porque depois de velho o diabo vira frade. Tenho a tua palavra?

PEDRO: Tens tudo, como sempre.

DOMITILA: Está bem. Agora ajoelha-te

(Ele vacila. Ela insiste, forte.)

Ajoelha-te! *(Ele obedece, vacilante.)* Beija meus pés, Imperador! *(Ele beija.)*

(Mudança de luz. Música.)

Pedro levanta-se do chão, sorrindo. Há finalmente um entendimento entre os dois.)

PEDRO: Adeus, Titila.

DOMITILA: Adeus, doce príncipe. Nunca mais nos veremos.

PEDRO: Estaremos unidos para sempre, pelo menos na História. Fomos um escândalo retumbante, que maravilha!

DOMITILA: Vai, meu senhor, cumpre o teu destino glorioso.

PEDRO: Daqui a um ano e meio deixarei meu filho no trono brasileiro e voltarei à Europa, para combater meu irmão em disputa pelo trono português. Vencerei, serei Dom Pedro IV, com uma grande estátua eqüestre em Lisboa. Herói no Brasil, serei também herói em Portugal.

DOMITILA: Muito obrigada pela glória que me deste. Tudo o que sou, tudo o que tenho, devô a Vossa Majestade. Daqui a alguns anos vou me casar com o governador da minha província, vou me encher de filhos e netos, vou comprar o sobrado mais bonito do Pátio do Colégio e vou morrer velhinha, com 70 anos, realizada, com fama de santa.

PEDRO: Cumprirei meu destino, depois de gerar 36 filhos, para morrer aos 36 anos, no mesmo quarto de Dom Quixote e na mesma cama em que Carlota Joaquina me deu à luz, no Palácio de Queluz. À parte isso, trago em meu peito

toda a paixão do mundo – poeta
que sou também, apesar de tudo,
com os meus versos de pés-
quebrados... Poeta, músico,
cavaleiro, epiléptico, tuberculoso,
sifilítico, bexiguento, soldado, mito.

E, sobretudo, te amo, amei, amarei
para sempre, minha Senhora
Domitila.

DOMITILA: Adeus, meu Imperador.
Valeu.

PEDRO: Valeu.

FIM

AVISO IMPORTANTE

As peças publicadas por "Teatro da Juventude" poderão ser encenadas pelos alunos de todas as instituições de ensino, tanto na capital como no interior, bem como por jovens amadores filiados a bibliotecas, clubes ou outras entidades culturais e sociais,

livres de pagamento de direitos autorais.

As apresentações profissionais em teatro, rádio, televisão etc. estarão sujeitas às normas sobre direitos autorais estipuladas pela Sociedade Brasileira de Autores Teatrais (SBAT), cuja sucursal, em São Paulo, encontra-se sediada à Avenida Ipiranga, 1. 123, 8º andar - Tel. : (011) 229-9011.

Os autores interessados em divulgar seus textos devem enviá-los - sem compromisso - à Comissão de Teatro.

Estes devem ser datilografados em espaço dois e conter a apresentação dos personagens conforme os publicados na revista.

As peças serão avaliadas, publicando-se as que forem selecionadas.

CARO LEITOR

Para receber a Revista Teatro da Juventude, envie-nos as seguintes informações:

Nome da escola ou instituição: _____

Endereço: _____

Cidade: _____ Estado: _____ CEP: _____

Tel.: _____

Nome do diretor ou responsável: _____

Número de alunos ou sócios: _____

Idades: de ___ a ___ anos

Já realizou espetáculo teatral? _____

Qual o gênero (peça, show, música, declamação ou outro)? _____

**Endereço: Secretaria do Estado da Cultura
Revista Teatro da Juventude
Rua Mauá, 51, 3º andar
Praça Júlio Prestes São Paulo - SP CEP 01028-907**



IMPrensa Oficial
SERVIÇO PÚBLICO DE QUALIDADE